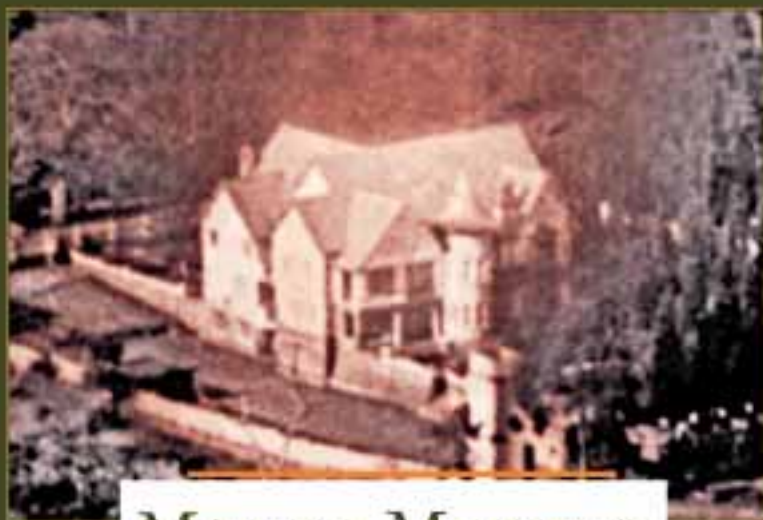


# IMAGINÁRIO DA FORMAÇÃO DO IV REICH

América Latina após a Segunda Guerra Mundial



MARCOS MEINERZ

HISTÓRIAS DO PARANÁ



MUSEU PARANAENSE

## MARCOS MEINERZ

Doutorando e Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Licenciado em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Atua principalmente nos seguintes temas: imaginário conspiratório, nazismo, discurso, sentimentos, história alternativa. Atualmente leciona História no ensino fundamental e médio.

## MUSEU PARANAENSE

Sendo uma das mais antigas instituições museológicas em funcionamento no Brasil, o Museu Paranaense tem se mantido no cenário cultural e científico brasileiro como promotor de importantes contribuições à história, à antropologia e à arqueologia do Paraná, desde sua fundação, em 1876. Ao completar mais de 140 anos de existência, o Museu oferece ao público esta nova coleção, Histórias do Paraná, em formato impresso por demanda e eletrônico, apresentando estudos selecionados por nós e pelo Departamento de História da Universidade Federal do Paraná para sua divulgação pela Sociedade de Amigos do Museu Paranaense.

Livros já publicados da Coleção

• **O Macabeu**

Imigração e identidade judaica no Paraná  
de Michel Ehrlich

• **Entre sapatos e livros**

A trajetória de um sapateiro na militância comunista em Paranaguá, PR - 1935 a 1964  
de Thiago Possiede

• **Política entre razão e sentimentos**

A militância dos comunistas no Paraná -1945-1947  
de Cláudia Monteiro



FUNDAÇÃO  
ARAUCÁRIA

Apóio ao Desenvolvimento Científico  
e Tecnológico do Paraná



#### IMAGEM DA CAPA

«O Imaginário conspiratório...» Castelo de Eldorado, localizado na cidade de Marilândia do Sul, Norte do Paraná. Construído pelo descendente de alemão João Henrique Stahlk entre os anos de 1940 e 1942, foi denunciado como esconderijo de fugitivos nazistas nas décadas de 1970 e 1980.



MARCOS MEINERZ

IMAGINÁRIO DA  
FORMAÇÃO  
DO IV REICH

América Latina após a Segunda Guerra Mundial

---

MARCOS MEINERZ

HISTÓRIAS DO PARANÁ



MUSEU PARANAENSE



Este livro foi produzido pela EDIÇÃO POR DEMANDA, por encomenda de seu autor, que detém todos os direitos de conteúdo, comercialização e distribuição desta obra.

DIAGRAMAÇÃO: EQUIPE EDIÇÃO POR DEMANDA

[www.edicaopordemanda.com.br](http://www.edicaopordemanda.com.br)

Depósito legal junto à Biblioteca Nacional,  
conforme Lei nº 10.994 de 14 de dezembro de 2004

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Bibliotecária responsável: Luzia G. Kintopp - CRB/9-1535  
Index Consultoria em Informação e Serviços Ltda.  
Curitiba - PR

M514 Meinerz, Marcos Eduardo  
O imaginário da formação do IV Reich na América Latina após a segunda guerra mundial [recurso eletrônico] / Marcos Eduardo Meinerz. — Curitiba : SAMP, 2017.  
Recurso on-line : PDF. — (Coleção Histórias do Paraná, do Museu Paranaense).

ISBN 978-85-67310-36-7

1. Guerra mundial, 1939 - 1945. 2. Nazismo - História - América Latina. 3. IV Reich - História. 4. Nazismo - Paraná. 5. Imaginário. I. Título. II. Série.

CDD: 321.94

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

IMAGINÁRIO DA  
FORMAÇÃO  
DO IV REICH

América Latina após a Segunda Guerra Mundial

---

MARCOS MEINERZ

HISTÓRIAS DO PARANÁ  MUSEU PARANAENSE

**Primeira Edição**

CURITIBA  
2017

# Créditos

## **Governador do Paraná**

Beto Richa

## **Secretário de Estado da Cultura**

João Luiz Fiani

## **Diretora-Geral da SEEC**

Jader Alves

## **Coordenador do Sistema**

## **Estadual de Museus e**

## **Diretor do Museu Paranaense**

Renato Augusto Carneiro Junior

## **Capa**

Raquel Cristina Dzierva

## **Editoração**

Roberto Guiraud – Designer

## **Revisão**

André Braga Carneiro

## **Foto da capa**

“O imaginário conspiratório...”. Castelo de Eldorado, localizado na cidade de Marilândia do Sul, Norte do Paraná. Construído pelo descendente de alemão João Henrique Stalhk entre os anos de 1940 e 1942, foi denunciado como esconderijo de fugitivos nazistas nas décadas de 1970 e 1980.

Acervo do autor

## **Sociedade de Amigos do**

## **Museu Paranaense – SAMP**

Marionilde Dias Brepohl de Magalhães

Presidente

LEI DE  
INCENTIVO  
À CULTURA



Apoio

---



# Apresentação da Coleção

**Histórias do Paraná** é uma coleção que reúne livros com diversos temas, diferentes métodos e diferentes abordagens. Seus autores narram acontecimentos e personagens que compuseram capítulos de uma história compartilhada, mas nem sempre harmoniosa, cujo cenário é o estado, embora não seja uma história do estado.

Nosso objetivo é apresentar os múltiplos olhares com que se pode ler os acontecimentos e, de modo igual, como a história pode ser entendida em sua diversidade; de visões de mundo, ações, sentimentos, ideias, interações recíprocas. Histórias que até podem ter um começo, mas que não se acabam, porque interferem em outra e mais outra.

Esta iniciativa visa difundir o conhecimento de fatos que afetaram o cotidiano dos paranaenses e também de novas propostas historiográficas, afastando-se da noção de que uma história única seja possível; na *Coleção Histórias do Paraná*, o leitor poderá dialogar com autores que debatem e, por vezes, confrontam experiências que carecem ser compreendidas em sua pluralidade.

O Museu Paranaense cumpre, com mais esta iniciativa, o objetivo de ampliar e dotar de visibilidade fragmentos do nosso patrimônio imaterial, esperando com isto atrair a atenção de pesquisadores e educadores dedicados à memória histórica e cultural do Paraná. Oferece ainda, instrumentos que subsidiem a educação informal e a formação acadêmica complementar, ao mesmo tempo em que promove o conhecimento científico do patrimônio sob sua guarda.



Agradecemos à Sociedade de Amigos do Museu Paranaense, à Fundação Araucária e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, pelos recursos destinados a estas publicações, a partir, respectivamente, da Lei Rouanet, do Ministério da Cultura do Governo Federal e do Programa Núcleo de Excelência – PRONEX, da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Paraná em parceria com o Ministério de Ciência e Tecnologia do governo federal.

Ao leitor, nosso convite para adentrar no mundo do pensamento tornado ação.

**Marion Brepohl de Magalhães**

Presidente da SAMP

**Renato Carneiro Jr.**

Coordenador do  
Sistema Estadual  
de Museus e  
Diretor do  
Museu Paranaense

## Resumo

Esta pesquisa visa analisar um conjunto de textos escritos após a Segunda Guerra Mundial, que afirmam ter havido na América Latina uma conspiração para a formação do *IV Reich*. Esse discurso está presente em obras literárias e matérias de jornais e revistas, produzidas desde o término da guerra até os dias atuais. O fato de várias pessoas envolvidas com o nazismo - como Adolf Eichmann e Josef Mengele - terem escapado do tribunal de Nuremberg e se refugiado em terras latino-americanas, deu o mote para a aparição das mais fantasiosas e fantásticas versões sobre suas pretensas atividades secretas com vista à reorganização do partido nazista no continente. O material empírico selecionado, ainda que diferente no gênero (literatura e matérias de jornais e revistas), enfatiza: experiências genéticas com humanos, reuniões secretas, bases nazistas escondidas no meio da selva, perseguições e aventuras *à la* Sherlock Holmes e James Bond, a sobrevivência de Hitler, a formação do *IV Reich* neste continente, entre outros. Do ponto de vista teórico-metodológico, apoiamos-nos nas reflexões sobre o conceito de imaginário político, principalmente nos estudos que enfocam a carga emotiva que envolve a ideia de conspiração.

Palavras – chave: Imaginário, Nazismo, *IV Reich*.

# Sumário

<b>Introdução</b> .....	19
<b>CAPÍTULO 1 - O QUE RESTOU DO III REICH</b>	
As Diferentes memorizações sobre a Segunda Guerra Mundial.....	31
1.1 O novo “Perigo Alemão” e os criminosos de guerra na América do Sul.....	48
1.2 A Guerra acabou: Destino América do Sul.....	57
1.3 A Operação Odessa - Organização dos Ex-Membros da SS.....	66
<b>CAPÍTULO 2 - OS QUE NUNCA MORREM:</b>	
O imaginário conspiratório da criação do IV Reich na América Latina.....	75
2.1 Elvis não morreu e Hitler também não! Eichmann, Mengele, Bormann e Hitler na América.....	82
2.2 Entre aventuras, realidades e ficção: O agente Erich Erdstein.....	94
2.3 A história da maior caça humana de todos os tempos: A caça a Martin Bormann.....	117

### **CAPÍTULO 3 - MINI-REICH OPERA NO BRASIL:**

A reaparição do Fantasma Pardo.....	140
3.1 Mengele e os gêmeos de Cândido Godói.....	141
3.2 Seguindo as pegadas de Martin Bormann e Josef Mengele: as investigações do “agente” Erdstein no Paraná e Santa Catarina.....	149
3.2.1 O IV Reich em Marechal Cândido Rondon.....	161
<b>Considerações finais</b> .....	195
<b>Fontes</b> .....	205
<b>Referências bibliográficas</b> .....	208

## Apresentação

Nasci e cresci em Marechal Cândido Rondon, cidade localizada no extremo oeste do Paraná. Desde muito jovem eu ouvia histórias de que o dono de uma certa residência da cidade – muito misteriosa devido a sua arquitetura um tanto quanto incomum – era um nazista e que a sua casa servia como local de reuniões secretas de nazistas da região. Mengele e o próprio Hitler já teriam se hospedado por lá. De acordo com a lenda, a casa possuía uma sala com várias mechas de cabelo de judeus dependuradas no teto e que até esqueletos humanos existiam por lá. Uma das maiores lendas que tal casa possui, consequentemente da cidade, diz respeito a um túnel que existiria interligando-a a uma outra residência. Este túnel serviria para uma eventual fuga dos nazistas (Hitler, Mengele ou Bormann) que estivessem hospedados na casa.



**IMAGEM 01** – A suposta residência de nazistas em Marechal Cândido Rondon.  
Fonte: Acervo Pessoal.

A casa em questão pertencia ao imigrante alemão Heribert Gasa, que participou da Segunda Guerra Mundial como mecânico e pára-quedista do exército nazista. Chegou à cidade de Marechal Rondon no começo da década de 1960 a convite de seu amigo Friedrich Seyboth que também participara da guerra como médico.

Nunca tive a oportunidade de conhecer o interior da residência para tentar talvez encontrar tal túnel tão comentado em minha cidade. Porém, em 2006 – quando eu estava no primeiro ano do curso de história da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* localizado na própria cidade, movido mais pela curiosidade do que qualquer outro motivo – surgiu a oportunidade de trabalhar como voluntário na casa através de um projeto de extensão idealizado por alguns professores do curso. Esse projeto visava higienizar, catalogar, restaurar e organizar o acervo pessoal que Gasa deixou ao falecer em 2003 aos oitenta e três anos de idade. Esse acervo corresponde a uma grande quantidade de filmes e fotografias (muitas sobre o início da colonização da cidade), livros, revistas, moedas, aparelhos fotográficos, documentos particulares, instrumentos musicais e armas (inclusive algumas que trouxera da guerra).

Foram mais de três anos de trabalhos na casa e tive tempo suficiente de conhecê-la muito bem e de procurar o tal túnel, mas para minha frustração não encontrei nenhum indício de sua existência. Contudo, a casa possui muitas portas falsas, passagens, um subsolo com aspectos arquitetônicos árabes, sauna, dez banheiros, enfim, das mais variadas excentricidades. Nesse período, foi aberto no local o “Instituto Cultural Casa Gasa” com o objetivo de preservar e expor a memória deixado por Hans Heribert Gasa ao público. Eu era responsável por guiar os visitantes pela casa, bem como explicar os mínimos detalhes da vida de Gasa. A pergunta mais frequente dos curiosos era

sobre o suposto túnel. Muitos, inclusive, afirmavam veementemente a existência do mesmo.

Em 2008, quando estava trabalhando no acervo deixado por Gasa, encontrei vários recortes de matérias de jornais e revistas do Brasil dentro de uma caixa de sapato, datados de 1960-1970, que indicavam uma suposta conspiração no município de Marechal Cândido Rondon para a formação do *IV Reich*. Reportagens apontando a cidade como o centro do neonazismo na América do Sul e outras indicando que alguns dos seus moradores mais célebres seriam Josef Mengele e Martin Bormann. Depois disso, encontrei na própria biblioteca de Hans Gasa vários livros de “caçadores de nazistas” empenhados em encontrar o paradeiro dos asseclas de Hitler pelo mundo. A partir desse momento comecei a pesquisar sobre o assunto.

Na graduação em História, concluída em 2010, pesquisei as condições de produção dos discursos sobre a suposta relação da cidade com o nazismo nas décadas de 1960 e 1970. Sentido que poderia colher mais frutos sobre a temática, ingressei no Mestrado em História na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, no ano de 2011. Na dissertação eu ampliei meu horizonte e analisei a temática como parte de um imaginário conspiratório existente na América do Sul, onde os nazistas estariam empenhados em criar o *IV Reich*. Mestrado concluído no ano de 2013. Esse livro, portanto, é fruto da minha dissertação de mestrado.

Gostaria de agradecer a todos os que contribuíram, direta ou indiretamente, para a escrita deste livro: à minha mãe, que mesmo sem entender direito o que eu faço, sente-se sempre orgulhosa de ter um filho professor; à minha orientadora Dr.<sup>a</sup> Marionilde Dias Brepohl de Magalhães, pela orientação atenciosa, pela leitura dos meus textos e pelos valiosos conselhos e sugestões; à minha esposa Carem Aline de Oliveira; ao meu ex-orientador de graduação e grande amigo

Dr.º Marcos Nestor Stein. Aos meus amigos que acompanharam a produção desse trabalho, especialmente: Daniel Nodari, Dayane Hessmann, Adolfo Tydercke Junior, Fernando Greselle Hartmann, Jonas Koren, Cleriston Santos, Ricardo Junges, Renato Romero, Bruna Gasparotto, Dominik Rabbers, José Gustavo, Cíntia Melo, Emerson Gasparotto e Júnior Kurtz (*in memoriam*).



## Introdução

Quando o historiador mergulha no passado, ultrapassando suas próprias vivências e recordações, conduzido por perguntas, mas também por desejos, esperanças e inquietudes, ele se confronta primeiramente com vestígios, que se conservam até hoje, e que em maior ou menor número chegaram até nós. Ao transformar esses vestígios em fontes que dão testemunho da história que deseja apreender, o historiador sempre se movimenta em dois planos. Ou ele analisa fatos que já foram anteriormente articulados na linguagem ou então, com a ajuda de hipóteses e métodos, reconstrói fatos que ainda não chegaram a ser articulados, mas que ele revela a partir desses vestígios.<sup>1</sup>

Mais de sessenta e sete anos se passaram desde que os eventos da Segunda Guerra Mundial chegaram ao seu fim em 1945. Durante esse período foram produzidos inúmeros trabalhos sobre o nazismo, vide a importância de explicar um dos episódios mais marcantes do século XX. No cerne destes, encontramos vários estudos que abordam as mais diferentes temáticas sobre o assunto, ora privilegiando aspectos econômicos, ora políticos, ora sociais. Em uma rápida pesquisa podemos nos deparar com muitos estudos sobre um dos personagens mais instigantes do século passado, Hitler.

---

<sup>1</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p. 305.

Nesse mesmo período encontramos uma vasta produção literária dedicada a denunciar a existência de uma conspiração para a formação do *IV Reich* na América Latina e que o próprio Hitler estaria vivo para, juntamente de seus discípulos Martin Bormann e Josef Mengele, liderar novamente a “raça ariana”. A pesquisa a seguir aborda esse aspecto até então pouco estudado sobre as consequências dos eventos vinculados ao nazismo na primeira metade do século XX: a suspeita de que tais personagens estariam se reorganizando politicamente na América Latina.

Exemplo disso são os livros de Erich Erdstein e Ladislav Farago. Em 1974, o jornalista húngaro Ladislav Farago, publicou nos Estados Unidos o livro, “*Aftermath. Martin Bormann and the Fourth Reich*”<sup>2</sup> (*Consequências. Martin Bormann e o Quarto Reich*). Nele é narrada a caça a Martin Bormann pela América do Sul efetuada pelo próprio autor. Em 1977, Erich Erdstein e Bárbara Bean publicaram o livro, “*Renascimento da Suástica no Brasil*”,<sup>3</sup> no qual é narrada a caça a Mengele, efetuada por Erdstein. Ambos os livros denunciam a existência de células nazistas em toda América do Sul empenhadas em formar o *IV Reich*.

Em “*The Grey Wolf – The Escape of Adolf Hitler*” (O lobo cinza – a fuga de Adolf Hitler), livro que acaba de ser lançado no Reino Unido (2011), os britânicos Gerrard Williams e Simon Dunstan sustentam que Hitler escapou do *bunker* três dias antes de seu suposto

---

<sup>2</sup> FARAGO, Ladislav. **Aftermath: Martin Bormann and the Fourth Reich**. New York: Simon and Schuster, 1974.

<sup>3</sup> ERDSTEIN, Erich e Bean, Bárbara. **Renascimento da Suástica no Brasil**. São Paulo: Circulo do Livro S.A. 1977.

suicídio. Ele teria se instalado em mais de uma residência na Patagônia, Argentina, com sua esposa Eva Braun e duas filhas.<sup>4</sup>

Da mesma forma que Willians e Dusntan não acreditam na morte de Hitler, temos o escritor e jornalista argentino Abel Basti, que escreveu quatro livros sobre a suposta fuga de Hitler para a Argentina. Em 2004 Basti lançou o livro intitulado, “*Bariloche Nazi*”; em 2006 lançou o livro “*Hitler en Argentina*”; em 2010 lançou o livro “*El Exílio de Hitler en Argentina*”; e seu último livro de 2011 recebeu o título de “*Los secretos de Hitler*”.<sup>5</sup>

Uma pequena amostra de uma vasta produção sobre o assunto que parece inscrever-se em um clima psicológico de incerteza, insegurança e medo instaurado após a Segunda Guerra Mundial, no qual o nazismo poderia se reestruturar em algum lugar do mundo. Esses sentimentos foram representados e podem ser verificados com a grande produção sobre o assunto, não apenas presente em literaturas e matérias de jornais e revistas, mas também em filmes e documentários.

\*\*\*

Todas as épocas possuem as suas modalidades específicas de fazer emergir um determinado imaginário, assim como possuem modalidades específicas de sentir e acreditar. Pensar sobre imaginários e mitologias políticas na contemporaneidade constitui tarefa difícil, pois

---

<sup>4</sup> WILLIAMS, G. DUNSTAN, S. **The Grey Wolf** – The Escape of Adolf Hitler. United Kingdom: Sterling, 2011.

<sup>5</sup> Para verificar as obras de Abel Basti ver: <http://www.barilochenazi.com.ar/>

pressupõe considerar uma pluralidade de propostas teóricas que sustentam e apontam diferentes abordagens sobre o que vem a ser mito.

Segundo Bronislaw Baczko, a influência dos imaginários político-sociais sobre a mentalidade coletiva depende da difusão destes e dos meios que asseguram tal difusão. Nas últimas décadas, os meios de comunicação de massa funcionam com excelência para o controle dos imaginários. Esses garantem a possibilidade de um discurso atingir uma audiência enorme e com a gradual evolução dos meios de comunicação, amplificam-se extraordinariamente as funções performativas dos discursos difundidos e, nomeadamente, dos imaginários que eles veiculam.<sup>6</sup>

Para Luis Felipe Miguel, no seu livro, *Mito e discurso político*,<sup>7</sup> a compreensão de um imaginário exige, do lado da recepção, o estudo das condições dessa receptividade: aquilo que Bronislaw Baczko classifica de "problema-chave" para o estudioso dos imaginários político-sociais, que é a historicidade dos mitos políticos. Condições que, para Baczko, "*são culturais — e que, como de resto todo esse fenômeno complexo que pode ser chamado de "imaginário coletivo", sofre, nas sociedades contemporâneas, o impacto crescente dos meios de comunicação de massa*".<sup>8</sup>

Uma das principais abordagens sobre o mito é a de Mircea Eliade, que o concebe como narrativas de histórias sagradas, do fabuloso nas sociedades mais antigas, o qual possui valor explicativo de

---

<sup>6</sup> BACZKO, Bronislaw. **A imaginação social**. In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

<sup>7</sup> MIGUEL, Luis Felipe. **Mito e discurso político**: Uma análise a partir da campanha eleitoral de 1994. São Paulo: Editora Unicamp, 2000.

<sup>8</sup> Ibidem. p. 30.

fatos, fenômenos e de formas de organização social, ditas ainda, narrativas de origem, que através de uma reatualização periódica, buscam interromper o fluxo do tempo histórico. Segundo Eliade, o mito é uma realidade cultural complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas, ao mesmo tempo, múltiplas e complementares. Para o autor, o mito conta uma história sagrada, relatando um fato histórico que teve lugar no tempo fabuloso dos começos, onde tudo começou:

O mito conta como, graças aos feitos dos Seres Sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, quer seja uma realidade total, o Cosmos, quer apenas um fragmento, uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre portanto uma narração de uma criação, descreve-se como uma coisa foi produzida, como começou a existir.<sup>9</sup>

Temos também a abordagem de Roland Barthes sobre as mitologias contemporâneas. Um aspecto destacado por Barthes sobre o mito é o fato de ele ser uma fala. Com isso, indica que o mito pressupõe, na verdade, um discurso que pode ser formado por uma linguagem verbal ou visual: linguagem, discurso, fala, toda unidade verbal e visual (uma fotografia) é considerada por Barthes uma fala “exatamente como um artigo de jornal”.<sup>10</sup> Em segundo lugar, Barthes demonstra que o mito é um discurso que atua e age sobre outro discurso, alterando-o. O mito impõe ao signo um novo significante e significado, gerando outro signo. Assim, o mito também pode se caracterizar por ser um discurso gerado pela História, uma vez que

---

<sup>9</sup> ELIADE, Mircea. **Aspectos do Mito**. Lisboa: Edições 70, 1988. p. 12-13.

<sup>10</sup> BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2006. p. 201.

é ela a transformadora do real em um discurso que interfere no modo com que entendemos a realidade. A História que transforma o real em discurso e que comanda a vida e morte da linguagem mítica. “Longínqua ou não, a mitologia só pode ter um fundamento histórico, visto que o mito é uma fala escolhida pela História: não poderia de modo algum surgir da “natureza” das coisas”.<sup>11</sup>

Mais próximos de nossa referência de pesquisa, são os estudos e as concepções de Raoul Girardet, para quem as formulações anteriores correspondem a alguns dos aspectos do mito político, como este se inscreve na história de nosso tempo, mas sugere a concepção do mito como um reflexo de um sistema de valores ou de um tipo de mentalidade que surge e eclode em momentos de intensa crise e de desnortamento coletivo, como sintoma de anomia social.<sup>12</sup>

Segundo Girardet, são quatro os principais mitos políticos presentes no imaginário de nossa sociedade: o mito da Conspiração maléfica tendendo submeter os povos à dominação de forças obscuras e perversas. O mito do Salvador ou apelo ao chefe salvador, restaurador da ordem ou conquistador de uma nova grandeza coletiva. O mito da Idade de Ouro da qual convém redescobrir a felicidade ou de uma Revolução redentora que permite à humanidade entrar na fase final de sua história e assegurar para sempre o reino da justiça. E o mito da Unidade, ou seja, a ideia de uma sociedade coesa, feliz e igualitária.<sup>13</sup>

Girardet também fala das dificuldades de se estudar um imaginário. Segundo ele, nesse paradoxal empreendimento que consiste em

---

<sup>11</sup> Ibidem. p. 201.

<sup>12</sup> GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>13</sup> Ibidem. p.11.

transcrever o irracional na linguagem do inteligível, “*não dissimulamos o quanto se arriscam a parecer incertos, parciais e incompletos os resultados de semelhante investigação*”:<sup>14</sup>

A realidade mítica é tal que escapará sempre, por alguns de seus aspectos, à mais sutil como à mais rigorosa das análises. É uma esperança sem dúvida bem ilusória pretender definitivamente transcender a oposição do racional e do imaginário. Encontramo-nos em um domínio onde o único verdadeiro conhecimento seria da ordem do existencial: apenas aqueles que vivem o mito na adesão de sua fé, no impulso de seu coração e no empenho de sua sensibilidade se encontrariam em condição de exprimir sua realidade profunda. Visto do exterior, examinado com exclusivo olhar da observação objetiva, o mito corre o risco de não mais oferecer senão uma imagem fossilizada, seca, prancha de anatomia despojada de todos os mistérios da vida, cinzas esfriadas de uma fogueira incandescente. Entre os dados da experiência interiormente vivida e os do distanciamento crítico, o hiato subsiste; talvez seja possível reduzi-lo, mas é vão sonhar em aboli-lo totalmente. O mito só pode ser compreendido se é intimamente vivido, mas vivê-lo impede dar-se conta dele objetivamente. Objeto de estudo, ele tende, inversamente, a imobilizar-se em uma sucessão de dados estáticos; tende igualmente a se

---

<sup>14</sup> Ibidem. p. 23.

esvaziar de seu conteúdo emocional, ou seja, do essencial de si mesmo.<sup>15</sup>

Essa constatação, segundo Girardet, é capaz de proporcionar ao historiador uma “oportuna lição de modéstia”, que em sua vontade de conhecer e de compreender o desenrolar da aventura humana através do tempo, não é inútil que ele se lembre de que “há portas que não poderá jamais forçar, de que há limites que não poderá jamais transpor”.<sup>16</sup>

O estudo do imaginário político nos conduz a uma outra indagação: o papel das emoções e dos sentimentos na política. Esse é um campo relativamente novo, que começou a ganhar destaque a partir da década de 80 do século passado. Segundo Pierre Ansart, a dimensão afetiva da vida política, os sentimentos comuns, as paixões coletivas que participam das práticas políticas constituem um domínio de difícil conhecimento, um desafio. Portanto, indaga Ansart, “como compreender e explicar a intensidade de uma emoção coletiva e suas consequências, a persistência de um apego, a violência de um amor ou de ódios políticos?”.<sup>17</sup>

Essas observações foram feitas por Ansart na introdução de seu livro *La gestion des passions politiques* de 1983. No início da década de 1980, a recusa em enfrentar essas dificuldades era a solução mais comum. A ciência positivista optou por eliminar de seu campo de observação essas experiências cotidianas para somente reter da

---

<sup>15</sup> Ibidem. p. 23.

<sup>16</sup> Ibidem.

<sup>17</sup> ANSART, Pierre. *La gestion des passions politiques*. APUD: SEIXAS, Jacy, BRESCIANI, Maria, BREPOHL, Marion. **Razão e paixão na política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 7.



“realidade” política aquilo que pode ser traduzido racionalmente. Mas segundo Ansart, essa escolha custa o preço de um fracasso: é impossível dar conta da experiência concreta dos agentes da história tais como eles a vivenciam ou a sofrem.<sup>18</sup>

Uma das primeiras pensadoras a dar atenção às paixões, aos sentimentos e às sensibilidades no atuar político foi Hannah Arendt. Segundo Marion Brephol de Magalhães, quando a maioria dos historiadores interpretava os processos históricos como exclusivamente movidos pelo pensamento organizado, a que denominava ideologia ou utopias, “*Arendt colocará em evidência sentimentos coletivos que se cristalizavam, por exemplo, no antissemitismo, no racismo e na adoração ao líder, acontecimentos tão ou mais importantes que ideias, doutrinas e instituições*”.<sup>19</sup>

Tempos depois, autores como os já citados Girardet e Ansart resgataram e aprofundaram, de maneira mais sistematizada, métodos e abordagens que contemplassem os sentimentos na política. De acordo com Magalhães,

outrora considerados pelos historiadores com sintomas de desnorteamento coletivo ou ainda, como um conjunto de reações violentas e passionais típicas das camadas subalternas, a partir destes autores, o estudo dos sentimentos e das sensibilidades como um novo lugar para a História tem se consolidado cada vez mais, justificado, por um lado, por razões epistemológicas, e por outro lado, pela

---

<sup>18</sup> Ibidem.

<sup>19</sup> BREPOHL DE MAGALHÃES, Marion. **Imaginação literária e política: os alemães e o imperialismo 1880/1945**. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 109. p. 29.

experiência mesma com os acontecimentos contemporâneos: os ódios públicos, as paixões revolucionárias, o fenômeno do engajamento, os mitos de unidade irracionais, tão decisivos na ação política quanto as sociabilidades entretecidas a partir do pensamento organizado. Assim, tais fatores exigem, uma investigação que dê conta de analisar as diferentes maneiras de sentir, bem como de eliminar a rígida dicotomia entre o sentir e o pensar.<sup>20</sup>

Isto posto, é importante frisar que o objetivo desse trabalho foi analisar um sentimento formado após a Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, observamos a formação, no cerne dos imaginários sociais, de alguns medos em decorrência do “clima” apocalíptico da Guerra Fria. Podemos citar: o medo da conspiração comunista, o medo da conspiração judaica para dominar o mundo, o medo da Terceira Guerra Mundial e a eminente destruição de todo o planeta pelas bombas nucleares, o medo e o aparecimento dos discos voadores (ETs) e o medo da formação do *IV Reich* na América Latina – que é o nosso objeto de estudo. Como assinala Girardet, para compreendermos um mito/imaginário é importante estudar o contexto histórico que ele surgiu e atuou.

Cabe explicar aqui a dificuldade em determinar um gênero literário para as obras analisadas neste estudo, uma vez que, muitos autores pretendem narrar os fatos como reais e com pretensões históricas – com evidências e provas documentais, como por exemplo, os livros que denunciam a sobrevida de Hitler após 1945, pois ele teria escapado da Alemanha a tempo, refugiando-se na Argentina até a sua morte -

---

<sup>20</sup> Ibidem. p. 30.

e outros que abordam o tema como sendo um romance, uma ficção. Isso torna difícil a tarefa de perceber até que ponto esses campos discursivos distintos caracterizam um gênero literário. O que explicitaremos aqui, e que nesse momento da pesquisa parece-nos ser mais importante, é a vasta produção existente, seja ela com pretensão histórica ou um romance histórico.

Outra dificuldade encontrada diz respeito à contextualização de algumas reportagens de jornais e revistas. Como encontramos muitas delas em recorte, apenas a matéria em si, torna-se difícil, em alguns casos, fazer uma abordagem mais aprofundada sobre quem são seus autores e em quais circunstâncias foram publicadas (eram matérias de capa? Receberam manchetes? Questões que interferem na forma como analisamos o caráter destas reportagens). Até mesmo alguns livros são de difícil contextualização sobre seus autores, pois as informações a respeito dos mesmos são escassas tanto nos seus livros como em outros arquivos.

Dessa forma, dividimos o texto em três capítulos. No primeiro, tratar-se-á de discutir algumas das principais matrizes de memorização sobre a Segunda Guerra Mundial: a memória dos aliados, a memória dos alemães ocidentais e principalmente a memória dos judeus, buscando salientar que apesar dessas três possuírem maior recorrência e visibilidade, as memorizações sobre a Segunda Guerra não se encerram com elas. Além disso, pretende-se analisar como várias pessoas consideradas criminosas de guerra conseguiram escapar da Alemanha, atravessar o Atlântico e se refugiar em terras latino-americanas.

No segundo capítulo, pretende-se analisar alguns textos de autores que “produziram” uma determinada memória dos nazistas e do nazismo, de como eles estariam se reorganizando clandestinamente na América Latina. Trata-se das obras de Erich Erdstein “Renascimento da Suástica no Brasil”; a obra de Ladislav Farago “*Aftermath. Martin*

*Bormann and the Fourth Reich*” (Consequências. Martin Bormann e o Quarto Reich)”; o livro de Roberto Botacini “Nazistas na América” e o livro “*The Hunt for Martin Bormann*” (A caça a Martin Bormann) de Charles Whiting.<sup>21</sup>

O terceiro e último capítulo analisa as matérias de jornais e revistas que denunciaram as cidades brasileiras de Rio do Sul – Santa Catarina, Marechal Cândido Rondon – Paraná e Cândido Godói – Rio Grande do Sul, como cidades onde supostamente existiam células nazistas empenhadas em criar o *IV Reich* na América do Sul. São matérias baseadas principalmente nos livros de Farago e Erdstein, quando esses apontam as mesmas como reduto de nazistas. Tornou-se importante estudar esse material porque eles disseminaram o conteúdo dos livros com outra linguagem: do jornalismo investigativo. E isso demonstra a circularidade da mensagem, da temática.

Cabe ainda esclarecer que não estamos criando um discurso que negue a veracidade dos fatos narrados. O que fizemos foi analisar e demonstrar a interferência do imaginário político da formação do *IV Reich* na opinião pública. Analisando também como essas fontes representaram ao mesmo tempo em que contribuíram para a formação desse imaginário.

---

<sup>21</sup> Aspectos dessas obras serão abordados no primeiro capítulo.

# CAPÍTULO 1

## O QUE RESTOU DO III REICH

### **As Diferentes memorizações sobre a Segunda Guerra Mundial.**

Após o “Dia D” – 6 de junho de 1944 – a Segunda Guerra Mundial entrava em sua fase final, culminando com a rendição da Alemanha e logo depois do Japão. Mais de meio século após ter sido destruído pelos Aliados, o nazismo continua a despertar não só o interesse dos historiadores e outros investigadores, mas também a suscitar a curiosidade de inúmeros leitores quanto às origens de um fenômeno político que produziu efeitos trágicos e devastadores para uma grande parte da humanidade.

Dentre todas as emoções coletivas, as guerras são as que possuem maior recorrência junto ao imaginário social. Segundo Marion de Magalhães,

de todas as guerras, a que causou maior perplexidade no presente século foi a Segunda Guerra Mundial. Não apenas pela brutalidade dos atos que então foram cometidos, ou pela intensidade das técnicas de violência implementadas, mas principalmente pelo desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, que se responsabilizaram, pela primeira vez

na história, por difundir cotidianamente aqueles acontecimentos em todo o mundo. Destes relatos, veiculados em jornais, rádio e cinema, produziram-se inúmeras e diferentes memorizações.<sup>22</sup>

Nessas inúmeras e diferentes memorizações, encontramos as de intelectuais como Theodor Adorno, Primo Levi, Bertold Brecht e Charles Chaplin; de políticos como Churchill ou De Gaulle; de jornalistas das mais variadas tendências ideológicas; e dos meios de comunicação de massa em geral, que transformam os acontecimentos daquele conflito em motivo de celebração e de comercialização. Porém, segundo Magalhães, existem três matrizes de memorização sobre a Segunda Guerra que possuem maior recorrência e visibilidade. São elas: a memória dos judeus, a memória dos aliados e a memória dos alemães ocidentais.<sup>23</sup>

Entre essas três matrizes, a memória dos judeus possui uma grande produção historiográfica, literária e memorialística devido ao holocausto nazista (monumentos e museus).<sup>24</sup> Entretanto, como nos mostra Norman Finkelstein, no seu livro intitulado, *A indústria do holocausto*, o extermínio de judeus durante a Segunda Guerra foi

---

<sup>22</sup> MAGALHÃES, Marionilde D. B. In: **1945 – Hora zero de um novo tempo: cinquentenário do final da Segunda Guerra Mundial** – Curitiba: Instituto Goethe de Curitiba: Programa de Pós-Graduação em História do SCHLA da UFPR, 1995. p. 32.

<sup>23</sup> Ibidem.

<sup>24</sup> Queremos alertar para o fato de que não pretendemos se estender muito nas matrizes de memória dos aliados e dos alemães ocidentais, porque a memória da comunidade judaica é a que mais evoca, junto ao imaginário social, o mito da conspiração; além disso, esta última influencia sobremaneira as duas primeiramente citadas. Procuramos, portanto, abordar mais detalhadamente as críticas que os usos desta memória receberam.

transformado em uma representação ideológica que defende interesses de classe e sustenta políticas de interesses econômicos para Israel e Estados Unidos e para os judeus em geral. Finkelstein recorda sua infância, durante a qual não se discutia o holocausto, para mostrar que o interesse pelo assunto coincidiu com a Guerra dos Seis Dias (1967), quando os Estados Unidos perceberam que seria interessante ter um parceiro forte no Oriente Médio.<sup>25</sup> E, para os grupos judaicos americanos e a direita então no poder em Israel, a melhor forma de “conquistar simpatia” era propagar a ideia de que a hostilidade árabe poderia levar a uma reedição da solução final.<sup>26</sup>

É quando, segundo Finkelstein, nasce a indústria do holocausto e ganham destaque personagens como Simon Wiesenthal, que se dedicou a caçar nazistas após a guerra. Essa indústria dedica-se a cobrar indenizações de empresas e países, e o autor acusa instituições judaicas mundiais de mentir sobre o número de sobreviventes do holocausto para extorquir dinheiro que não é efetivamente entregue às vítimas reais. O que transformaria o sofrimento de milhões de judeus a instrumento de chantagem.<sup>27</sup>

O número de sobreviventes nos campos de concentração é exagerado, segundo o autor, para chantagear bancos suíços, indústrias alemãs e países do Leste Europeu em busca de indenizações financeiras. A luta feroz por indenizações teria como efeito colateral insuflar o antisemitismo na Europa. Israelenses e judeus americanos são hoje a grande força de opressão, perseguindo palestinos e negros americanos.

---

<sup>25</sup> FINKELSTEIN, Norman. **A Indústria do Holocausto**. São Paulo: Editora Record, 2001.

<sup>26</sup> *Ibidem*.

<sup>27</sup> *Ibidem*.

Finkelstein não nega a existência do holocausto como fato histórico, denunciando, porém, os usos do holocausto, como uma submissão dos fatos a uma interpretação interessada, no caso a política de auto-conservação do Estado de Israel apoiada pelos Estados Unidos.

Assim como afirma o escritor israelense, Boas Evron, o holocausto nazista é atualmente “*uma doutrina oficial de propaganda, um martelar de slogans e uma falsa visão do mundo, cujo objetivo real não é entender o passado, mas manipular o presente*”.<sup>28</sup>

Segundo Finkelstein, a memória do holocausto nazista se transformou numa “indústria” do holocausto e com isso, a maior parte dos textos sobre a *Solução Final* de Hitler perdeu valor como estudo. E de fato, este campo de estudos está repleto de “*falta de sentido, quando não cheio de fraudes, e especialmente revelador é o meio cultural que alimenta esta literatura*”.<sup>29</sup>

Finkelstein apresenta três obras literárias que foram consideradas como embustes sobre o holocausto nazista: *The Painted Bird* (O Pássaro Pintado), de Jerzy Kosinski; *Fragments* (Fragmentos), de Binjamim Wilkomirski; e o mais recente “*exagero sobre o Holocausto*” é *Hitler’s Willing Executioners* (Os Carrascos voluntários de Hitler), de Daniel Jonah Goldhagen.

O primeiro maior embuste sobre o holocausto, afirma Finkelstein, é o livro de Kosinski – *The Painted Bird* de 1965. Kosinski, escritor e ator judeu, nasceu na cidade polonesa de Łódź no dia 18 de

---

<sup>28</sup> EVRON, Boas. **Holocaust:** The Uses of Disaster. Radical America (julho-agosto de 1983), p. 15. APUD: FINKELSTEIN, Norman. Op. Cit. p. 43.

<sup>29</sup> Ibidem. p. 53.



junho de 1933, naturalizou-se norte-americano e faleceu em Nova York no dia 3 de maio de 1991. Segundo Finkelstein, *The Painted Bird* se tornou um texto básico do holocausto. Foi um *bestseller* e vencedor de prêmios, traduzido para inúmeras línguas e imposto como leitura nas escolas. O livro se propôs a ser um relato autobiográfico do autor, das errâncias de uma criança solitária por uma Polônia rural durante a Segunda Guerra Mundial. O tema do livro é a tortura sexualmente sádica perpetrada pelos camponeses poloneses, retratando como eles eram virulentos antisemitas: “*Bata nos judeus. Bata nos Bastardos, eles escarneciam*”.<sup>30</sup>

Porém, como afirma Finkelstein, Kosinski foi desmascarado por um seminário investigativo. Ele viveu com seus pais durante toda a guerra e teria inventado quase todos os episódios patológicos narrados por ele. E na realidade, os camponeses poloneses, que no livro são apresentados como “virulentos antisemitas”, acolheram a família de Kosinski, apesar de saberem que eram judeus e das terríveis consequências que eles próprios sofreriam se fossem pegos.<sup>31</sup>

No livro, *Fragments* de Binjamim Wilkomirski de 1995, o autor, semelhante à Kosinski descreve a si próprio como uma criança judia sobrevivente, solitária e órfã, que ficou muda, encerrada num orfanato e só muito mais tarde descobriu ser judeu. Finkelstein assevera que, como em *The Painted Bird*, a narrativa principal de *Fragments* é a voz simples, limitada, de uma criança inocente, permitindo vagas alusões a tempo e nomes de lugares. Cada capítulo do livro tem seu clímax numa orgia de violência. Finkelstein afirma que *Fragments* é

---

<sup>30</sup> Ibidem. p. 54.

<sup>31</sup> Ibidem.

o arquétipo da memória do holocausto, fixando-se primeiro nos campos de concentração, onde todos os guardas são loucos, monstros sádicos que se divertem em arrebentar as cabeças dos recém-nascidos. A singularidade de *Fragments* está na sua representação da vida não durante, mas depois do holocausto.

Assim escreve Finkelstein sobre o livro:

Adotado por uma família suíça, o pequeno Binjamim ainda sofre novos tormentos. Ele caiu num mundo de negadores do Holocausto. “Esqueça – foi um pesadelo”, sua mãe gritava. “Foi apenas um pesadelo... Você não deve pensar mais nisso”. “Aqui nesse país”, ele se irrita, “todos me dizem para esquecer, que isso nunca aconteceu, eu apenas sonhei. Mas todos sabem de tudo sobre os campos!” Mesmo na escola, “os garotos me apontavam, mostravam os punhos e gritavam: ‘Ele está delirando, não existiu tal coisa. Mentiroso! Ele é doido, maluco, é um idiota’ [...] Levado por um desejo abjeto, Binjamim alcançou a epifania do Holocausto. “Os campos ainda existem – apenas estão escondidos e bem disfarçados [...] Eles ainda podem matar, mesmo sem uniformes”. Mais do que uma homenagem ao dogma do Holocausto, *Fragments* é uma bomba de efeito moral: mesmo na Suíça – na Suíça neutra – todos os não-judeus querem matar os judeus.<sup>32</sup>

Segundo Finkelstein, *Fragments* foi amplamente saudado como um clássico da literatura do holocausto. Foi traduzido para uma

---

<sup>32</sup> Ibidem. p. 56-57.

dezena de línguas e ganhou vários prêmios: o *Jewish National Book Award*, o prêmio de *Jewish Quarterly*, e o *Prix de Mémoire de la Shoah*. Estrela de documentários, orador em conferências e seminários, levantador de fundos para o Museu Memorial do Holocausto das Nações Unidas, Wilkomirski rapidamente se tornou o garoto-propaganda do holocausto.<sup>33</sup>

Tempos depois, assim como aconteceu com Kosinski, a história contata por Wilkomirski foi desmascarada, pois se tratava de uma fraude. Na verdade ele não era um órfão judeu, mas um homem nascido na Suíça chamado Bruno Doessekker. Em 1999 o editor alemão de Wilkomirski retirou o livro *Fragments* das livrarias.<sup>34</sup>

No ano 1996 foi publicado o livro do cientista político e professor de Harvard, Daniel Jonah Goldhagen - *Hitler's Willing Executioners* (Os carrascos voluntários de Hitler). Vendeu meio milhão de exemplares, foi traduzido para 13 línguas e o autor rapidamente se tornou presença obrigatória no “circuito do holocausto”. Goldhagen refutou categoricamente a ideia de que os nazistas assassinaram os judeus por coerção, por uma disciplina tipicamente alemã que os levava a cumprir mesmo as ordens que consideravam indignas, por pressão psicológica, ou ainda, por serem burocratas cumprindo suas obrigações, sem se importar com mais nada. Para ele, os alemães massacraram os judeus porque acreditavam realmente que assassinar o povo hebreu era algo necessário e correto e a base para essa crença seria o antisemitismo, desenvolvido em séculos de história alemã.<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> Ibidem. p. 57.

<sup>34</sup> Ibidem. p. 59.

<sup>35</sup> Ibidem. p. 60.

Finkelstein afirma que a tese central do livro é exatamente o dogma padrão do holocausto: guiado pelo ódio patológico, o povo alemão apegou-se à oportunidade validada por Hitler para matar os judeus. Porém, embora com aparato de estudo acadêmico, *Hitler's Willing* “*não passa de um compêndio de violência sádica. Repleto de grosseiras falsificações de material de pesquisa e contradições, é uma obra destituída de valor acadêmico*”.<sup>36</sup>

João Fábio Bertonha, por sua vez, ao analisar a obra de Goldhagem afirma que:

Também é bastante questionável a sua convicção (compreensível dentro do seu esforço para mostrar o massacre dos judeus como efeito natural do anti-semitismo alemão) de que o Holocausto figurava permanentemente nas mentes de todos os alemães desde sempre. Que muitos alemães, desde o século XIX, e, especialmente, muitos nazistas (incluindo Hitler), pensavam com frequência na ideia de exterminar os judeus e esperaram o momento propício para isso, é perfeitamente aceitável. É difícil acreditar, porém, que essa ideia tenha estado sempre tão presente na mente de todos os alemães e mesmo na de todos os nazistas e que soluções outras não tenham sido cogitadas [...] O livro também tem inconsistências metodológicas evidentes e é irritantemente repetitivo, como que desejando convencer o leitor pelo cansaço da validade de suas teses. Entre essas inconsistências, as mais gritantes são a generalização, as simplificações, a colocação

---

<sup>36</sup> Ibidem. p. 61.

de fatos fora do contexto e a ignorância de dados que poderiam contradizer a tese principal. De fato, a partir de alguns exemplos de anti-semitismo dos carrascos (certamente verdadeiros), ele generaliza para todo o povo alemão, sem dar virtualmente nenhum indício consistente de que essa generalização era possível e recusando fontes que fornecem indícios em contrário. No decorrer do próprio livro, além disso, são contínuos os momentos em que, para demonstrar o anti-semitismo generalizado e absoluto dos alemães, ele cita exemplos que acabam por contradizê-lo. São problemas que afetam, sem dúvida, a credibilidade do trabalho.<sup>37</sup>

O que observamos nessas obras, é a apropriação de uma memória que foi formada devido aos horrores cometidos pelo regime nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse caso a memória do holocausto. A recepção dessa literatura, que se pretende, real, mas ficcionam os fatos para tal, faz parte da indústria do holocausto, a qual Finkelstein mencionou em seu trabalho, que é “*construída sobre uma fraudulenta desapropriação da história com motivações ideológicas, que preparou-se para celebrar invenções*”<sup>38</sup> como as de Kosinski, Wilkomirski e Goldhagen.

Contudo, nem todos os trabalhos sobre a memória do holocausto são ávidos de fraudes, embustes ou ficções. Exemplo disso é o

---

<sup>37</sup> BERTONHA, João Fábio. In: Revista Brasileira de História. Vol.19, n.37, São Paulo: Setembro 1999.

<sup>38</sup> FINKELSTEIN, Norman. Op. Cit. p. 58.

trabalho de Primo Levi - *Os Afogados e os Sobreviventes*.<sup>39</sup> Diferentemente dos livros citados acima, Levi realmente foi prisioneiro do campo de concentração de Auschwitz que sobreviveu aos horrores e as mais variadas mazelas praticadas pelos nazistas. Em seus livros, que podemos classificar como uma “literatura de testemunho”, Levi narra as suas memórias sobre o período em que ficou aprisionado. Nascido em Turim, na Itália, em 1919, Primo Levi formou-se em Química quando ainda era permitido aos judeus frequentar as universidades. Em 1944, foi deportado para Auschwitz, só sendo libertado de lá no final da guerra. Em *Afogados e Sobreviventes*, Levi narra o dia-a-dia no campo de concentração, a disciplina cega da SS, os prisioneiros debilitados que aceitavam o colaboracionismo como único modo de escapar, os milhões que tiveram seu futuro negado pelo simples fato de serem judeus. Levi conta e transpõe o sentido e a lógica dos campos nazistas, bem como o processo de redução de mulheres e homens a seres inferiores e destinados à exploração absoluta.

Como afirma Lucas de Oliveira, Levi conta em *Os afogados e os Sobrevivente*

um tipo de testemunho vital em que a voz de sobrevivente, aliada ao prodigioso trabalho de memória, historiografia e revisão crítica, tentou recriar a vida no limite da destruição, buscando esclarecer as

---

<sup>39</sup> LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. Importante também para este tema ver os outros livros de Levi: LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988. LEVI, Primo. **A tabela periódica**. Rio de Janeiro: Relume-dumará, 1994.

novas gerações dos riscos da exceção dentro da ordem democrática.<sup>40</sup>

O que podemos apontar de comum nas obras até aqui citadas, é o fato de que em nenhum momento elas negam a existência do holocausto, seja na obra de Wilkomirski, Finkelstein ou Primo Levi, sejam elas literaturas ficcionais, trabalhos historiográficos ou memorialísticos. Contudo, nas décadas que se seguiram ao término da Segunda Guerra Mundial, surgiram em vários lugares do mundo, primeiramente nos Estados Unidos e França, depois encontrando adeptos em vários países da Europa, América Latina e Austrália, obras com outra apropriação da memória sobre o holocausto. Essas obras foram classificadas como Negacionistas (também chamado de “Revisionismo” do holocausto), que em suma incorporam: a reabilitação do nacional-socialismo, do *III Reich* em geral e de Hitler em particular; a tentativa de provar a ausência de culpa da Alemanha pela Segunda Guerra; e, a banalização, a justificação ou mesmo a negação da existência dos campos de extermínio e do holocausto nazista.<sup>41</sup>

Segundo Odilon Caldeira Neto, no Brasil, o Negacionismo começou a ficar conhecido perante a opinião pública em meados de 1977, quando jornais de alcance nacional, como “O Globo”, “Jornal do Brasil” e “Folha de São Paulo” abriram espaço para uma discussão

---

<sup>40</sup> OLIVEIRA, Lucas. **Entre afogados e sobreviventes**: o testemunho de Primo Levi e a barbárie moderna. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Sociologia) - USP - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2013.

<sup>41</sup> NETO, Odilon Caldeira. **Intolerância e Negacionismo**: Sérgio Oliveira e Revisão Editora. In: Revista História e-história, maio de 2009. Pode-se visualizar o artigo:[http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=185#\\_ftn5](http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=185#_ftn5). Acessado no dia 22/05/2012.

que girava em torno do livro de David Irving, “*Hitler’s War*” (A Guerra de Hitler) de 1977. No livro, Irving já enunciava teses proto-negacionistas, que viriam a ser defendidas publicamente mais adiante. De acordo com Caldeira Neto, para Irving, Hitler era inocente em relação ao holocausto, pois não teria ordenado o extermínio dos judeus durante o *III Reich* e também não saberia nada sobre tal. Irving não chega a defender a inexistência do holocausto, mas já lançava olhares de dúvidas sobre tal acontecimento.<sup>42</sup>

O Negacionismo no Brasil é representado pela Editora Revisão, fundada em 1987, na cidade de Porto Alegre – Rio Grande do Sul. Seu fundador foi Siegfried Ellwanger Castan, brasileiro, neto e bisneto de imigrantes alemães. Este se dedicou a difundir teses segundo as quais o extermínio de judeus – o holocausto - não passaria de uma farsa inventada pelo “sionismo”.

A Editora Revisão publicou um total de 20 livros, incluindo reedições de antigas obras de caráter antisemita, como por exemplo, *O Plano Judaico de Dominação Mundial: Os Protocolos dos Sábios de Sião*. Grande parte dos livros Negacionistas no Brasil são de autoria de Castan ou, então, de Sérgio Oliveira, ex-sargento do Exército Brasileiro durante a ditadura militar.

Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus, em seu livro, *Antisemitismo e nacionalismo, negacionismo e memória*, faz um levantamento sobre o número de publicações de cunho negacionista distribuída pela

---

<sup>42</sup> Ibidem. p. 1.



Editora Revisão. De acordo com estes dados, Castan aparece com cinco obras editadas<sup>43</sup> e Sérgio Oliveira, nove.<sup>44</sup>

Um dos livros mais divulgados e que teve maior repercussão no Brasil dessa editora, foi a obra - *Holocausto Judeu ou Alemão? Nos Bastidores da Mentira do Século*, de Castan. Livro lançado em fevereiro de 1987 que abordou a história da Segunda Guerra Mundial, principalmente, a questão da culpa alemã pelo início do conflito em 1939. Segundo Elza dos Santos, Castan procurou abranger vários tópicos que se relacionam com a história do povo alemão e sua participação na Segunda Guerra. Entretanto, a argumentação principal gira em torno de uma suposta conspiração internacional judaica contra os alemães. Uma das preocupações centrais de Castan, afirma Santos, é a de indicar que “o cinema, jornais, televisão e Imprensa, são, em todo tempo, manipulados pela comunidade judaica, que trabalhavam com afinco para difamar a Alemanha através destes meios de comunicação”.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> Os livros de Castan: “Holocausto Judeu ou Alemão: Nos bastidores da Mentira do Século” – 1987. Acabou o Gás!... O fim de um mito” – 1989. “SOS Para a Alemanha: Continuação do livro Holocausto Judeu ou Alemão?” – 1990. E “A implosão da mentira do século: O derradeiro ato da farsa do ‘holocausto’” - 1990. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20080707235205/http://members.libreopinion.com/us/revision5/edrevision.htm>. Acessado no dia 16/02/2012.

<sup>44</sup> Os livros publicados pela Revisão de Sérgio Oliveira: "O Massacre de Katyn" - 1989, "Hitler: Culpado ou Inocente ?" - 1989, "Sionismo X Revisionismo" - 1993, "A face oculta de Sacramento" - 1993, "O Brasil na Segunda Guerra Mundial: Getúlio Vargas Depõe" - 1996, "Cristianismo em Xeque" - 1996, "O livro Branco sobre a conspiração mundial" - 1998, "Os Genocidas do século XX" - 1998, "A propaganda de atrocidades é uma propaganda de mentiras" - 1996.

<sup>45</sup> SANTOS, Elza H. L. G. **Negacionismo no Brasil**: As obras de S. E. Castan. In: Anais XIII Encontro de História Anpuh-Rio. Rio de Janeiro, 2008.

Santos aponta que outra passagem de destaque no livro, é de como o autor afirma que o genocídio praticado durante a Segunda Guerra teria sido uma invenção dos Aliados, judeus e sionistas e que Hitler, em todo o tempo, teria evitado a guerra ao máximo:

Tal tópico é discutido por ele em Hitler e o Extermínio, apontando como prova um discurso pronunciado por ele, em 30 de Janeiro de 1939. Compõe seu discurso também alegar que foi a Alemanha quem teria sido vítima de extermínio, e não os judeus. Ele se baseia em fotografias de bombardeios de cidades e civis alemães pelos Aliados. Assim, o autor acredita ter encontrado o porquê a suposta invenção do extermínio: o de desviar a atenção do mundo em relação ao que supõe ser a real catástrofe, os bombardeios contra os alemães.<sup>46</sup>

Castan foi alvo de diversas denúncias e protestos e ficou conhecido nacional e internacionalmente por suas longas disputas judiciais, que começaram nos tribunais gaúchos e chegaram até o Supremo Tribunal Federal (STF). Os livros da editora Revisão foram apreendidos pela polícia em Porto Alegre, por liminar da Justiça, sob a alegação de racismo. Castan foi processado em várias instâncias da Justiça Sulista, recorrendo até mesmo a um pedido de *Hábeas Corpus* ao Supremo Tribunal Federal, em 2003. Este manteve a condenação de Castan, sendo condenado por racismo (a pena foi convertida em dois anos de prestação de serviços comunitários), além da proibição de circulação das obras negacionistas de sua editora.<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup> Ibidem. p. 4.

<sup>47</sup> NETO, Odilon Caldeira. Op. Cit.

Inclusive, no site da Editora Revisão temos o seguinte pronunciado:

Em função da perseguição contra a Editora Revisão empreendida pelos agentes do judaísmo-sionismo em colaboração com a demente justiça brasileira, e visando restaurar o direito à liberdade de expressão e divulgação dos trabalhos do historiador S. E. Castan, estamos disponibilizando as listagens de livros capturadas do site oficial da editora [www.revision.com.br](http://www.revision.com.br) em 2000. Informamos aos delinquentes internacionais de plantão e a quem possa interessar que este site é imune à demência instalada no sistema jurídico brasileiro. As perseguições que a Revisão sofreu no passado foram o combustível para a consolidação e aprimoramento da eficiência dos nossos esforços em prol da verdade histórica. Persigam-nos e nos tornem melhores.<sup>48</sup>

Sobre os negadores do holocausto, Finkelstein afirma que eles exercem maior influência nos Estados Unidos do que em qualquer outra sociedade, e que não é difícil detectar as razões por trás dos protestos de uma difundida negação do holocausto, dada a falta de sentido da agitação diária promovida pela sua indústria e assim, “*é de se espantar que haja tão poucos céticos*”,<sup>49</sup> e que numa “*sociedade saturada com O Holocausto, como justificar que mais museus, livros, cursos, filmes e programas sejam necessários para expulsar o fantasma da negação do Holocausto?*”.<sup>50</sup>

---

<sup>48</sup> <http://web.archive.org/web/20080707235205/http://members.libreopinion.com/us/revision5/edrevision.htm>. Acessado no dia 16/02/2012.

<sup>49</sup> FINKELSTEIN, Norman. Op. Cit. p. 64.

<sup>50</sup> *Ibidem*. p. 64.

Para Finkelstein, nem toda literatura revisionista é totalmente sem efeito e que essas obras têm dado uma “indispensável” contribuição ao conhecimento sobre a Segunda Guerra Mundial. Cita Raul Hilberg, que intitula como um importante historiador sobre o holocausto, quando este fala sobre publicações que negam o fato: *“Se esta gente quer falar, deixem falar. Eles apenas conduzem os que, como nós, fazem pesquisas, a reexaminar o que poderíamos considerar como óbvio. E isso é muito útil”*.<sup>51</sup>

Segundo Magalhães, existem mais duas matrizes de memorização sobre a Segunda Guerra que possuem, juntamente com a memória dos judeus, uma maior recorrência e visibilidade. São elas: a memória dos aliados e a memória dos alemães ocidentais.

O que foi apresentado até aqui, foram alguns aspectos da memória dos judeus *“que se presentifica continuamente e que se recusa estrategicamente a colocar um ponto final naqueles acontecimentos”*.<sup>52</sup> Segundo Magalhães,

a memória da comunidade judia pode ser assim entendida; como uma referência de aproximação/distanciamento. *Recordemos que vocês cometeram o crime, recordemos que nós fomos as vítimas, recordemos que eles estavam presentes*. Trata-se, portanto, de uma aproximação aos que se recordam e um distanciamento dos que não recordam ou ignoram os fatos.<sup>53</sup>

---

<sup>51</sup> Ibidem. p. 67.

<sup>52</sup> BREPOHL DE MAGALHÃES, Marionilde. Op. Cit. p. 37.

<sup>53</sup> Ibidem. p. 37.

Já a memória dos aliados, ou seja, a memória dos vencedores, assegura Magalhães, é apresentada como a vitória do Bem contra o Mal, dos vitoriosos e derrotados e que podemos observar isso nos manuais escolares utilizados nos países vinculados a aliança vencedora. Para a autora, fica claro que a função de tal memória descrita nesses manuais, é a de dividir o mundo entre bons e maus: “*Os maus, de quem eu me distancio, e os bons, com quem eu afirmo a minha própria identidade, ao mesmo tempo em que delego a eles o exercício da hegemonia*”.<sup>54</sup>

A terceira matriz a produzir uma determinada memória sobre a Segunda Guerra é memória dos alemães ocidentais. Magalhães, ao mencionar a esse grupo, não se refere aos que presenciaram as batalhas e a derrota, e que se autocompreenderam como vítimas, mas sim dos herdeiros desta história, da geração pós-guerra que assumiram a responsabilidade pelos crimes cometidos. Isso é observado principalmente na política oficial que a Alemanha adotou no pós-guerra, que consiste na busca de conscientização histórica sobre o nazismo.<sup>55</sup>

Essas três matrizes, contudo, não esgotam as possibilidades de memorizações e histórias sobre a Segunda Guerra Mundial e suas consequências. Após a guerra, verificamos a publicação de inúmeros livros que possuem como tema principal as relações de nazistas considerados criminosos de guerra, que fugiram para a América Latina, e de imigrantes e descendentes de alemães do continente, com a suposta tentativa de formação do *IV Reich* por suas terras. Aspectos dessas obras serão abordados no tópico a seguir.

---

<sup>54</sup> Ibidem. p. 34.

<sup>55</sup> Ibidem. p. 39.

### 1.1 O novo “Perigo Alemão” e os criminosos de guerra na América do Sul.

Desde a segunda metade do século XIX, formou-se no imaginário popular da América do Sul a fantasia do “perigo alemão”. A temática principal desse “perigo” seria a ideia na qual a Alemanha procuraria anexar parte da América Latina (principalmente os países sulinos) ao seu território, devido a sua política expansionista. Os imigrantes e descendentes de alemães residentes nesses territórios, teriam um papel destacado neste empreendimento.<sup>56</sup>

Esse imaginário sustentou-se a partir de certas interpretações de costumes e tradições de grupos de imigrantes alemães. De acordo com René Gertz - que estudou esse “perigo” na região sul do Brasil em seu livro *O perigo alemão*<sup>57</sup> - a acusação repetida contra alemães e seus descendentes, desde o início da imigração em 1824, é o da não-integração. Eles se manteriam à margem das nações – no caso a brasileira – pela ausência de miscigenação, pela conservação da língua, dos costumes e do legado cultural da Alemanha em geral. Segundo Gertz:

A ideia de não-integração, de segregação, de anti-patriotismo e de anticidadania ganhou nova dimensão com a criação do império alemão em 1871 e o quadro internacional daí resultante. A Alemanha não tinha colônias e ideólogos e estrategistas alemães pensaram no aproveitamento dos “alemães no exterior” em benefício da “pátria-mãe”. Já em 1865

---

<sup>56</sup> GERTZ, René. **O Perigo Alemão**. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1991.

<sup>57</sup> *Ibidem*.

o geógrafo alemão Woldemar Schulz, escrevendo sobre as possibilidades de imigração para o sul do Brasil, Uruguai e Argentina, citava uma personalidade alemã que havia dito: “... ninguém praticamente lembra que com isto se criaram lugares de reunião para os ramos caídos do nosso tronco, onde todo botão de flor se transforma em um fruto maduro para a pátria alemã, onde qualquer pulsação do sangue da velha pátria é refletido”. Certamente alguns destes ideólogos e estrategistas – mais exaltados e menos realistas – pensavam até numa anexação, na criação de uma colônia alemã como os franceses as tinham na Ásia ou na África.<sup>58</sup>

Gertz afirma que a temática do “perigo alemão” também adquiriu amplitude internacional, com a participação da imprensa britânica, norte americana e francesa. Intelectuais e jornalistas brasileiros também produziram muitos trabalhos sobre o assunto, como o livro de Sílvio Romero, *O alemanismo no sul do Brasil*, de 1906. Mais próximo a Primeira Guerra e durante a mesma surgiram outros escritos do gênero, como, *O perigo prussiano no Brasil*, de Raimundo Bandeira, produzido em 1914, e *O pangermanismo no sul do Brasil*, de Raul Darcanchy, de 1915.<sup>59</sup> Gertz nos mostra mais um exemplo de como a ideia estava presente no pensamento de muitos:

O barão de Cotegipe, por exemplo, manifestou seu temor: “De algum tempo para cá estão acontecendo

---

<sup>58</sup> Ibidem. p. 15.

<sup>59</sup> Ibidem. p. 16.

na Europa as coisas mais incríveis. Uma grande potência procura reconstruir no além-mar o velho sistema colonial. Se continuarmos a estabelecer em nossas províncias grande parte de seus imigrantes, esta potência não terá dificuldades de um dia estender suas fronteiras sobre o nosso território”.<sup>60</sup>

O imaginário do perigo alemão se estendeu “*com intensidade variável por quase quarenta anos, até a Primeira Guerra, quando a derrota alemã enfraquecerá seu principal argumento: as pretensões imperialistas da Alemanha*”.<sup>61</sup> A temática voltou a ficar mais intensa com a ascensão do nazismo na Europa e a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Gertz explica que neste momento, “*qualquer traço cultural podia ser aproveitado na tentativa de comprovar nazismo entre os teutos*”.<sup>62</sup>

O grande número de alemães que imigraram para a América Latina e a conseqüente manutenção de vários aspectos culturais oriundos de sua terra natal, juntamente com a política expansionista adota pelos governos da Alemanha deste a segunda metade do século XIX, mostravam-se como um forte indicativo para realmente se preocupar com esse “perigo”.

Contudo, após a Segunda Guerra Mundial o imaginário do “perigo alemão”, que no primeiro momento correspondia a suspeita de

---

<sup>60</sup> Ibidem. p. 16.

<sup>61</sup> Ibidem.

<sup>62</sup> GERTZ, René **O fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1987, p. 88. Para analisar mais detalhadamente o “perigo alemão” ver: GERTZ, René. **O perigo Alemão**. Op. Cit.



que a Alemanha pudesse anexar parte da América Latina ao seu território, adquiriu outra temática: o da formação do *IV Reich*. Verificamos isso na existência de obras literárias publicadas após o término do conflito, que possuem como tema principal a relação dos imigrantes e descendentes alemães da América Latina com a suposta formação do novo *Reich* no continente.

Exemplo disso é o livro do húngaro Ladislao Szabo, que logo após o término da Segunda Guerra, em 1947, publicou na Argentina a obra intitulada, “*Hitler está Vivo*”. No livro, o autor declara que Hitler não estaria morto e que ele havia sido transportado secretamente para a Antártida por um comboio de submarinos alemães e que de lá estaria planejando a reestruturação do *Reich* na América Latina.<sup>63</sup>

A partir de 1964, o escritor brasileiro Roberto Botacini publicou quatro livros que, em suma, falam sobre a fuga dos principais líderes nazistas para a América Latina e que o suicídio de Hitler não passaria de uma fraude, pois estaria na América Latina junto de seus subordinados. A primeira obra intitula-se, “*Onde estará Hitler?*”. No mesmo ano publicou o livro, “*Nazistas na América*” e no ano seguinte, “*A fuga de Hitler*”. Em 1977, publicou “*O nazismo sobrevive ao Terceiro Reich*”.

O jornalista húngaro Ladislao Farago publicou em 1974, nos Estados Unidos, o livro, “*Aftermath. Martin Bormann and the Fourth Reich*”<sup>64</sup> (Consequências. Martin Bormann e o Quarto Reich). Nele é narrada a caça a Martin Bormann pela América do Sul efetuada pelo próprio Farago. Sobre a caça a Bormann pela América e pelo restante

---

<sup>63</sup> SZABO, Ladislao. **Hitler esta Vivo**. Argentina: Editora Tabano, 1947.

<sup>64</sup> FARAGO, Ladislao. **Aftermath. The Most Daring Manhunt of our Time: The Final Search for Martin Bormann**. New York: Simon and Schuster, 1975.

do mundo, encontramos também os livros: “*The Bormann Brotherhood*” (A Irmandade Bormann) de William Stevenson de 1973; “*The Hunt for Martin Bormann*” (À caça a Martin Bormann) de Charles Whiting de 1977; “*Martin Bormann – Nazi in Exile*” (Martin Bormann – Nazi no Exílio) de Paul Manning de 1981; e “*Escape from the Bunker*” (A Fuga do Bunker) de Harry Cooper de 2006.

Em 1977, o austríaco Erich Erdstein publicou no Brasil o livro, “*Renascimento da Suástica no Brasil*”,<sup>65</sup> no qual é narrada a caça a Mengele por ele efetuada, também pelas terras latino-americanas. No livro, o autor denuncia a existência de células nazistas empenhadas em deflagrar o *IV Reich* no continente.

No ano de 2010, os autores argentinos Juan Salinas e Carlos De Napoli, publicaram a obra, “*Ultramar Sul - A última operação secreta do Terceiro Reich*”, no qual é narrada a fuga de Hitler, por meio do uso de um submarino, da Alemanha para a patagônia.<sup>66</sup>

Em 2011, os britânicos Gerrard Williams e Simon Dunstan, publicaram o livro, “*The Grey Wolf – The Escape of Adolf Hitler*”. Os autores sustentam que Hitler escapou da Alemanha três dias antes de seu suposto suicídio. Hitler teria se instalado em mais de uma residência na Patagônia, com Eva e duas filhas. Viveria mais 17 anos, e teria morrido no dia 13 de fevereiro de 1962, aos 72 anos. A fuga teria sido articulada por Martin Bormann, da cúpula do poder nazista, que também teria escapado para a América do Sul. A fuga, sustentam os autores, contou com a anuência dos EUA, que deixaram os nazistas fugirem em troca de informações sobre tecnologia de guerra. Bormann

---

<sup>65</sup> ERDSTEIN. Erich e Bean, Bárbara. Op. Cit.

<sup>66</sup> DE NAPOLI, Carlos, SALINA, Juan. **Ultramar Sul: A última operação secreta do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

teria manejado também a fortuna que foi entregue aos governos latino-americanos para que abrigassem os nazistas.<sup>67</sup>

Em 2004, o jornalista argentino Abel Basti escreveu o livro intitulado, “*Bariloche Nazi*”; em 2006 lançou o livro “*Hitler en Argentina*”; em 2010 publicou o livro “*El Exílio de Hitler en Argentina*”; e seu último livro de 2011, recebeu o título de “*Los secretos de Hitler*”.<sup>68</sup> Basti também sustenta a teoria de que Hitler fugiu para a Argentina e refuta a ideia de que ele teria se suicidado no final da guerra.

Fato é que nenhum dos livros citados anteriormente apresentam os fatos narrados como sendo de ficção. Ou seja, todos se pretendem reais. Encontramos apenas três livros, de todos examinados, que se apresentam como ficção. O primeiro deles é do escritor inglês Frederick Forsyth que em 1972 lançou o romance intitulado, “*O Dossiê Odessa*”. A história do livro se passa numa conspiração articulada por velhos nazistas - protegidos pela organização Odessa, que reúne criminosos de guerra do *III Reich* - que sonham com a volta do regime nazista à Alemanha.<sup>69</sup>

O segundo é a do autor norte americano Ira Levin, “*Os meninos do Brasil*”, publicada em 1976, que narra a ambição de Josef Mengele em criar o *IV Reich* na América Latina. Levin afirma que o “*livro é uma obra de ficção. Os acontecimentos nele descritos são*

---

<sup>67</sup> WILLIAMS, G. DUNSTAN, S. **The Grey Wolf** – The Escape of Adolf Hitler. United Kingdom: Sterling, 2011.

<sup>68</sup> Para verificar as obras de Abel Bastiver: <http://www.barilochenazi.com.ar>. Acessado no dia 15 de novembro de 2011.

<sup>69</sup> FORSYTH, Frederick. **O Dossiê Odessa**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

*imaginários, e as personagens – com exceção das pessoas famosas citadas por seus nomes verdadeiros – são também imaginárias*".<sup>70</sup>

E o terceiro livro foi lançado em 1978 pelo escritor inglês Robert Ludlum, que publicou no Reino Unido o romance, "*The Holcroft Covenant*" (O Pacto Holcroft), no qual descreve como o *IV Reich* supostamente seria construído em algum lugar do mundo, financiado por uma alta quantia de dinheiro do *III Reich* guardado em bancos da Suíça – *The Fourth Reich is waiting to be born* (O *IV Reich* está esperando para nascer),<sup>71</sup> afirma o texto da capa. Uma das suas obras mais conhecidas foi a "*Trilogia Bourne*", baseada numa história que mistura espionagem, ação e ficção. A primeira obra da trilogia foi publicada em 1980 – "*A identidade Bourne*". Depois, "*A supremacia Bourne*" de 1986 e "*O ultimato Bourne*" de 1990.

Entrementes, a partir da década de 1960, também verificamos a produção de matérias de jornais e revistas, tanto brasileiras como estrangeiras, que denunciaram a existência de supostas cédulas nazistas na América do Sul, principalmente no Brasil. Entre os órgãos de imprensa internacionais que publicaram tais reportagens estão as revistas alemãs: a sensacionalista *NEUE REVUE*, a conservadora *DER SPIEGEL*, a "apolítica" *QUICK*,<sup>72</sup> e a francesa de caráter jornalístico-

---

<sup>70</sup> LEVIN, Ira. **Os meninos do Brasil**. São Paulo: Circulo do Livro, 1976. p. 8. Os livros apresentados até aqui foram encontrados em sebos virtuais, bibliotecas particulares e sites da internet. A grande maioria deles já possuímos, sendo que alguns ainda estão inviáveis devido ao preço de venda dos mesmos.

<sup>71</sup> LUDLUM, Robert. **The Holcroft Covenant**. United Kingdom: Harper-Collins, 1978.

<sup>72</sup> MENDES, Domenica Cristina. "**Salve! Amanhã é outro dia!**" O medo e a culpa do homem austríaco na Segunda Guerra Mundial. In: Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 3, n. 4, jan./jul. 2011. p. 75.

informativo *PARIS MATCH*.<sup>73</sup> Na imprensa brasileira encontramos a revista sensacionalista *Realidade* e a popularesca *Revista Manchete*. Dentre os jornais, encontramos o *Jornal da Tarde*, *O Estado de São Paulo*, *Folha de Londrina*, *Rondon Hoje*, *O Estado do Paraná* e *O Paraná*.

Como exemplo, temos a matéria do jornal *O Estado do Paraná*, do dia 16 de Dezembro de 1967 intitulada: “*O Mini-Reich opera no Brasil: A reaparição do Fantasma Pardo*”, na qual denuncia a passagem do ex-médico do campo de concentração de Auschwitz pelas terras brasileiras:

A esta hora, em algum ponto de Santa Catarina – ou talvez já de Mato Grosso – um homem de quase setenta anos, usando nome e documentação falsos, estava tentando deixar o País. Não será difícil conseguir seu intento, pois com a “cobertura” que possui e a farta documentação forjada que carrega, ninguém, certamente, o deterá para averiguações [...] Este homem é Joseph Mengele, o criminoso nazista mais procurado no mundo atualmente, junto com Martin Bormann, os monstros fabricados pela mente doentia de Adolf Hitler. Mesmo que alguém possua uma foto de Mengele, dificilmente conseguiria identificá-lo: os 22 anos desde o fim da II Guerra Mundial, transformou sua face, que conserva tenuamente o sadismo, a bestialidade que recaiu sobre milhares de vítimas do Reich.<sup>74</sup>

---

<sup>73</sup> *NEUE REVUE* nº05, de 02 de fevereiro de 1969, *DER SPIEGEL*, nº 07 de 10 de fevereiro de 1969, *QUICK* de 24/30 de abril de 1975, a francesa *PARIS MATCH* nº1.379, s.d.

<sup>74</sup> Jornal **O ESTADO DO PARANÁ**, 16 de dezembro de 1967, p. 15.

Além do que já mencionados, temos também alguns filmes sobre o tema. Em 1974, foi produzido na Inglaterra o filme, *O Dossiê de Odessa*, do diretor Ronald Neame.<sup>75</sup> Baseado na obra de Frederick Forsyth, citado anteriormente, o filme narra as investigações feitas sobre a Odessa, uma sociedade secreta que aceitava ex-oficiais da SS de Hitler, que sonhavam em reestruturar o regime nazista na Alemanha.

Em 1978, foi lançado o filme, *Os Meninos do Brasil*, do diretor Franklin J. Schaffner,<sup>76</sup> produzido nos Estados Unidos, baseado no livro citado anteriormente de Ira Levin. O filme conta como o médico Josef Mengele vive no Paraguai planejando a criação do *IV Reich*.

Recentemente os canais Discovery Channel e National Geographic Channel produziram cada um o seu seriado sobre criminosos de guerra na América Latina. A Discovery lançou o programa chamado, *Caçadores de Nazistas*, série que conta “a história dos chamados ‘caçadores de nazistas’, um extraordinário grupo que procurou incansavelmente algumas das pessoas mais odiadas do mundo”.<sup>77</sup> Já a National Geographic produziu a série intitulada, *Os Caçadores de Nazistas na América Latina*, que semelhantemente a Discovery, “conta a história de um seleto grupo de agentes secretos, justiceiros judeus que caçaram e capturaram os vinte homens mais malvados do século XX”.<sup>78</sup>

---

<sup>75</sup> **FILME: O Dossiê de Odessa.** Título original: *The Odessa File*. Direção: Ronald Neame. Duração: 128 minutos, 1974.

<sup>76</sup> **FILME. Os Meninos do Brasil.** Título original: *The Boys From Brazil*. Direção: Franklin J. Schaffner. Duração: 123 minutos, 1978.

<sup>77</sup> Sinopse da série disponível no site: <http://discoverybrasil.uol.com.br/web/cacadores-de-nazistas>. Acessado em 22/12/2011.

<sup>78</sup> Sinopse da série disponível no site: <http://www.natgeo.com.br/br/especiais/cacadores-de-nazistas-na-america-latina>. Acessado em 22/12/2011.

Enfim, uma vasta produção literária, jornalística, cinematográfica e televisiva sobre o tema, que a nosso ver, se inscreve em um imaginário político e social e num clima psicológico de incerteza, insegurança e medo que se instaurou após a Segunda Guerra Mundial, de que o nazismo poderia se reestruturar em algum lugar do mundo. Isso muito se deve ao fato de que várias pessoas envolvidas com o nazismo, pelo menos as que ficaram mais conhecidas após o término da guerra devido às suas atividades relacionadas, principalmente, ao holocausto, como Adolf Eichmann e Josef Mengele, terem escapado do tribunal de Nuremberg e se refugiado em terras latino-americanas, dando o mote para a aparição das mais fantásticas e fantasiosas versões sobre suas pretensas atividades secretas com vista à formação do *IV Reich* no continente.

A seguir, abordamos alguns aspectos da fuga dos criminosos de guerra para a América do Sul, principalmente para a Argentina e depois para o restante do continente.

## **1.2 A Guerra acabou: Destino América do Sul.**

Após a Segunda Guerra Mundial, os países aliados, Inglaterra, EUA, União Soviética e França, formaram um tribunal internacional com a finalidade de julgar os crimes cometidos pelos inimigos de guerra, o qual ficou conhecido como o Tribunal de Nuremberg, nome da cidade que acolheu o júri, localizada na Alemanha, ao norte do estado da Baviera. Com isso, muitas pessoas que possuíam seu passado relacionado ao governo nazista viram suas situações se tornarem

---

extremamente complicadas, principalmente os cientistas, ex-soldados e técnicos militares.<sup>79</sup>

Algumas pessoas desses grupos preferiram fugir da Alemanha ao invés de enfrentar um tribunal e serem possivelmente condenadas. Porém, não foram os únicos grupos a deixar o país. Vários habitantes, com medo e insegurança, também deram adeus à Alemanha justamente porque a situação em que o país se encontrava após 1945 encorajava mais a sair dela do que a ficar. “*Diante da insegurança jurídica e política e diante da escassez de habitação, trabalho e alimentos, milhões de pessoas pensavam na possibilidade da emigração*”.<sup>80</sup>

Segundo a *Comisión para el Esclarecimiento de las Actividades del Nazismo en Argentina* – CEANA – criada em 1997, destinada a investigar a extensão e profundidade dos vínculos nazistas do país durante e após a Segunda Guerra Mundial, um dos países que mais recebeu essas pessoas foi a Argentina durante o governo de Juan Domingo Perón. Depois de desembarcarem no novo continente, os imigrantes alemães espalharam-se por outros países da América do Sul como o Brasil, Paraguai, Bolívia e Uruguai.

O grupo de estudo, CEANA, é subdividida em dez unidades de pesquisa:

---

<sup>79</sup> MEDING, M. Holger. **Cuantificacion de criminales de guerra segun fuentes alemanas y austríacas**. In: CEANA. **Comisión para el Esclarecimiento de las Actividades del Nazismo en Argentina**. Primer informe de avance. Argentina, 1998. p 11.

<sup>80</sup> Ibidem.



- Quantificação de criminosos de guerra segundo fontes alemãs e austríacas.
- Quantificação de criminosos de guerra segundo fontes argentinas.
- Itália como país de trânsito para nazistas e outros criminosos de guerra.
- Espanha como possível lugar de trânsito de bens e pessoas desde a Alemanha nazista até a Argentina durante a Segunda Guerra Mundial e no pós-guerra.
- Atividades clandestina da marinha alemã em águas argentinas.
- Pessoas nazistas e colaboracionistas usados pelo exército e pela DGFEM (Dirección General de Fabricaciones Militares).
- Transações do banco central da Argentina com países do eixo e países neutros e sua correlação com o comércio internacional da Argentina.
- Investimentos nazistas na Argentina através de empresas terceirizadas.
- Os nostálgicos da “Nova Ordem” europeia e suas vinculações com a cultura política argentina e Inventario dos materiais do arquivo argentino e outros empregados pela CEANA.

Durante os dois anos de pesquisa, 1997-1999, o grupo publicou quatro informes, totalizando cerca de duas mil páginas. As principais fontes de investigação do grupo estão em arquivos do exército, marinha, aeronáutica, arquivos do Ministério do Interior, tanto da Argentina como da Alemanha, Espanha e Itália.<sup>81</sup> Cabe destacar que, em 1997, a maioria dos arquivos governamentais argentinos pela primeira vez foram abertos para os pesquisadores e o grupo CEANA foi um dos

---

<sup>81</sup> Ibidem. p. 12.

primeiros a pesquisá-los. Já em 1998, o grupo publicou o seu primeiro informe com os avanços das pesquisas realizadas, relatando as barreiras e dificuldades encontradas para a realização de tal.

Nesse primeiro informe, o grupo analisa a razão de a Argentina ser o país que mais recebeu criminosos de guerra nazistas, buscando analisar a relação do país com os alemães desde a Primeira Guerra Mundial, passando pela Segunda Guerra até o governo de Juan Domingo Perón.

Antes da Primeira Guerra Mundial, a Argentina já possuía uma forte corrente migratória dos países da Europa Central:

A Argentina como país de imigração tem uma larga tradição em atrair pessoas da Europa central. O fluxo de imigrantes procedentes dos países de língua germânica para a Argentina, a partir dos anos sessenta do século passado (1860), experimentou várias fases: fugindo das crises do velho continente, das leis anti-socialistas, do autoritarismo imperial, das consequências do Tratado de Versalhes, da crise econômica mundial.<sup>82</sup>

Na Primeira Guerra Mundial, o país se manteve neutro até o fim do conflito, mesmo sob pressões do governo inglês e norte-americano. Com isso, a diplomacia entre os dois países se tornou bastante consistente e logo após o término da guerra, a Argentina atraiu milhares de imigrantes alemães para suas terras. Com eles vieram às indústrias, que mal se instalaram no país e já se destacavam em vários campos como a

---

<sup>82</sup> MEDING, M. Holger. Op. Cit. p 10.

óptica e a química.<sup>83</sup> Passado a guerra e a grande depressão econômica dos anos trinta, iniciou-se a Segunda Guerra Mundial em 1939. Nela, o governo argentino também se manteve neutro durante quase todo o seu decurso, somente cortando relações diplomáticas com a Alemanha devido às pressões do governo inglês e norte-americano, em janeiro de 1944. Posteriormente, em 1945, o país declara guerra à Alemanha.<sup>84</sup>

Durante a guerra o governo argentino manteve relações secretas com o alto escalão da Alemanha Nazista de Adolf Hitler. Segundo Uki Goñi, em uma entrevista cedida ao jornalista Ariel Palácio e publicada no site do jornal *Estadão*,<sup>85</sup> o principal enlace entre o país e o *III Reich* foi Juan Carlos Goyeneche, líder dos nacionalistas católicos da Argentina, que viajou dezenas de vezes à Alemanha onde se reunia com o chanceler Joachin Von Ribbentrop, o líder das SS Heinrich Himmler, e outros líderes fascistas europeus como Mussolini, Franco e Salazar. Goyeneche também teve dois encontros com o Papa Pio XII.

Outro enlace entre os dois países, afirma Goñi, foi Osmar Hel-muth, um germano-argentino, enviado como emissário especial para negociar com Hitler um apoio argentino em troca de armas. Mas Hel-muth foi preso pelos britânicos no meio do caminho e permaneceu assim até o fim da guerra, impedindo as conversações oficiais de uma possível aliança argentina-germânica.<sup>86</sup>

---

<sup>83</sup> Ibidem.

<sup>84</sup> Ibidem.

<sup>85</sup> A entrevista pode ser visualizada no site: <http://blogs.estadao.com.br/ariel-palacios/peron-e-o-terceiro-reich>. Acessado no dia 08 de janeiro de 2013.

<sup>86</sup> Ibidem.

Goñi afirma também que esses contatos demonstram que Hitler e seus assessores já pensavam na extensão de seu domínio ou influência na América do Sul, principalmente para fazer frente a influência que os EUA possuíam sobre o continente. Seu instrumento seria Juan Domingo Perón (1895 – 1974), na época secretário de Guerra, e a eminência parda do poder na Argentina. Perón já vinha estabelecendo contatos e colaborações com o *III Reich* desde o início da Segunda Guerra Mundial.<sup>87</sup>

Em 1941, um mapa chegou a ser encontrado em um táxi que se envolveu num acidente de trânsito na cidade do Rio de Janeiro. O mapa mostrava a redistribuição territorial da América do Sul a ser imposta pela Alemanha depois de sua vitória. O subcontinente seria reduzido a apenas quatro países e uma colônia, todos sob proteção alemã, a saber:

1. Brasil;
2. Argentina, que absorveria o Uruguai, Paraguai, toda a parte baixa da Bolívia e um corredor ao Pacífico;
3. Chile, incluindo o restante do Peru e da Bolívia;
4. Nova Espanha, formada pela Colômbia, Venezuela e Equador, mais o Panamá.
5. As Guianas unificadas como colônia francesa.

---

<sup>87</sup> *Ibidem*.



**IMAGEM 02** - Suposto mapa produzido pelos nazistas redefinindo as fronteiras para a América Latina.

Fonte: CORREIA, Sergio. Crônicas de uma guerra secreta – nazismo na América: a conexão argentina. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Posteriormente, descobriu-se que havia sido forjado pela inteligência britânica. Mas, os historiadores indicam que apesar da falsidade do mapa, ele ilustra bem como Hitler queria reconfigurar o mundo. Como afirma Goñi, que duvida que os alemães pensassem seriamente em uma invasão da América do Sul, “*mas fizeram o possível para estimular o surgimento de governos favoráveis ao Reich, de forma a incomodar os EUA*”.<sup>88</sup>

Em 1945, com o final do conflito e a derrota da Alemanha, os possíveis planos traçados pelo *III Reich* para a América Latina não saíram do papel. Mas nem por isso as relações da Argentina com os nazistas terminaram. Em 1946, Perón foi eleito presidente da Argentina e com ele iniciou-se uma grande campanha de imigração para atrair para a Argentina cientistas, técnicos, engenheiros, instrutores militares entendidos em aviões e armamentos que participaram do governo nazista. O objetivo de Perón era transformar o país em uma superpotência na América Latina e para isso queria contar com as tecnologias desenvolvidas pelos nazistas no setor bélico e industrial.

Um atrativo a mais para que os alemães escolhessem a Argentina como novo “lar”, era a forma como Perón governava o país tanto quanto suas concepções políticas e ideológicas. Nesse aspecto, Holder Meding, do grupo de investigação CEANA, destaca que:

*El régimen autoritario peronista y su frente ideológico tanto contra el comunismo como contra el capitalismo, un presidente con abierta simpatía por lo alemán, y el trato cortés deparado a los prisioneros de guerra alemanes – ejercía más allá de las fronteras argentinas una atracción mágica*

---

<sup>88</sup> Ibidem.

*sobre aquellos que habían visto desvanecerse sus ideales en el fuego de la Segunda Guerra Mundial.*<sup>89</sup>

A esses grupos se uniram as pessoas que foram procuradas pelos aliados como criminosos de guerra (juntam-se a eles os colaboracionistas franceses, belgas, holandeses, eslovacos e croatas), pois devido aos monstruosos delitos contra toda a humanidade, dificilmente podiam esperar obter perdão dos novos governantes da Europa. Para todos a Argentina se apresentava como um refúgio, um abrigo seguro.

Perón chegou a admitir sua admiração pelas ideias do fascismo, e muito depois, nos anos de 1970, ainda criticava o Julgamento de Nuremberg, que definia como uma infâmia. Dizia que havia tentado resgatar o máximo de alemães do tribunal. Fato que realmente conseguiu. O governo argentino organizava e pagava todo o processo de migração dessas pessoas. Organização que envolvia várias entidades: a Igreja Católica oferecia alojamento, coordenação e transporte, a Cruz Vermelha procurava a documentação e os consulados argentinos concediam o visto, após uma entrevista com as autoridades da imigração em Buenos Aires.<sup>90</sup> A operação toda de salvamento ou resgate de criminosos de guerra nazista para a Argentina também ficou conhecida no imaginário popular como Operação Odessa. O que abordamos no próximo tópico.

---

<sup>89</sup> MEDING, M. Holger. Op. Cit. p. 11.

<sup>90</sup> Ibidem.

### 1.3 A Operação Odessa - Organização dos Ex-Membros da SS.

Em 1972 o escritor e jornalista inglês, Frederick Forsyth, publicou o romance intitulado *O Dossiê Odessa*, no qual narra a história de um jornalista *free-lancer* alemão-ocidental e as implicações que ele vai tendo com nazistas na década de 1960. Na obra, Forsyth nos apresenta logo no prefácio que o significado de "Odessa" que é uma abreviação para "*Organisation Der Ehemaligen SS-Angehorigen*" que significa, em resumo "Organização dos Ex-Membros da SS" responsável por proteger os antigos nazistas dos julgamentos por crimes contra a humanidade e, em último grau, de livrar o mundo de uma ameaça causada pelos judeus. Essa organização é o tema central do livro que se baseia numa conspiração da Odessa para a destruição do Estado de Israel.

No romance, Forsyth constrói um suspense protagonizado por Peter Miller, repórter alemão *free-lancer* que se empenha em fazer uma reportagem sobre um antigo oficial da SS que foi visto nas ruas de Hamburgo. No entanto tudo fica mais difícil no momento em que descobre que seu alvo é apenas uma peça em um jogo muito maior. Tudo começa quando Miller ouve a notícia da morte do presidente Kennedy no rádio de seu carro, fazendo-o parar no caminho que tomava para Hamburgo. O tempo perdido na estrada foi responsável por criar o momento perfeito depois, quando Miller vê uma ambulância correndo e, como bom abutre, decide acompanhar o veículo na tentativa de uma ótima reportagem.

Aparentemente Miller teria perdido tempo, já que o caso era apenas mais o suicídio de um homem idoso, um tal de Salomon Tauber. Não poderia dar dinheiro e nada que pudesse construir uma notícia de verdadeira classe. Seria isso se não fosse o fato do homem morto ter sido um antigo prisioneiro do campo de concentração de Riga e,



em seu diário, ter narrado o encontro com o comandante do campo há apenas uns dias antes do suicídio: o capitão Roschmann.

Após ler o diário de Tauber, Miller decide ir atrás do oficial para entregá-lo às autoridades. No mais, ganharia com elementos para uma nova e lucrativa reportagem. Várias indisposições começam a aparecer com as autoridades responsáveis por manter registros sobre os nazistas procurados. Roschmann é apenas uma das peças, e a Odessa já tem conhecimento da intromissão de Miller. Com impasses, Miller vai procurar dados sobre os refugiados de Riga no centro comunitário judaico de Munique, onde finalmente ele encontra um ex-prisioneiro daquele campo que o introduz em uma espécie de sociedade secreta formada por judeus que sofreram nos campos de concentração. O objetivo dessa sociedade é encontrar e matar nazistas, acabando com toda a mancha que sobrou deles. A partir deste momento Miller é treinado para se comportar como um "camarada" da SS, para que possa se infiltrar na Odessa e descobrir quem são os membros da organização. *"É um plano muito arriscado, o que torna evidente que suas intenções no caso vão muito além de uma simples reportagem"*.<sup>91</sup>

Porém, é muito difícil que a organização Odessa, difundida amplamente pela ficção de Forsyth, tenha realmente existido. Até hoje não existem provas concretas sobre a referida organização. Mas o fato é que, na década de setenta as atividades de resgate e transporte de criminosos de guerra nazistas, principalmente para a Argentina, já eram conhecidas de muitos. O jornalista e historiador argentino Uki Goñi, em sua obra, *"A verdadeira Odessa"*, efetua uma investigação minuciosa que revela como Juan Perón armou uma vasta rede de agentes

---

<sup>91</sup> Para ler a obra completa ver: FORSYTH, Frederick. **O Dossiê Odessa**. Op. Cit.

internacionais destinada a resgatar centenas de colaboradores do *III Reich*. Goñi descreve os mecanismos de fuga, analisa o antisemitismo da elite argentina e documenta os primeiros contatos entre Perón e os nazistas. *A verdadeira Odessa* reconstitui o processo desde a chegada de agentes do serviço secreto de Himmler a Madri, em 1944, com o objetivo de preparar rotas que permitissem a fuga dos nazistas derrotados. Em 1946 esta operação foi transferida para Buenos Aires, estabelecendo-se a partir da Casa Rosada e estendendo seus tentáculos até a Escandinávia, Suíça e Itália. Tal pesquisa fundamentou-se em arquivos inéditos do Serviço Secreto norte-americano, em documentos particulares europeus descobertos nos últimos anos, e em entrevistas com envolvidos nesses processos.<sup>92</sup>

Foram duas as principais rotas utilizadas pelos criminosos de guerra para chegar à Argentina: a Rota dos Conventos e a Conexão Suíça. Segundo Uki Goñi, o maior número de refugiados que logrou chegar à Argentina utilizou a chamada rota dos conventos, que contava com a ajuda do Vaticano que tinha medo do avanço comunista na Europa. Perón confiou essa rota ao sacerdote José Clemente Silva, que tinha como “missão” organizar o embarque de “4 milhões de europeus para a Argentina, à razão de 30 mil por mês, com a finalidade de potenciar a revolução econômica e social que Perón havia concebido para seu país”.<sup>93</sup>

José Clemente ainda recebeu outro encargo: ocupar-se do transporte de personalidades especiais, carentes de documentação. Essa tarefa o pôs em contato, na Itália, com o ex-espião Reinhard

---

<sup>92</sup> GOÑI, Uki. **A Verdadeira Odessa**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

<sup>93</sup> *Ibidem*. APUD: COSTA, Sergio Correa. **Crônicas de uma guerra secreta**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 455.

Kops e com o bispo Alois Hudal, reitor da igreja alemã Santa Maria dell'Anima, em Roma, que integram a rede. O bispo Hudal<sup>94</sup> conseguiu, por meio da rota dos conventos, subtrair centenas de criminosos que deveriam ser julgados por atos cometidos durante o regime nazista e encaminhá-los à Argentina. O esquema era relativamente simples. Kops trabalhava em sintonia com o consulado argentino em Gênova, por intermédio de um tirolês, Franz Ruffinengo, engajado como secretário da Comissão Argentina de Imigração pelo fato de falar alemão e poder facilitar os trâmites. Emitidas as autorizações de entrada em Buenos Aires e obtidos os passaportes da Cruz Vermelha, “*o consulado apunha o seu visto e a preciosa carga embarcava tranquilamente nos navios da linha Dodero*”.<sup>95</sup> Segundo Goñi, dentre os personagens mais célebres que fugiram por essa rota, encontram-se Klaus Barbie, conhecido como o “Carniceiro de Lyon” que permaneceu pouco tempo em Buenos Aires antes de se fixar na Bolívia e Adolf Eichmann e seu assistente, Franz Stangl, tendo o primeiro se fixado por terras argentinas e o segundo por terras brasileiras.<sup>96</sup>

A outra rota de fuga dos nazistas para a Argentina foi pela conexão Suíça. Na capital desse país, Berna, afirma Goñi, foi estabelecido o centro das operações de resgate dessas pessoas e de lá eram traçadas as rotas de escape a partir da Alemanha ocupada pelos aliados. Josef Mengele, por exemplo, foi resgatado com a ajuda dessa organização. Outros criminosos, como o Dr. Gerhard Bohne, administrador do

---

<sup>94</sup> Para analisar mais detalhadamente o papel que o bispo Hudal teve na fuga de criminosos de guerra nazista para várias regiões do mundo ver: SANFILIPPO, Matteo. **Los papeles de Hudal como fuente para la historia de la migración de alemanes y nazis después de la Segunda Guerra Mundial**. In: CEANA. Op. Cit.

<sup>95</sup> Ibidem. p. 456.

<sup>96</sup> Ibidem. p. 457.

programa de eutanásia de Hitler; Erich Priebke, implicado na matança das Fossas Ardeatinas em Roma e Josef Schwammberger, responsável pelas matanças de judeus na Polônia, também receberam ajuda dos agentes de Perón por essa rota.<sup>97</sup>

Nesse contexto, criminosos de guerra, técnicos, engenheiros e cientistas migraram para a Argentina com passaportes e documentos falsos e todo o sistema acima citado ajudava-os a saírem da Europa sem serem percebidos, encontrando nas terras argentinas e depois pelo resto da América do Sul uma nova *Heimat*.<sup>98</sup> Estima-se que cerca de 100 mil nazistas fugiram da Europa para a Argentina entre 1945 a 1955, dentre eles vários criminosos de guerra que estariam usufruindo um “*happy retirement*” no país.<sup>99</sup>

Apesar dessa cifra, a migração de criminosos nazistas para a Argentina não passava de um vago rumor até meados da década de

---

<sup>97</sup> Ibidem. p. 462.

<sup>98</sup> A palavra *Heimat*, significa terra natal, ou usando um termo regional aproxima-se de querência. É uma palavra que se origina de *Heim*, lar em português. Como tal sugere uma realidade construída na qual os componentes essenciais são um espaço geográfico concreto e visível, organizado numa paisagem familiar na qual se abriga a tradição cultural. À percepção da *Heimat* incorporam-se invariavelmente a moradia, *das Haus*, as *Heim*, o estar em casa, *der Hof*, o mini-território em que se concretizam a vida e as relações familiares. Significa, portanto, o espaço e o mundo comunal em que a pessoa nasce, cresce e se torna adulta e no qual se enraíza e com o qual desenvolve relações existenciais permanentes. Assim, uma pessoa pode construir a sua *Heimat* em qualquer parte do mundo e a América do Sul seria o novo lar, a sua nova *Heimat*, desde que mantivessem as tradições alemãs. MAUCH, Cláudia. **Os alemães no sul do Brasil**. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. p. 47-48.

<sup>99</sup> CEANA. Op. Cit. É interessante ressaltar que nem todos os fugitivos alemães, por mais “nazistas” que fossem, não podem ser considerados, obrigatoriamente, criminosos. Alguns deles eram apenas partidários ou simpatizantes das ideias nazistas.

1960, quando o sequestro de um dos responsáveis pela “solução final” – Adolf Eichmann – num subúrbio de Buenos Aires, por um comando israelense, trouxe à tona o passado recente do país.<sup>100</sup>

Segundo a pesquisadora do grupo CEANA, Carlota Jackisch, Adolf Eichmann, que foi o responsável de implantar a assim chamada Solução Final da questão judaica, ingressou na Argentina em 14 de julho de 1950, proveniente de Genoa da Itália. Tendo viajado a bordo do vapor “Giovanna C”, sendo titular do passaporte nº 100.940 outorgada pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha, com o nome de Ricardo Klement, Eichmann obteve em Tucumán a cédula de identidade Nº 341.952, trabalhando nessa província para a Companhia Argentina de Projetos e Realizações Industriais (CAPRI) entre 1º de outubro de 1950 até 30 de abril de 1953. Posteriormente, mudou-se para a província de Buenos Aires, onde conseguiu a cédula de identidade Nº 1.138.538, sendo seu lugar de trabalho a fábrica metalúrgica Efeve.<sup>101</sup>

Já “José Mengele”, formado em Filosofia e em Medicina, Tenente Coronel das SS e médico do campo de concentração de Auschwitz, foi procurado por seus experimentos com os prisioneiros dos campos. Ingressou no país em 20 de junho de 1949 com passaporte da Cruz Vermelha Internacional Nº 100.501, com o nome de Helmut Gregor, com o qual obteve a cédula de identidade da Polícia Federal Nº 3.940.484. No mês de novembro de 1956, apresenta sua certidão de nascimento legalizada e certificada pela embaixada da República Federal da Alemanha em Buenos Aires, solicitando a retificação do seu nome. Desta maneira obteve a cédula de identidade da Polícia Federal

---

<sup>100</sup> COSTA, Sergio Corrêa. Op. Cit. p. 462.

<sup>101</sup> JACKISH, Carlota. **Cuantificación de criminales de guerra según fuentes argentinas**. In: CEANNA. Op. Cit. Informe Final. Argentina, 1999. p. 86.

com o mesmo número que a anterior com o nome de Mengele, nascido em Günzburg, província de Baviera, em 16 de março de 1911. Em 9 de outubro de 1959 a Alemanha solicitou a captura do Dr. Mengele, ex-médico do campo de extermínio de Auschwitz. Em 18 de janeiro de 1960 foi requisitada sua extradição.<sup>102</sup>

Em 4 de fevereiro de 1964 o subdiretor de investigações da Polícia Federal da Argentina solicitou ao chefe de investigações da polícia de Assunção do Paraguai informes sobre o motivo de notícias que assinalavam a presença de Mengele no Paraguai. Em 9 de janeiro de 1968, Mengele foi identificado no Brasil com o nome de Helmut Gregor.<sup>103</sup>

Carlota Jackisch ainda nos mostra um grande número de pessoas que foram consideradas criminosas de guerra e que imigraram para a Argentina após a guerra. Segundo Jackisch, temos: Ludolf Hermann Alvensleben, Klaus Barbie, Franz Stangl, Gerhard Bohne, Kurt Christmann, Hans Fischbock, Erwin Fleiss, Fridolin Guth, Hans Friedrich Heffelman, Bernhard Heilig, José Janco, Ekart Kraemer, Walter Kutschmann, Fritz Lantschner, Erich Muller, Erich Priebke, Friedrich Rauch, Walter Rauff, Eduard Roshmann, Josef Schwammberger, Francisco Votterl e Guido Zimmer; só para citar alguns de uma lista de mais de 180 nomes.<sup>104</sup> Alguns desses que ali desembarcaram foram procurados e caçados, especialmente aqueles com um maior renome como Adolf Eichmann, Josef Mengele e Klaus Barbie.

Uma das pessoas que ficou mais conhecida por “caçar” tais personagens foi Simon Wiesenthal, que dedicou mais de cinquenta

---

<sup>102</sup> Ibidem. p. 89.

<sup>103</sup> Ibidem. p. 90.

<sup>104</sup> Ibidem.

anos de sua vida em busca de justiça aos milhões de judeus, homossexuais, dissidentes políticos e ciganos mortos em campos de concentração durante a guerra.

Wiesenthal, judeu, nasceu na cidade de Buczacz, pertencente à Polônia e fazendo parte do Império Austro-Húngaro. Essa região foi invadida pelos nazistas em 1939 e depois entregue ao governo da União Soviética, com quem a Alemanha tinha um acordo de não agressão durante os primeiros anos da guerra. Com isso foi preso e passou por 13 campos de concentração dos quais inúmeras vezes fugiu, sendo capturado posteriormente e torturado várias vezes. No pós-guerra, dedicou-se a caçar os criminosos nazistas espalhados pelo mundo. Falava que não se tratava de vingança, mas sim de justiça para com o seu povo. A pergunta mais frequente à Simon Wiesenthal era sobre o motivo de ter se dedicado a capturar nazistas. Em uma dessas vezes, respondeu a um amigo: “Quando morrermos e chegarmos ao outro mundo, os milhões de judeus mortos pelos nazistas nos perguntarão o que fizemos em todo esse tempo que sobrevivemos a eles. Você dirá: 'eu me dediquei à ourivesaria', outro dirá: 'eu construí casas'. Eu lhes direi: não me esqueci de vocês”.<sup>105</sup> Foi responsável pela prisão de mais de mil criminosos nazistas no pós-guerra, dentre eles o mais famoso, Adolf Eichmann que foi capturado na Argentina. Wiesenthal faleceu aos 96 anos, em 20 de setembro de 2005 em Viena.

Ele não foi o único que se dedicou a procurar os criminosos de guerra que fugiram da Europa após o encerramento do conflito. Pelo menos é o que indica o campo literário, onde encontramos várias obras (citadas anteriormente) que narram a perseguição dos mais célebres nazistas como Martin Bormann, Josef Mengele e até mesmo

---

<sup>105</sup> Biografia de Simon Wiesenthal disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u619.jhtm>. Acessado em 21 de jan. 2010.

Adolf Hitler, por vários cantos do planeta. A nosso ver, os discursos presentes nessas obras, nas matérias de jornais e revistas, filmes e programas de televisão, que abordam o tema, representam o imaginário que se formou após o encerramento da Segunda Guerra Mundial de que o *IV Reich* estaria em formação em algum lugar da América Latina.<sup>106</sup>

Não encontramos trabalhos destinados a analisar a temática como parte de um imaginário. O que a historiografia destacou até agora foi a conflituosa inserção dos imigrantes alemães no Brasil e na América do Sul durante os séculos XIX e XX. Trazendo-nos um olhar tanto quanto realçado sobre “o perigo alemão” analisado por Gertz.<sup>107</sup>

No próximo capítulo, analisamos mais detalhadamente algumas obras literárias que representam esse imaginário e que possuem como temas principais: a caça a nazistas pelas terras latino-americanas, a denúncia da existência de uma conspiração para a formação do *IV Reich* na América do Sul e que Hitler não teria se suicidado no final da guerra, mas sim fugido para a Argentina.

---

<sup>106</sup> Por nota, convencionou-se denominar *I Reich* o Sacro Império Romano Germânico, após a coroação de Carlos Magno, em 800 d.c. O surgimento do *II Reich* atribuiu-se ao chanceler prussiano Otto Von Bismarck quando, após a vitória na guerra Franco Prussiana 1870-1871, o rei prussiano Guilherme I foi aclamado Deutscher Kaiser de um novo Império Alemão. O *III Reich*, que segundo Hitler duraria mil anos, durou de 1933 a 1945. In: STEIN, Marcos Nestor. **A construção do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon (1946-1996)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis: 2000.

<sup>107</sup> Podemos destacar os trabalhos de: MAGALHÃES, Marion Brepohl. **Presença alemã no Brasil**. São Paulo: Editora UNB, 2004. GERTZ, René. **O Fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1987. SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: FCC. 1981.



## CAPÍTULO 2

### OS QUE NUNCA MORREM:

#### O imaginário conspiratório da criação do IV Reich na América Latina.

*Agora os fatos estão claros, e se os mitos, como a verdade, dependem de provas, estamos salvos. Contudo, os mitos são como a verdade; são o triunfo da credulidade sobre a evidência. Na realidade, a forma de um mito está, exteriormente, condicionada aos fatos: existe um mínimo de provas no qual ele deve se apoiar, se quiser sobreviver; mas, uma vez que se finja aceitar esse incontestável mínimo, a mente humana está livre para deliciar-se com sua infinita capacidade de auto-engano.*

- Sir Hugh Trevor-Roper, 1947.<sup>108</sup>

---

<sup>108</sup> TREVOR-ROPER, Hugh. APUD: WHITING, Charles. **A caça de Martin Bormann**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 13.

*Um homem chamado Thompson debruçou-se sobre a escrivaninha de um escritório em Londres. Estávamos na primeira semana de outubro de 1968, e eu me encontrava na Inglaterra há menos de uma semana. Cheguei levando apenas a minha vida, uma surrada pasta de documentos e um Tauros calibre 38, com a qual matara o Dr. Joseph Mengele, o “Anjo da Morte” nazista.<sup>109</sup>*

Hitler não morreu? O *IV Reich* está em construção em algum lugar do mundo? Essas perguntas em um meio acadêmico podem parecer estranhas e sem crédito, pois no discurso oficial Hitler se suicidou em um *bunker* na cidade de Berlim, no dia 30 de abril de 1945. Mas certamente não foram para um grande número de escritores do pós-guerra que publicaram inúmeras obras literárias sobre a fuga de criminosos nazistas da Alemanha, inclusive de Hitler, culminando numa conspiração para a reestruturação do nazismo na América do Sul, ou seja, o *IV Reich*.

É com a epigrafe acima, por exemplo, que Erich Erdstein, judeu austríaco, inicia o seu livro intitulado *Renascimento da Suástica no Brasil*, lançado em 1977, no qual ele efetua a caça a Mengele pela América Latina ao mesmo tempo em que denuncia a existência de uma conspiração nazista para criar o *IV Reich* na região. A história do livro se passa na América do Sul, onde Erdstein relata suas incríveis aventuras desde a sua fuga às pressas de Viena, Áustria, em 1938, quando tinha apenas 18 anos de idade, devido às perseguições dos nazistas aos judeus, até a suposta morte de Mengele na divisa entre o Brasil e o Paraguai.

---

<sup>109</sup> ERDSTEIN. Erich e Bean, Bárbara. Op. Cit. p. 7.

Todas as épocas possuem as suas modalidades específicas de imaginar, reproduzir e renovar o imaginário, assim como possuem modalidades específicas de acreditar, sentir e pensar. Segundo Girardet, a denúncia de uma conspiração, de um complô, não deixa de se inscrever em um clima psicológico e social de incerteza, de temor ou de angústia. São nos “períodos críticos” da sociedade que os mitos se afirmam com mais nitidez, impõem-se com mais intensidade e exercem com mais violência seu poder de atração. De acordo com Girardet, são ao longo das linhas das mais fortes tensões sociais que se desenvolvem os mitos políticos. Não há nenhum dos sistemas mitológicos – Idade de Ouro, Revolução redentora ou do Complô – que não se ligue muito diretamente a fenômenos de crise: aceleração brutal do processo de evolução histórica, rupturas repentinas do meio cultural ou social, desagregação dos mecanismos de solidariedade e de complementaridade que ordenam a vida coletiva. Nenhum que não se relacione a situações de vacuidade, de inquietação, de angústia ou de contestação.<sup>110</sup>

Um discurso mítico está inserido em um meio social no qual já exista uma certa situação de disponibilidade, um certo estado prévio de receptividade. O que significa entre outras coisas, que em sua estrutura, a mensagem a ser transmitida deve, para ter alguma possibilidade de eficácia, corresponder a um certo código já inscrito nas normas do imaginário.<sup>111</sup> A construção e aceitação do imaginário social da conspiração dependem de alguma verossimilhança, de algum contato com o real, se não existir isso, não existe o mito.

---

<sup>110</sup> GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>111</sup> *Ibidem*.

Encontramos muitos desses elementos – ou seja, um clima psicológico e social de incerteza, de medo ou de angústia; um estado de “disponibilidade, verossimilhança e receptividade” com o real; e um “período crítico” da sociedade - no contexto do pós-guerra, onde se formou o imaginário de que o *IV Reich* poderia estar em formação em algum lugar do mundo, principalmente na América Latina. Todos esses sentimentos e elementos estão representados e podem ser verificados com a vasta produção literária, com as matérias de jornais e revistas, e com os filmes produzidos sobre o assunto.

De fato, os eventos ocorridos com a ascensão dos nazistas deixaram graves traumas e sequelas em inúmeras pessoas e em vários países, principalmente quando nos referimos ao holocausto. Logo após o término da guerra, os países que sofreram os seus males, passavam por várias reestruturações sociais, políticas e culturais, e o mundo já começava a ser assombrado pelos temores da Guerra Fria. É justamente nesse período que observamos o surgimento de alguns sentimentos de medo e insegurança no ocidente. Dentre eles podemos citar o medo da conspiração comunista, o medo da Terceira Guerra Mundial e da eminente destruição de todo o planeta pelas bombas nucleares, o medo e o aparecimento dos discos voadores (ETs) e o medo da formação do *IV Reich* na América Latina.<sup>112</sup>

Segundo o historiador inglês Eric Hobsbawm, o final dos anos 1940 e início dos anos de 1950 foi provavelmente o período mais explosivo da Guerra Fria. Após duas guerras mundiais, pouca gente se sentia segura. Havia grande ansiedade em relação a um novo conflito

---

<sup>112</sup> Anteriormente ao período da Guerra Fria, temos o medo da conspiração judaica para dominar o mundo. Nos dias de hoje também identificamos o medo da conspiração terrorista internacional, surgida após os acontecimentos de 11 de setembro de 2001.

mundial e o medo de uma nova depressão econômica, semelhante àquela ocorrida após a Primeira Guerra. As esperanças de uma nova era de paz após a Segunda Guerra tinham se esvaziado depois da escalada de hostilidades entre as superpotências, Estados Unidos e União Soviética.

Na década de 1950 a angústia em relação a uma Terceira Guerra Mundial e a eminente destruição de toda a vida no planeta Terra por uma guerra nuclear estava presente no pensamento de muitos por todo o globo. Segundo Rodolfo Gauthier em sua dissertação de mestrado - *A invenção dos discos voadores*<sup>113</sup> - a fabricação de bombas de hidrogênio, mil vezes mais potentes que a de Hiroshima, fizeram com que esse período recebesse a alcunha de a “*década do fim do mundo*”. Para Hobsbawm, a Guerra Fria teve efeitos psicológicos devastadores:

Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento e devastar a humanidade (...) não aconteceu, mas por cerca de 40 anos pareceu uma possibilidade diária.<sup>114</sup>

Como afirma Gauthier, além da existência das bombas nucleares, colaborou para o sentimento de insegurança geral e medo a retórica francamente apocalíptica que as superpotências assumiram desde muito cedo:

---

<sup>113</sup> GAUTHIER, Rodolfo. **A invenção dos discos voadores (1947 – 1958)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

<sup>114</sup> HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 224.

Alguns presidentes norte-americanos conclamavam o povo a uma cruzada contra o iminente perigo da “conspiração comunista mundial”. Para Hobsbawm, o anticomunismo apocalíptico era útil aos políticos norte-americanos, principalmente durante as eleições. A demonização do rival causava “histeria pública [que] tornava mais fácil para os presidentes obter de cidadãos famosos (...) as imensas somas necessárias para a política americana.” Por outro lado, Moscou também fazia questão de mostrar aos soviéticos que o mundo capitalista era extremamente hostil. Para o diplomata norte-americano George Kennan, a propaganda anticapitalista era peça fundamental na sustentação do autoritário regime stalinista.<sup>115</sup>

Foi nesse contexto, marcado pelo medo da conspiração comunista para dominar o mundo, pelo medo e ansiedade em relação a uma nova guerra e às bombas nucleares, que Gauthier identifica o aparecimento dos discos voadores. Segundo o autor, “*O clima da Guerra Fria de fato influenciou a história dos discos voadores, ao incentivar muitos a olhar para o céu em busca de novas armas e aeronaves*”:<sup>116</sup>

Reais ou não, provocados pelo medo da guerra ou não, os discos voadores foram interpretados pelas pessoas a partir dos dados e sentimentos daquele momento histórico, os quais, não sem razão, eram bastante pessimistas. Os *flying saucers* nasceram em uma época permeada pelo horror e pela ansiedade e isso ficou registrado nas crônicas angustiadas da época.<sup>117</sup>

---

<sup>115</sup> GUTHIER, Rodolfo. Op. Cit. p. 57.

<sup>116</sup> Ibidem. p. 59.

<sup>117</sup> Ibidem.

Gauthier explica como os discos voadores, que eram vistos inicialmente como meros boatos, passaram a ser pensados como armas secretas, depois como aeronaves extraterrestres, para finalmente se cristalizarem na ideia de visitantes de outros planetas.

Feito este breve mapeamento de alguns medos surgidos em decorrência do “período crítico” da Guerra Fria, a “disponibilidade”, “verossimilhança” e a “receptividade” para que o imaginário da conspiração nazista possa ter surgido no contexto do pós-guerra, encontra seu alicerce na fuga de muitos de seus membros para várias regiões do mundo, como Mengele e Bormann. Isso ajudou a formar um “clima” psicológico e social de incerteza, de temor ou de angústia, dada a desconfiança de que o nazismo poderia se reestruturar em algum lugar do mundo sendo guiado por tais pessoas e que até mesmo o próprio Hitler estaria vivo para novamente liderar a “raça ariana”. Todos esses fatores possibilitaram a instauração no imaginário à ideia de que existiria uma conspiração para a formação do *IV Reich*.

Um imaginário político conspiratório possui todo um jogo simbólico que podemos identificar. Nos seus discursos existe algo que podemos chamar de “bestiário do complô”: reúne tudo o que rasteja, se infiltra, se esconde; tudo o que é ondulamente viscoso, tudo o que é tido como portador de sujeira e da infecção como a serpente, o rato, a sanguessuga, o polvo; o subterrâneo ou seu equivalente – cripta, jazigo, quarto fechado. O imaginário conspiratório carrega consigo todo um fluxo de imagens, de fantasmas e de representações simbólicas:

Medo dos porões tenebrosos, das paredes sem saída que se fecham, das fossas escuras de onde não se sob de novo, medo de ser entregue a mãos desconhecidas, de ser roubado, vendido ou abandonado, medo, enfim, do ogro, dos dentes carniceros dos animais de presa, de tudo o que

tritura, despedaça e devora [...] O inimigo opera subterraneamente, clandestinamente versátil, inapreensível, capaz de infiltrar-se em todos os meios, sua habilidade suprema é a da manipulação; suas tropas invisíveis mas presentes em todas as partes.<sup>118</sup>

Para analisar esses elementos, selecionamos quatro obras que nos fornecem maiores subsídios para analisar os discursos que representam o imaginário da conspiração para a formação do *IV Reich* na América Latina. São elas: a obra de Erich Erdstein “Renascimento da Suástica no Brasil”; a obra de Ladislav Farago “*Aftermath*”; o livro de Roberto Botacini “Nazistas na América” e o livro “*The Hunt for Martin Bormann*” (A caça a Martin Bormann) de Charles Whiting. Primeiramente, iremos expor aspectos dessas obras para posteriormente procedermos à análise final.

Lembrando que, como afirma Michel Foucault, em todo discurso é necessário questionar qual vontade de verdade está presente, vontade que define o que pode ser dito e pensado, mas acima de tudo como ser dito e pensado. Vontade que, ao ser questionada, possibilita a compreensão das condições de formação de um discurso.<sup>119</sup>

### ***2.1 Elvis não morreu e Hitler também não! Eichmann, Mengele, Bormann e Hitler na América.***

No conceito de imaginário político conspiratório, encontramos a demonização do homem do complô, ou seja, o príncipe das “trevas”

---

<sup>118</sup> Ibidem. p. 57.

<sup>119</sup> FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.



permanece, em pessoa, o herói privilegiado de uma vasta literatura. Continua a inspirar pavor, fascínio e no mínimo uma duvidosa curiosidade. Com afirma Girardet, “*a multidão de seus fiéis é ainda suficientemente numerosa para permitir escroques diversos prosseguir com lucrativas mistificações*”.<sup>120</sup> No imaginário estudado, o príncipe das “trevas” em questão é Adolf Hitler que, com auxílio de seus discípulos, Bormann, Eichmann, Mengele, Klaus Barbie - possuiria forças diabólicas empenhadas em fazer novamente o mal.

Dentre as obras apresentadas anteriormente que afirmam que Hitler não teria se suicidado em um *bunker* no dia 30 de Abril de 1945, mas sim escapado da Alemanha e se refugiado nas terras latino-americanas, apresentamos aspectos da obra do escritor brasileiro Roberto Botacini “*Nazistas na América*” de 1964, na qual o autor afirma veementemente que a morte de Hitler não passou de uma farsa, denunciando a fuga de vários criminosos de guerra para a América.<sup>121</sup>

Na primeira parte do livro, Botacini se dedica a narrar os momentos finais da guerra, demonstrando como o alto escalão da Alemanha hitlerista, prevendo a eminente derrota, já se organizava para salvar os líderes nazistas das mãos de seus inimigos, distribuindo documentos falsos para que pudessem fugir da capital do Reich sem serem percebidos. Para Botacini, a maioria destes oficiais, antes de deixar o velho continente e irem para a América, estabeleceram-se em Alt-Aussee, “*nas quase inacessíveis montanhas de Salkanmergut, em Styria, na Áustria*”.<sup>122</sup>

---

<sup>120</sup> GIRARDET, Raoul. Op. Cit. p.

<sup>121</sup> Importante salientar que não encontramos maiores informações sobre Botacini. Temos poucas referências em seus livros e na internet as informações sobre este escritor são quase escassas.

<sup>122</sup> BOTACINI, Roberto. Op. Cit. p. 21.

A encantadora estação de água de Alt Aussee, na Áustria, nos últimos meses de guerra tornara-se ponto de encontro de muitas autoridades e oficiais nazistas, entre eles Eichmann, Kaltenbrunner e suas famílias. Em sua retirada de desespero, os nazistas haviam trazido tesouros incalculáveis para essa localidade.<sup>123</sup>

Segundo Botacini, os Alpes Austríacos foi o refúgio final da maioria dos nazistas durante os momentos finais da guerra e homens como Eichmann, Bormann, Mengele, Wisliceny, Rarja, Huensch e inúmeros outros, viveram nas montanhas e florestas, *“como autênticos bandos de guerrilheiros, esperando que o tempo passasse e seus rostos se modificassem com os anos, para que todos se esquecessem. Muitos deles dirigiram-se para a Argentina munidos de identidades falsas”*.<sup>124</sup>

Na década de sessenta, afirma Botacini, viviam impunes na América Latina os seguintes nazistas: Martin Bormann, Dr. Josef Mengele, Dr. Karl Klingenfues, Friedric Schwend Rajakovich, Eric Rarja, Skorzeny, Major Christian Wirth e outros. O autor ainda afirma que:

Por fim, somos pela suposição que tem apaixonado toda a Europa e o mundo, ou seja, a fuga e a sobrevivência de Adolf Hitler na América do Sul, onde hoje viveria ao lado de Eva Braun e de alguns fiéis oficiais e soldados remanescentes da Wehrmacht e de divisões blindadas, encarregadas de proteger o fuhrer.<sup>125</sup>

---

<sup>123</sup> Ibidem. p. 22.

<sup>124</sup> Ibidem. p. 25.

<sup>125</sup> Ibidem. p. 27.

A partir desse momento, o autor se dedica a narrar detalhadamente como Hitler, Martin Bormann, Mengele, Henrich Mueller e Adolf Eichmann escaparam da Alemanha rumo ao continente americano. Segundo o autor, o Major Kainitsch, do exército alemão, planejou a fuga de Hitler e de todo o Estado maior alemão em dois aviões. Hitler iria no primeiro, no dia 30 de abril de 1945, Martin Bormann no segundo, pois ficaria no *bunker* mais algumas horas para propagar o falso suicídio do *Fuhrer* na Alemanha.<sup>126</sup> O fato oficial a registrar, afirma Botacini, e que reforçaria a hipótese de que o *Fuhrer* tenha saído com vida do abrigo subterrâneo é o seguinte:

Como sabemos, a versão oficial cita que Hitler teria se suicidado na tarde de 30 de abril, aproximadamente às 15 horas e 30 minutos. Causa estranheza, porém, que na tarde de 30 de abril e mesmo durante todo o dia 1º de maio, várias mensagens fossem trocadas entre Bormann e o almirante Doenitz, sem nenhuma palavra informando sobre a morte de Hitler. Se o falecimento tivesse ocorrido realmente, o sucessor de Adolf Hitler deveria ser informado oficialmente por Martin Bormann. A mensagem dirigida na noite de 30 de abril para a madrugada de 1º de maio estava assim dirigida: “O Fuhrer ainda vive e dirige a defesa de Berlim”. Nem uma palavra sobre a morte de Hitler! Por outro lado, a mensagem acrescentava que Hitler ordenava a Doenitz que tomasse medidas radicais contra todos os traidores.<sup>127</sup>

Baseado no plano de Kainitsch, outra pessoa seria queimada com o uniforme e as divisas de Hitler, sendo que o cadáver carbonizado

---

<sup>126</sup> Ibidem. p. 32.

<sup>127</sup> Ibidem. p. 32-33.

encontrado seria o de um sargento chamado Schimdt, o qual apresentava um orifício de bala na testa.<sup>128</sup> Segundo Botacini, Ute Eva Bormann, filha de Martin Bormann, confirmou ao jornalista Antonio Vischi a fuga e a sobrevivência de Hitler em uma entrevista que teria sido publicada pela revista italiana “*Domenica Del Corriere*” de 8 de julho de 1962. Eva comenta a última reunião do Estado Maior de Hitler, em fins de abril de 1945, quando as divisões aliadas estavam ocupando Berlim:

“Estava Hitler muito agitado. Estavam lá também Goebbels, Krebs, Burgdorf e muitos outros oficiais. Meu pai também estava presente. Estudaram todos um plano para fugirem à captura. O Major Kainitsch havia preparado tudo. Hitler deveria fugir em um pequeno avião; meu pai permaneceria ainda mais algum tempo em Berlim para que propalasse o suicídio de Hitler e comunicasse ao Almirante Doenitz. Também deveria dar a conhecer o testamento do Fuhrer. Hitler conseguira colocar-se a salvo, porém, o segundo avião, o que viria buscar meu pai não retornou, ficando ele no bunker, fugindo mais tarde pelo subterrâneo do Metropolitano [...] Todos disseram que meu pai havia fugido e que hoje estaria na América do Sul”.<sup>129</sup>

O plano do Major Kainitsch previa esta mesma cena. Um sócio de Hitler deveria ser sacrificado. Esse era um sargento da SS de nome Schmitd, vestido com a farda do *Fuhrer* e com suas divisas, tendo, também um furo de bala na testa e, semi-carbonizado, deveria

---

<sup>128</sup> Ibidem p. 33.

<sup>129</sup> Ibidem. p. 33-34.

ser confundido com Hitler. Com vestígio de um tiro na cabeça poderia surgir a versão do suicídio; um pouco de benzina iria retirar a possibilidade de reconhecimento do cadáver. Que o plano funcionou, assevera o autor, “*tenho absoluta certeza, Hitler conseguir fugir à captura e à morte durante a noite de 30 de abril para 1º de maio*”.<sup>130</sup> Uma notícia de fonte norte-americana confirmaria a hipótese de Ute Eva Bormann. Hitler, após alcançar a Espanha, teria embarcado junto com Eva Braun em um submarino que os deixaram na costa da Argentina, sendo que em seguida seguiria para a Patagônia.

No dia 26 de junho de 1945, surgiram novos indícios de que ele estaria vivo. Segundo Botacini, quase dois meses depois da fuga do ditador nazista, a voz de um posto emissor de rádio clandestino, “*rompeu repentinamente o silêncio, para anunciar: - ‘Atenção, Alemães! Hitler está vivo e se encontra em local seguro!’*”.<sup>131</sup> Tratava-se de uma “emissão relâmpago” pronunciada por Martin Bormann que durou um minuto apenas e, por isso, não foi possível descobrir a sua proveniência, exclama Botacini. Porém, durou tempo suficiente para anunciar a seguinte mensagem:

“Os falsos amigos que cercavam Hitler o enganaram, mas todos morreram ou morrem nas prisões, e o poder pelo qual se entregaram a tantas maquinacões, foi efêmero. Ao contrário, o fuhrer vive cercado por alguns dos seus mais leais compatriotas e colaboradores ‘fora do alcance do inimigo’”. E terminou assim a mensagem: “A luz surgirá, mais uma vez das trevas”.<sup>132</sup>

---

<sup>130</sup> Ibidem. p. 34.

<sup>131</sup> Ibidem. p. 40.

<sup>132</sup> Ibidem. p. 40.

Depois de apresentar as provas e as evidências de que o suicídio de Hitler não passava de uma farsa e que ele estaria vivendo na Patagônia, provas nas quais o autor crê veementemente, Botacini, nesse momento de sua narrativa/denúncia, fala sobre a fuga dos “discípulos” do *Fuhrer*: Martin Bormann, Josef Mengele, Heinrich Mueller e Adolf Eichamnn rumo a América Latina. Limitar-nos-emos a narrar o caso Martin Bormann, pois mais adiante falaremos dos demais com base em outras fontes.

Botacini afirma que na noite de primeiro de maio, quando a situação na Alemanha se tornara mais trágica com os russos intensificando os seus bombardeios, todo o pessoal que se encontrava no *bunker* de Hitler, cerca de quinhentas pessoas, fugiram por vias subterrâneas. Dessa fuga, além de outros líderes, participou Martin Bormann. Ele atravessou as fronteiras da França, dirigindo-se para as Ilhas Canárias, onde permaneceu alguns dias. Deixando a ilha, seguiu para uma das ilhas Baleares, refugiando-se em Majorca, território que pertencia à Espanha. De Majorca partiu para Madri, de onde organizaria mais tarde a sua fuga. Bormann permaneceu, aproximadamente, dois meses na Espanha e, conseguindo documentação falsa, partiu de Madri. Em uma pequena embarcação rumou novamente para a Ilha de Majorca, onde, em seguida, embarcou em um dos submarinos alemães que mais tarde chegaram à Argentina. Os submarinos em questão eram o U-530 e o U-977, os quais aportaram na Argentina dois meses após a rendição da Alemanha. No submarino U-977 também estaria Adolf Hitler.

Cabe destacar que, o mito segundo o qual Hitler haveria escapado para a América Latina a bordo de um desses dois submarinos

---

também está representado nos discursos das obras de: Ladislao Szabo - *“Hitler está Vivo”*; Juan Salinas e Carlos De Napoli - *“Ultramar Sul - A última operação secreta do Terceiro Reich”*; Gerrard Williams e Simon Dunstan - *“The Grey Wolf – The Escape of Adolf Hitler”* (o lobo cinza – a fuga de Adolf Hitler); nos livros de Abel Basti e nos outros livros de Roberto Botacini.

Porém, como afirma o pesquisador do grupo CEANA,<sup>133</sup> Ronald Newton, durante a manhã de 10 de julho de 1945, dois meses depois da rendição da Alemanha, a tripulação de 54 homens do submarino U-530, incluindo seu comandante Otto Wermuth, rendeu-se na base naval de Mar del Plata. No dia 17 de agosto a tripulação de 31 homens do U-977 e seu comandante, Heinz Schaeffert, também se renderam na mesma base naval. Todos foram tratados como prisioneiros de guerra, mas dentre os seus tripulantes não se encontravam nem Bormann e muito menos Hitler.<sup>134</sup>

Botacini segue afirmando que Bormann permaneceu na Argentina, encoberto por uma numerosa colônia alemã. Após alguns anos foi para o Paraguai onde foi apresentado a um tal de Werner Krug. Os dois se encontraram no escritório de Krug em Encarnación, quando Bormann teria aceitado trabalhar na administração da Cooperativa das Pequenas Colônias Alemãs de Obligado. Assim, o ex-conselheiro

---

<sup>133</sup> *Comission para el esclarecimiento das actividades nazistas en Argentina – CEANNA*. Aspectos sobre este grupo de pesquisa foram abordados no capítulo anterior.

<sup>134</sup> NEWTON, Ronald. **Actividades clandestinas de la marina alemana en aguas Argentinas, 1930-1940, com referencia especial a la rendicion de dos submarinos alemanes em Mar del Plata em 1945**. In: CEANA. Op. Cit. Terceiro informe de avence. Novembro de 1998.

de Hitler jamais ia a cidade e “viveu completamente só, sem poder dar o menor sinal de vida à sua família que ficara na Europa”.<sup>135</sup>

Após o ano de 1950, Bormann teria efetuado algumas viagens à Argentina, “onde mantinha contacto e encontrava-se com seus velhos camaradas, entre eles Eichmann e Ante Pavelic, este último antigo regente da Croácia e, na época, chefe da Policia Secreta do ditador Perón”.<sup>136</sup> Em 1951 Bormann teria deixado o Paraguai e se mudado para a Argentina, onde manteve constantes contatos com a rede nazista ramificada por todo o mundo e onde permaneceu até a queda de Perón em 1955.

Em seguida, temendo perseguições e sua possível localização pelos israelitas, teria deixado o país, refugiando-se na cidade peruana de Maquequa, dirigindo-se posteriormente à Europa, onde esteve na Áustria em busca de uma grande quantidade de ouro que ocultara durante os últimos meses de guerra. Esse ouro foi encontrado e contrabandeado para o Paraguai. Ao retornar da Europa, Bormann voltou a esse país, onde permaneceu algum tempo na cidade de Ita, situada a 30 quilômetros de Assunção. Na mesma localidade, afirma Botacini, vivia na ocasião o Dr. Josef Mengele.

Nos últimos meses do ano de 1958, alguns comandos judeus conseguiram uma pista de Bormann, descobrindo que o ex-conselheiro de Hitler refugiara-se no Paraguai. Bormann, informado das atividades dos Comandos de Israel, “imediatamente prepara uma farsa; alguns de seus colaboradores propagaram a falsa notícia de sua morte”.<sup>137</sup>

---

<sup>135</sup> Ibidem. p. 47.

<sup>136</sup> Ibidem.

<sup>137</sup> Ibidem. p. 48.



Segundo Botacini, em julho de 1959 a imprensa noticiava a morte de Martin Bormann, ocorrida no Paraguai. A suposta notícia foi assim apresentada:

Martin Bormann, que vivia em constantes fugas de um país para outro, viveu completamente só, sem poder dar o menor sinal de vida à sua família que ficara na Europa. Estava isolado do mundo, esta vida triste afetou gravemente sua saúde. Quando seu estado piorou e suas dores se tornaram intoleráveis, partiu para Assunção a fim de ver seus amigos; aí chegou no começo de 1959, em estado bastante grave. O sr. Jung ao receber a comunicação sobre o estado de saúde de Bormann, procurou certa noite o dr. Otto Bliss, pedindo-lhe que fosse a sua casa, examinar um doente. O dr. Bliss diagnosticou câncer no estômago, em estado evoluído demais para ser operado. Em 15 de fevereiro quando Bormann teria falecido, o dr. Otto Bliss estaria presente, porém não assinou atestado de óbito, alegou mais tarde que o casal Jung ia enterrar clandestinamente o cadáver. Pela madrugada de 17 de fevereiro de 1959, Bormann foi transportado a Ita, numa camioneta e, imediatamente, sepultado sem cruz e sem lápide, na presença de Jung e outras testemunhas, um dos quais seria o Dr. Mengele.<sup>138</sup>

Em seguida à propagação desta notícia, Bormann teria refugiando-se no Brasil, mas em meados de 1962 foi supostamente localizado no Guarujá e logo depois nas proximidades da Via Dutra. Em 1964, as agências de notícias (sem nomes) informaram que Bormann

---

<sup>138</sup> Ibidem. p. 49.

foi localizado entre o Peru e o Chile, próximo a cidade de Pisagana (norte do Chile). Meses depois, teve sua presença assinalada no Brasil e, posteriormente, no Paraguai. Mas como sempre, conseguiu despistar os seus perseguidores.

Botacini termina afirmando que “*hoje, em alguma parte do mundo, vive alguém solitário; alguém, cujo desaparecimento representa um dos mais espantosos mistérios de nossa época: o paradeiro de Martin Bormann*”.<sup>139</sup>

Nos últimos anos surgiu uma polêmica envolvendo os escritores do livro “*Grey Wolf: The Escape of Adolf Hitler*”, dos britânicos Gerrard Williams e Simon Dunstan, e o jornalista argentino Abel Basti. Segundo o argentino, o livro lançado pelos dois autores britânicos é uma compilação não-autorizada de seus livros “*Hitler en Argentina*” (2006) e “*El exilio de Hitler*” (2010).

“*Grey Wolf*” refaz o mesmo argumento que Basti já defendeu em seus livros: o de que Hitler teria chegado à costa da Patagônia argentina após semanas de viagem dentro de um submarino, e de lá teria se refugiado na estância “San Ramón”, no sopé dos Andes, próximo a Bariloche. Os britânicos “inovam” apenas quando apresentam uma data exata da morte do *Fuhrer*, aos 73 anos (refutada por Basti), no dia 13 de fevereiro de 1962 e ao falarem da existência de duas filhas dele com Eva Braun (e não de um menino e uma menina como sustenta o jornalista argentino).<sup>140</sup>

---

<sup>139</sup> Ibidem. p. 49.

<sup>140</sup> Aqui neste link (em inglês) é possível encontrar o processo que Abel Basti move contra os autores britânicos: <http://www.barilochenazi.com.ar/carta-doc.pdf>

### Segundo o próprio Basti:

“Eles [os autores] vieram até a Argentina e levaram os meus dados. Eu lhes dei acesso a testemunhas e a documentos para a produção de um livro e de um filme. Eu já havia entregado a Williams toda a investigação publicada em meus livros, quando num determinado momento, ele me informou que a crise econômica de 2008 tinha afetado o projeto e que o mesmo não teria como ter uma continuidade porque os investidores haviam desistido. E agora, ele publica um livro junto com Dunstan, assumindo como se fossem deles as minhas investigações.”<sup>141</sup>

Williams defende-se assegurando que nem toda informação de Basti era confiável, e por isso rompeu com ele. Manteve, porém, o nome do argentino nos créditos do livro.<sup>142</sup> O interessante é ressaltar que, em ambos os livros, seus autores crêem que Hitler não se suicidou, mas sim conseguiu fugir para a América do Sul.

Nos próximos tópicos abordaremos aspectos de obras que nararam a caça de Josef Mengele e Martin Bormann pela América Latina. Diferente de Botacini que foca sua narrativa na denúncia, as obras a seguir narram às peripécias de seus autores durante a caça aos “discípulos de Hitler”.

---

<sup>141</sup> Jornal online **Brasil de Fato**. “Novo livro sobre fuga de Hitler para América do Sul é plágio, garante jornalista argentino”. 20/10/2011. A matéria pode ser visualizada no site: <http://www.brasildefato.com.br/content/novo-livro-sobre-fuga-de-hitler-para-am%C3%A9rica-do-sul-%C3%A9-pl%C3%A1gio-garante-jornalista-argentino>. Acessado no dia 16/04/2012.

<sup>142</sup> *Ibidem*.

## 2.2 *Entre aventuras, realidades e ficção: O agente Erich Erdstein.*

O princípio. Um jovem judeu olhando a própria casa, onde os homens envergando uniformes negros com faixas vermelha, branca e negra em torno do braço andavam de cá para lá, com rifles batendo de encontro aos cintos. Isto foi o princípio.<sup>143</sup>

Na década de 1970, Erich Erdstein e Barbara Bean publicaram pela editora Nórdica o livro intitulado “*Renascimento da Suástica no Brasil*”. “*Esta é uma obra tão excitante quanto o famoso romance Os Meninos do Brasil, com uma diferença: é a história real*”, afirma o texto da capa. Com relação à referência ao romance “Os Meninos do Brasil”, trata-se de um filme<sup>144</sup> produzido nos Estados Unidos em 1978 e estrelado por atores famosos como Gregory Peck e Laurence Olivier. Baseado no romance de Ira Levin, o filme apresenta a história do projeto elaborado secretamente pelo Dr. Josef Mengele (Gregory Peck) que visava a criação de clones de Adolf Hitler.

“Os Meninos do Brasil” narra a ambição de Mengele em formar o *IV Reich* na América Latina através da criação de 94 clones de Hitler, os quais foram distribuídos a casais na Europa, Canadá e Estados Unidos. Todos os casais teriam que possuir a mesma diferença de idade dos pais do *Führer*, bem como as características de suas personalidades: uma mãe amorosa e um pai, funcionário público, que possuía uma relação de dominação e conflito com o seu filho. A intenção de Mengele era possibilitar a esses clones as condições

---

<sup>143</sup> ERDSTEIN, Erich e BEAN, Barbara. Op. Cit. p. 08.

<sup>144</sup> Filme: **Os Meninos do Brasil**. Op. Cit.

ambientais idênticas às da vida de Hitler. Assim, as famílias deveriam ser cristãs e o pai morrer aos 65 anos de idade. A trama do filme se desenrola com os nazistas empenhados em assassinar os pais adotivos dos clones, pois, para Mengele, todos os detalhes deveriam ser reproduzidos para o *IV Reich* ser criado.

Levin fez questão de afirmar que sua obra era uma ficção, “Os acontecimentos nele descritos são imaginários, e as personagens – com exceção das pessoas famosas citadas por seus nomes verdadeiros – são também imaginárias”. Assim, enquanto que no filme a conspiração nazista para a formação do *IV Reich* é apresentada como mera ficção, no livro de Erich Erdstein e Barbara Bean a mesma é apresentada como verdadeira. A história se baseia nas aventuras do próprio Erdstein pela América Latina enquanto tenta dismantelar essa conspiração.

Judeu Austríaco, Erdstein refugiou-se na América do Sul em 1939, devido à perseguição nazista. No Brasil, em 1960, passou a trabalhar como tradutor da DOPS, em Curitiba. No livro, *Renascimento da Suástica no Brasil*, “o caçador de nazis mais receado no mundo” relata suas aventuras, desde a sua fuga às pressas de Viena, Áustria, em 1938, quando tinha 18 anos de idade e era estudante de Direito, devido à perseguições dos nazistas. Chegando a Gênova, Itália, Erdstein embarcou em um navio com destino a América do Sul.<sup>145</sup>

O seu plano era se estabelecer no Brasil, mas ao chegar ao controle de imigração o seu passaporte foi recusado, pois o funcionário que a examinou afirmou que era falso. *Onde arranhou isto? Redigiu-o sozinho ou foi algum charlatão que o vendeu para você?*<sup>146</sup>

---

<sup>145</sup> ERDSTEIN, Erich. Op. Cit.

<sup>146</sup> Ibidem. p. 19.

Diante disso, tentou desembarcar no porto do Uruguai que era menos “rígido” conseguindo entrar sem nenhum tipo de documento além do visto falsificado, e logo em seguida seguiu para Buenos Aires na Argentina, onde passou a trabalhar na empresa de beneficiamento de carnes Swift, como cronometrista.<sup>147</sup>

Após oito meses de trabalho na Swift, voltou para a cidade de Montevideu no Uruguai, pois somente após tantos meses seus superiores descobriram que ele não possuía documento algum. Meses depois, a Inglaterra declarou guerra à Alemanha, e ao saber disso, Erdstein se apresentou à embaixada inglesa disposto a entrar em campo de batalha contra Hitler. Entretanto, em vista de seu conhecimento das línguas alemã, francesa e inglesa, foi empregado como mensageiro e tradutor, tendo também a função de elaborar alguns relatórios a respeito do posicionamento de diferentes grupos étnicos em Montevideo. Sua missão era [...] *“misturar-me na comunidade de língua alemã e entre os “nativos” e redigir um relatório sobre os seus pensamentos com relação à guerra”*.<sup>148</sup>

Era o início da sua carreira de investigador a qual ganhou um impulso quando o navio de guerra alemão “Graf Spee” foi atacado no estuário do Prata por 3 navios, dois pertencentes à marinha inglesa e um da Nova Zelândia, obrigando-o a se abrigar no porto de Montevideu. No porto, o capitão do navio alemão conseguiu autorização para sepultar alguns de seus marinheiros que foram mortos durante o combate.<sup>149</sup>

---

<sup>147</sup> Ibidem. p. 19.

<sup>148</sup> Ibidem. p. 37.

<sup>149</sup> Ibidem. p. 37

Após a embarcação alemã afundar, Erdstein suspeitou dos caixões que continham os restos mortais da tripulação. Segundo ele, ao serem transportados, os caixões pareciam estar “pesadíssimos”. Após alguns contatos, conseguiu autorização para exumar os cadáveres. Dentro dos caixões, ao invés de corpos foram encontradas armas que supostamente seriam usadas pelo partido nazista em Montevideú.

A partir desse fato, Erdstein passou a servir de contato entre a Comissão Especial do Senado para tratar das atividades antinaciona- listas e o Serviço Secreto Britânico. Em suas palavras, ele havia se tornado um “*agente nômade, enviado para qualquer parte onde houvesse necessidade de atingir o âmbito de uma conspiração nazista*”.<sup>150</sup>

Em 1941 Erdstein foi mandado para Assunção no Paraguai a fim de elaborar um relatório sobre a cidade. Segundo informações cedidas a ele, Assunção era:

[...] o centro da espionagem na América do Sul, devido à sua localização próxima do centro do continente – tendo o Brasil a nordeste, a Argentina a sudoeste, a Bolívia a noroeste, e o Chile, não muito longe, a oeste. Em 1942, a cidade pululava de agentes políticos ingleses, alemães, americanos e sul-americanos.<sup>151</sup>

Depois de passar cerca de um ano e meio em Assunção in- vestigando supostas conspirações nazistas e elaborando relatórios en- tregues às embaixadas inglesas e norte-americanas, as atividades de Erdstein foram encerradas. Em uma noite em que estava jogando car-

---

<sup>150</sup> Ibidem. p. 37.

<sup>151</sup> Ibidem. p. 39.

tas no Club Centenário com seus amigos Parker, Chávez e o gerente do banco alemão, Erdstein foi avisado que havia um telefonema para ele. Ao se retirar para ir ao telefone, encontrou o chefe de polícia Fuster, acompanhado de mais dois policiais, que o “aconselhou” a entrar em sua viatura. Em seguida a viatura partiu com os quatro e Fuster informou a Erdstein que deveria abandonar o país devido às suas atividades como espião. Pouco tempo depois, cerca de trinta minutos de viagem, chegaram a um ancoradouro, e Erdstein “*estava certo de que tinham me levado até ali para me matar com um tiro e depois atirar-me no rio*”.<sup>152</sup>

Ao desembarcar da viatura, Erdstein lutou desesperadamente contra os policiais até ser golpeado na cabeça e perder os sentidos. Ao recobrá-los, estava em uma embarcação dirigindo-se rio abaixo quando um sujeito lhe falou: “*Desculpe-me, señor, mas parece que tem alguns amigos influentes. O chefe Fuster achou melhor que, afinal de contas, seria melhor se abandonasse a cidade por livre e espontânea vontade*”.<sup>153</sup> Após ser desembarcado, Erdstein chegou à cidade de Basobilbaso, ainda no Paraguai, onde conseguiu abrigo e dinheiro de uma família judia para ir até a cidade argentina de Salta perto da fronteira com a Bolívia.

Quando chegou à cidade, estabeleceu-se em um hotel e logo entrou em contato com os seus superiores em Montevidéu. Sua intenção era o de retornar à capital uruguaia, porém recebeu uma nova missão a ser exercida nesta mesma cidade:

---

<sup>152</sup> Ibidem. p. 42.

<sup>153</sup> Ibidem. p. 45.



[...] deveria continuar em Salta, que era a cidade natal de Robustiano Patrón Costa, o candidato conservador-democrata à presidência nas eleições vindouras. Tanto os Aliados como os uruguaiois estavam interessados na atitude de Costa em relação à guerra. Eu deveria ser o contato deles, informando-lhes sobre a posição assumida pelos diferentes partidos políticos e investigando qualquer atividade da quinta-coluna.<sup>154</sup>

Logo em seguida, quando ainda exercia suas investigações na cidade de Salta, ele cita o golpe militar ocorrido na Argentina em junho de 1943. “*O Presidente da Argentina foi deposto, as eleições canceladas, e o exército nomeou para a presidência um certo General Rawson, que logo depois era substituído por um tal General Ramírez*”.<sup>155</sup> Cita também o novo ministro do trabalho argentino, que era muito popular junto às massas, “*los descamisados*”, “*os sem camisas*”, Juan Domingo Perón.

Certo dia estava ele em um baile de gala na cidade de Tucumán, próximo a Salta. Após ter deixado a festa dirigiu-se ao seu quarto de hotel, onde adormeceu rapidamente devido ao consumo excessivo de champagne. Porém, sua noite de sono foi interrompida quando alguém começou a bater na porta do seu quarto:

O relógio marcava quatro horas da madrugada. Dirigi-me aos tropeções até a porta, resmungando [...] Assim que girei a chave, a porta foi escancarada e um policial corpulento empurrou-me de encontro à

---

<sup>154</sup> Ibidem p. 46.

<sup>155</sup> Ibidem p. 50.

parede. Uns quinze homens à paisana, embarafustaram-se pelo quarto adentro, orientados por um homem alto, moreno, que reconheci. Tratava-se do “El Negro” Uriburu, chefe da Polícia de Investigações. Era de origem espanhola; o apelido fora-lhe dado devido aos olhos negros e parados, a pele escura, e não por sua origem. Era parente de Patrón Costa, mas todos sabiam que era o nazista ferrenho.<sup>156</sup>

Erdstein foi preso primeiramente na sede policial de Tucumán, mas logo depois foi encaminhado a Buenos Aires onde ficou encarcerado no “temível” Departamento de Polícia Federal, na Calle Moreno. Ali, foi submetido a intermináveis interrogatórios com o objetivo de saber tudo sobre ele: “*Quem me pagava? O que dissera? Para quem? Fulano de tal era espião?*”.<sup>157</sup> Após quatro meses aprisionado, Erdstein conseguiu sua liberdade com a condição de deixar a Argentina e retornar ao Uruguai. Sem hesitar, aceitou a proposta e partiu.

Quando retornou a Montevideú, foi readmitido pela Comissão do Senado, mas em vista do fim da guerra, foi afastado do serviço ativo. A sua nova tarefa seria assessorar nas informações sigilosas conseguidas por outros agentes e ajudar no planejamento da política de segurança nacional, voltando a trabalhar como um contato officioso entre o Uruguai e o serviço secreto aliado.

Logo na sequência do texto, temos a questão do extermínio dos judeus, denominada “Solução Final”. Esta parte também trata dos

---

<sup>156</sup> Ibidem p. 51.

<sup>157</sup> Ibidem p. 54.

procedimentos adotados na fuga dos nazistas e da necessidade de caçá-los.

A liderança da SS e da GESTAPO mandou preparar documentos de identificação falsos, distribuiu-os entre os principais líderes nazistas e remeteram para o exterior uma grande parte da riqueza do partido, riqueza esta depositada em contas bancárias fora dos limites da Alemanha e cuja finalidade era ajudar o estabelecimento dos fugitivos alemães e a fundação do *IV Reich*.<sup>158</sup>

Também é mencionado o envolvimento de pessoas ligadas ao Vaticano na fuga dos criminosos nazistas. Os países localizados na rota de fuga ou como possíveis locais de refúgio seriam a Itália, Suíça, Espanha, Oriente Médio e Argentina. Um destes fugitivos, Adolph Eichmann, foi preso na Argentina em 1960. Os israelenses, vendo-se diante da relutância do governo argentino para extraditá-lo, resolvem sequestrá-lo em Buenos Aires e mandaram-no de avião para Israel onde foi julgado e condenado à morte pela força, em 1962, fato que provocou protestos das autoridades na Argentina.<sup>159</sup>

Terminada a guerra, Erdstein passou a se envolver na política do Uruguai como assessor do presidente Luís Battle Berres. Nessa época conheceu João Goulart, que o convidou para vir para o Brasil trabalhar no Conselho de Segurança Nacional, um departamento que conjugava as funções de uma força policial nacional, uma organização

---

<sup>158</sup> Ibidem. p. 69.

<sup>159</sup> ERDSTEIN. Erich e Bean, Bárbara. Op. Cit.

de serviço secreto e um cão de guarda da política interna,<sup>160</sup> convite que aceitou em 1957.

Sua primeira “missão” no Brasil foi efetuada no estado de Minas Gerais na cidade de Belo Horizonte. Lá, Erdstein ficou incumbido da tarefa de descobrir o esconderijo de armamentos de um grupo de extrema direita que seria usado para levantes contra o governo.

Como em suas outras missões pela América, ele se “infiltrou” no grupo, conquistando a amizade e simpatia de todos.

Pouco depois, eu estava trabalhando com os membros desse grupo para ajudar a organizar clubes e demonstrações anticomunistas. Pronunciei discursos, distribuí panfletos e ataquei violentamente o governo. Eu era convertido, muito popular, estimado pelo meu ardor e energia.<sup>161</sup>

Erdstein seguiu investigando os aspectos desse grupo, que se mostravam semelhantes aos nazistas que ele conhecera em Berlim. Após acompanhar um discurso do representante fascista local, *um certo Coronel Bley*, Erdstein fica um tanto quanto “chocado”, pois pensava ele que *“a ameaça nazista estava acabada, mas começava a me dar conta de que ela apenas estava adquirindo um novo aspecto. Peronistas, extrema direita, fascistas, nazistas... o nome não vinha ao caso”*.<sup>162</sup>

---

<sup>160</sup> Ibidem.

<sup>161</sup> Ibidem. p. 74.

<sup>162</sup> Ibidem. p. 75.

Assim que conseguiu descobrir o esconderijo dos armamentos através de sua infiltração no grupo, Erdstein volta para a cidade do Rio de Janeiro, para o Conselho de Segurança Nacional, elabora um relatório e em poucas horas “*um contingente da polícia federal estava a caminho de Belo Horizonte*”.<sup>163</sup> O esconderijo ficava em um porão do retiro dos jesuítas e lá foram encontradas armas e um estoque de munições. O grupo foi desmantelado e os principais líderes presos.<sup>164</sup>

Erdstein termina esta parte de texto mencionando o golpe militar de 1964, fato que trouxe-lhe algumas dificuldades.

(...) Contudo, percebi de imediato que não encontraria lugar junto ao novo governo. O conselho de Segurança Nacional criou o SNI, um órgão da segurança militar responsável pelo novo regime. Felizmente, muitos dos Estados brasileiros mantiveram sua independência durante algum tempo após o golpe e foi num deles que encontrei um novo lar.<sup>165</sup>

Este “novo lar” era o Estado do Paraná, cujo governador, Paulo Pimentel, teria recebido auxílio de Erdstein durante a campanha eleitoral. Na gestão do respectivo governador, foi designado para trabalhar no Departamento de Polícia Civil. Nesta função foi incumbido, a pedido de Simon Wiesenthal, “célebre caçador de nazistas”, de descobrir o paradeiro de Franz Paul Stangl, comandante do Campo de Concentração de Treblinka e Sobibor. Esse objetivo foi

---

<sup>163</sup> Ibidem. p. 77.

<sup>164</sup> Ibidem. p. 78.

<sup>165</sup> Ibidem. p. 79.

atingido em 28 de fevereiro de 1968. Franz Stangl foi extraditado para a Alemanha em 22 de junho de 1968.<sup>166</sup>

No sétimo capítulo de sua obra, Erdstein cita a nova aventura que o espera pelas terras brasileiras como “*a última e mais importante de minha carreira na América do Sul*”.<sup>167</sup>

Tudo começou num dia de verão em 1967, quando Erdstein pediu para seu chefe de gabinete, Ângelo, que era “*o seu subordinado mais responsável*”, investigar um estrangeiro que, devido ao seu comportamento, chamou a atenção do agente.

Desde que chegara a Curitiba, há quase um mês, tinha trocado de hotel de três em três dias. A gerência dos dois últimos estabelecimentos nos quais se hospedara tinha se queixado por ele não ter saldado as contas [...] Falava pouca coisa de português, com forte sotaque alemão, e quase todos os que mantiveram contato com ele descreviam o seu comportamento como “estranho”. Ao que parece não tinha emprego na cidade, nem procurava arranjar um. Meu instinto advertia-me de que alguma coisa não estava certa, portanto, uma semana antes eu dera ordens para que fosse seguido.<sup>168</sup>

Após mais algumas investigações, Ângelo marcou de se encontrar com o tal estrangeiro em um bar chamado Expresso que, segundo Erdstein, era um bar muito popular entre os policiais. Assim

---

<sup>166</sup> Ibidem.

<sup>167</sup> Ibidem. p. 88.

<sup>168</sup> Ibidem. p. 89.

que foi marcado o encontro, o agente se dirigiu até o bar e lá começou a fazer um questionário. Tratava-se de Eugene Parries, cidadão de Luxemburgo, que chegara ao Brasil em 1952 e trabalhara na filial de São Paulo do Banco Holandês Unido, desde a sua chegada até 1954.<sup>169</sup>

Passado algum tempo do começo do interrogatório, Erdstein acha melhor prender Parries para ver se em cárcere ele revelaria algo que explicaria as suas atividades em Curitiba. Ao ouvir voz de prisão Parries exclamou para o agente que:

Era um homem velho e praticamente sem nada, cansado de viver, cansado de fugir. Jurou que não mentia naquele instante. – Contarei tudo quanto desejar saber... mais do que possa querer ouvir – assegurou-me. Tudo quanto me pediu foi para continuar no hotel e não ir para a prisão. Deu-me sua palavra de que no dia seguinte, pela manhã, iria até o meu escritório, mas já estava velho demais para aguentar as prisões brasileiras.<sup>170</sup>

O agente aceita o pedido de Parries e deixa-o dormir em seu hotel. Nesse ínterim, Erdstein fica matutando a respeito do estrangeiro:

O que sabia ele? Imaginei que fosse alemão e não um cidadão de Luxemburgo. Pela sua idade poderia ter ocupado uma posição destacada na Alemanha nazista, talvez servindo em

---

<sup>169</sup> Ibidem. p. 89.

<sup>170</sup> Ibidem. p. 93.

Luxemburgo. Mantinha contato com os nazistas ali, no Paraná, e não escondia a sua ansiedade para evitar que seu passado sofresse uma investigação. Suas palavras voltaram-me a cabeça: “Vou lhe contar mais coisas do que deseja ouvir!”.<sup>171</sup>

Nessa noite, porém, Parries foi encontrado morto no seu quarto de hotel, horas antes de prestar depoimento na delegacia.

Esse fato provocou a ida de Erdstein para Rio do Sul – SC, local onde morava o cunhado de Parries, o farmacêutico Dr. Gemballa. (...) “*Lá fiquei sabendo que Gemballa era o líder do movimento nazista em Rio do Sul, o Fuhrer local. Gemballa estudara Farmácia na Alemanha, em 1930, e voltara como um partidário de Hitler*”.<sup>172</sup>

O primeiro a prestar informações sobre a cidade foi o delegado da cidade, Von Schee. Segundo ele, os nazistas exerciam o controle através de uma organização chamada, Aliança Cultural Alemanha-Brasil, que “*ainda veneravam Adolf Hitler e sonhavam em ressuscitar o Reich alemão*”.<sup>173</sup>

Depois disso, o agente conseguiu junto com o delegado uma lista contendo nomes de pessoas que talvez pudessem dar mais algumas informações sobre Gemballa, Parries e o partido nazista de Rio do Sul.

---

<sup>171</sup> Ibidem. p. 94.

<sup>172</sup> Ibidem. p. 108.

<sup>173</sup> Ibidem.



Dando sequência às suas investigações, o agente descobriu que a organização Aliança Cultural Alemanha-Brasil auxiliava criminosos de guerra nazista. Entre os criminosos auxiliados pela referida organização estariam o Dr. Josef Mengele, médico do campo de concentração de Auschwitz, também conhecido como o “Anjo da Morte”, Heinrich Mueller, chefe da GESTAPO e Martin Bormann, assessor de Hitler. Além disso, essas pessoas frequentemente passavam pela cidade para verificar a célula nazista existente ali.

Através do depoimento prestado pelo garçom Klaus Wemmer, Erdstein descobre que a propriedade denominada Dona Emma, localizada fora da cidade, recebia visitantes um tanto quanto misteriosos e que possivelmente um desses visitantes seria Josef Mengele. O dono da propriedade era o Dr. Alexander Lenard:

Lenard era uma figura notável, um refugiado húngaro, muito embora o seu nome não soasse como tal. Alexander na Hungria é Sandor. E Lenard pouca coisa tinha a ver com aquele país. O homem era pintor, um linguista que transpusera para o latim *Winnie the Pooh*. Naquele momento fazia-se passar por fazendeiro, mas comentava-se que tratava de doentes naquela região, e receitava medicamentos. Significativamente, tivera muitos visitantes misteriosos.<sup>174</sup>

Logo após, Erdstein se dirige à propriedade Dona Ema afim de conhecer o Dr. Lenard que julgava ser “misterioso”. Ao chegar na propriedade, Erdstein foi recebido pela governanta da casa, Natalie Klein,

---

<sup>174</sup> Ibidem. p. 114.

e apresentou-se como Dr. Martin, de Viena, afirmando que era um velho amigo de Lenard. Soube que ele estava viajando naquele momento.

Continou a dialogar com a governanta que, pelo fato do agente supostamente ser um “velho amigo” de seu chefe, logo passou a contar-lhe:

O grande papel que tivera durante a guerra, trabalhando com Herman Goering em Werke, em Bel-sen e Auschwitz. Contou-me isto cheia de orgulho. Depois da Guerra, prosseguiu ela, tinha voltado ao Brasil e tivera a sorte em trabalhar para o Dr. Lenard, um homem notável que não se esquecera como eram as coisas sob o domínio do Führer.<sup>175</sup>

Depois disso, Erdstein volta a Curitiba a fim de investigar algumas informações recebidas e alguns nomes que tinha coligido em Rio do Sul com os arquivos da polícia de Curitiba, da polícia federal e os da Interpol. Estaria de volta à cidade por volta de duas semanas, prazo que lhe permitiria reunir provas suficientes para poder prender os líderes nazistas em Rio do Sul.

O décimo capítulo inicia-se com a descrição das atividades de Mengele no campo de concentração de Auschwitz e sua fuga para a Argentina e depois para o Paraguai. Nesta narrativa o autor estabelece a suposta relação entre Lenard e Mengele. Diante disso, Erdstein retornou para Rio do Sul depois das investigações nos arquivos, acompanhado pelo jornalista Francisco Camargo, do jornal **Tribuna do Paraná** de Curitiba e efetuou uma “batida” na casa de Lenard encontrando várias “pistas” que confirmaram suas suspeitas.

---

<sup>175</sup> Ibidem. p. 120.

Dando uma batida na casa, nada encontrei no andar principal. Não passava de uma confortável casa de campo em estilo alemão, com um busto de Bach, uma imensa coleção de discos e uma fortuna em antiguidades. No andar de baixo, minha busca foi mais recompensadora. Ali havia um salão de conferências, repleto de lembranças nazistas, inclusive um retrato da máscara mortuária de Adolf Hitler. Tirei-a da parede e virei-a. Nas costas estava gravado: “Esculpida por Fiedler, 1946, Roma”. A data deixou-me intrigado, de vez que indicava que a máscara fora feita um ano depois do suicídio de Hitler na casamata de Berlim.<sup>176</sup>

Segundo Erdstein, Natalie Klein foi presa e, após ter sido solta, abandonou a casa de Lenard. Mas, para Erdstein, as evidências encontradas sugeriam que Dona Emma era a “ponta de um Iceberg”. A partir desse momento o agente passou a priorizar a busca por Mengele, isto o levou a realizar investigações em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e Ponta Grossa, no Paraná.

Atingimos, nesse momento, o décimo terceiro capítulo da narrativa de Erdstein. Nesse capítulo o agente narra suas atividades em Marechal Cândido Rondon – PR. Após ter voltado as suas atividades, o agente recebe na chefatura de polícia “*um rapaz chamado Werner Wanderer (...) O jovem e magro advogado era o prefeito de Marechal Rondon, uma pequenina cidade na zona oeste do Paraná*”.<sup>177</sup>

Ao conversarem, Wanderer relatou à Erdstein que:

---

<sup>176</sup> Ibidem. p. 130.

<sup>177</sup> Ibidem. p. 150.

(...) a sua cidade tinha sido tomada por um grupo de nazistas que estava intimidando os brasileiros. Muitos habitantes tinham se queixado a Wanderer, porém ele não sabia de que maneira poderia controlar a situação [...] Após eu ter feito algumas perguntas concordei em passar alguns dias na cidade, a fim de investigar a situação.<sup>178</sup>

Erdstein primeiramente apresenta informações sobre a cidade de Rondon:

Essa parte do Brasil situava-se na região fronteira, e fora colonizada recentemente. Muitos dos colonos eram europeus, alguns chegando em grandes grupos, e plantavam uma variedade de produtos em pequenas fazendas, como costumavam fazer na Europa. Havia também fazendas de gado isoladas, e cidades que serviam como mercados para os fazendeiros. Marechal Rondon, era uma cidade pequena demais para aparecer na maioria dos mapas.<sup>179</sup>

Um lugar em que os comerciais e pronunciamentos da rádio local eram feitos em alemão e bom dia era *Guten Tag*.<sup>180</sup>

Ao chegar à cidade, Erdstein começa a investigar quem eram os envolvidos com o suposto movimento nazista: [...] *o chefe era o Dr. Seyboth, médico, e a sua mulher Ingrun; Herbert von Gaza, dono da*

---

<sup>178</sup> Ibidem. p. 150.

<sup>179</sup> Ibidem. p. 151.

<sup>180</sup> Ibidem.

*loja de material fotográfico; e Franz Wenzler.*<sup>181</sup> Um dos primeiros interrogados foi Von Seyboth e sua mulher Ingrun:

Interroguei-os a respeito das suas atividades políticas, e perguntei-lhes se eram membros do partido nazista, fato que não hesitaram em confirmar. Seyboth pousou em mim os olhos grotescamente aumentados pelos óculos de lentes fortes e aros de metal. - O senhor é alemão, não é... austríaco?... muito bem, deveria estar a nosso favor. Não consigo entender o porquê da sua preocupação. Sua pátria faz parte da *Gross Deutschland*. Somos pessoas superiores e temos o direito de governar aqui.<sup>182</sup>

E assim se dá também com Herbert von Gaza e Franz Wenzler. Mas as respostas sempre eram as mesmas: “[...] *Não cometemos nada que fosse ilegal. Deveria nos ajudar e não nos ameaçar. O senhor é um tolo*”.<sup>183</sup>

Erdstein apresenta a cidade como se ela estivesse sob o controle dos nazistas. O prefeito e os policiais nada podiam ou queriam fazer. O único que poderia resolver esta situação seria ele próprio. É este o tom da sequência da narrativa, com vários episódios sobre troca de tiros e perseguições noturnas em Marechal Cândido Rondon. Uma delas acontece quando, após ter interrogado Wenzler em sua residência, Erdstein percebe que alguém havia furado os pneus de seu carro, tendo que voltar a pé para o hotel em que estava hospedado em plena

---

<sup>181</sup> Ibidem. p. 152.

<sup>182</sup> Ibidem.

<sup>183</sup> Ibidem. p. 159.

noite, juntamente com Moisés Rabinowitz, um jovem repórter do diário paulista *Jornal da Tarde*, que o acompanhava.

A cidade estava envolta num silêncio mortal. Ao dobrarmos a esquina, escutei um barulho (...). Era o cantar de rodas de bicicletas, e quando me virei na direção de onde vinha o ruído, cinco ciclistas surgiram das trevas (...) Os homens de meia-idade que ocupavam as bicicletas lançavam sombras na escuridão (...) e um deles exclamou: - Não vão conseguir sair daqui. Sabemos como lidar com comunistas!

(...) Os dois homens que seguiam à frente desmontaram e encostaram as bicicletas contra uma árvore. Deram meia-volta e começaram a caminhar de volta na nossa direção. Saquei a arma. Mirei para seus pés e disparei contra o chão por diversas vezes. Diante daquilo, os homens deram uma volta e correram para o meio da escuridão da noite, desaparecendo em poucos segundos.<sup>184</sup>

Com o objetivo de obter mais informações a respeito das pessoas acusadas de pertencerem ao nazismo em Marechal Cândido Rondon, Erdstein se dirigiu para São Paulo, onde interrogou Fritz von Ammon, apontado por uma das testemunhas de ser o “mensageiro dos nazistas”. Este, pressionado,

(...) pintou um quadro bem claro de toda a rede nazista. Segundo von Ammon, Marechal Cândido Rondon estava localizada numa região ideal para

---

<sup>184</sup> Ibidem. p. 159.

ser o quartel-general daquela área. Ficava próxima à fronteira, os nazistas tinham controle da localidade e ficava isolada de tal sorte que ninguém perceberia o constante movimento de homens. Evidentemente, dei-me conta de que não estava lidando apenas com uma organização local. Os nazistas estavam muito bem organizados em toda a América do Sul, recebendo ordens dos mais importantes – até Martin Bormann, que ainda dava as cartas. O governo paraguaio simpatizava com eles e era naquele país que se localizava a principal base de operações, mas também contavam com grupos no Rio, São Paulo e todas as grandes cidades. Como não podiam viajar legalmente entre um país e outro, cruzavam as fronteiras de um lado para o outro às escondidas, com dinheiro e ordens para as atividades terroristas. Já contavam com a simpatia de um legislador no Paraguai e queriam ver toda a América do Sul dominada por governos da extrema direita. Nutriam grandes esperanças de poder manipular os ditadores deste país. O mesmo sucedia com relação ao Chile, Peru e Venezuela. - Estamos ficando cada vez mais fortes – esbravejou von Ammon. – Também controlaremos todo o resto do mundo!<sup>185</sup>

Ao interrogar todos os suspeitos de Marechal Cândido Rondon, Erdstein fica convencido que ali havia uma conspiração entre alguns de seus moradores para a criação de um *IV Reich*, e viaja até Curitiba para conseguir mandatos de prisão para os nazistas da cidade. Ao

---

<sup>185</sup> Ibidem. p. 162.

voltar, com os mandatos, Erdstein relata que todos os “nazistas” já haviam deixado a localidade.

Duas semanas mais tarde, eu estava de volta a Marechal Rondon com os mandatos de prisão para todos os integrantes do grupo nazista na cidade. Pinto, com o rosto mais comprido e mais aborrecido ainda por me ver novamente, cumprimentou-me com más notícias. - Dr. Erich, todos eles se foram. Von Seyboth e a mulher, Von Gaza, Isenberg e Wenzler. Deixaram tudo para trás e fugiram.<sup>186</sup>

Mesmo assim, Erdstein considera seu dever cumprido, pois mais uma vez, como nas outras cidades do Brasil e em outros países da América do Sul, acabou com as conspirações para a formação de um novo *Reich*. Sua missão passa a ser capturar Josef Mengele, que estaria escondido na região.

Disposto a encontrar Mengele, Erdstein foi para a cidade de Foz do Iguaçu, situada na fronteira com a Argentina e o Paraguai. Lá obteve a informação de que Martin Bormann vivia no Paraguai, numa fortaleza localizada na selva protegida por militares.

Em certo momento, ele próprio chegou a ver Bormann na rodoviária de Foz do Iguaçu, mas este conseguiu fugir. Objetivando capturá-lo, Erdstein emprestou um avião particular de Werner Wanderer e sobrevoou o local próximo a Porto Mendes, onde estaria a fortaleza.

---

<sup>186</sup> Ibidem. p. 162.



(...) Vimos diversos homens saírem correndo de dentro das construções, acompanhados por dois pastores alemães. Quatro ou cinco estavam à paisana. Outros envergavam uma espécie de farda, com camisas escuras, botas de cano alto e quepes. Sentindo um calafrio lembrei-me do uniforme usado pela SS durante a Segunda Guerra Mundial, mas tratei de afastar aquilo da cabeça. Percebi que os homens fardados corriam muito rijos, como se fossem velhos. Inesperadamente, escutamos o cantar intercalado das metralhadoras. O piloto soltou uma praga e levantou o nariz do avião, efetuando uma subida rápida (...).<sup>187</sup>

Ao vasculhar a região por terra, o agente encontrou o pescador Carl Kraft e, após interrogá-lo, descobriu que o mesmo também fazia o transporte de pessoas e mercadorias, no pequeno barco “Lambari”, funcionando, portanto, como “ponte” entre os “nazistas do lado brasileiro e os da fortaleza”. Ao ser pressionado, o barqueiro afirmou que havia transportado em seu barco um homem chamado “*Herr Bormann*”. Foi a última informação sobre o paradeiro de Bormann que Erdstein ouviu.

Outra informação Erdstein recebeu do delegado de Rio do Sul “Hector von Schee”, dando conta que Josef Mengele fora visto saindo de Dona Emma, depois em Guarapuava, Cascavel e finalmente em São João Alcade, no Noroeste do Paraná. Neste local, Erdstein conseguiu prender Mengele, que na ocasião usava o nome de Cyrilo

---

<sup>187</sup> Ibidem. p. 171.

Chavez Flores, e levá-lo para Curitiba, para ser extraditado para a Alemanha.<sup>188</sup>

Contudo, tão logo chegou em Curitiba, Mengele foi libertado, o que levantou a suspeita do envolvimento de autoridades brasileiras com os nazistas. Erdstein então resolveu tentar prendê-lo novamente. Só que desta vez pretendia entregá-lo às autoridades da Argentina, pois este país tinha um tratado de extradição com a Alemanha.<sup>189</sup>

A narrativa tem seu “dramático” desfecho na fronteira do Brasil com o Paraguai, em que Erdstein apresenta a morte de Mengele e as razões pelas quais não pode apresentar à “prova”, ou seja, o corpo do mesmo. Ao saber que Mengele iria cruzar o rio Paraná a bordo do “Lambari”, Erdstein adiantou-se e armou uma emboscada, conseguindo aprisioná-lo. Ao levá-lo de barco para a Argentina, foram interceptados por uma embarcação da marinha paraguaia:

Assim que a lancha ficou mais perto, Mengele disparou rumo a liberdade, a segurança. Para! Stop! – Gritei. Dois soldados paraguaios pularam para a barça a fim de pegar os dois alemães. Levantei a arma e fiz quatro disparos contra Mengele. Os tiros atingiram-no no peito e do lado. Virou-se para mim, olhou-me com uma expressão de surpresa e tornei a disparar. Desta vez atingi-o em cheio na garganta. Seu corpo estremeceu violentamente e caiu da barça, de cabeça dentro da água. Seus pés ficaram presos em algumas cordas que estavam no deck; ficou dependurado com a cabeça tocando

---

<sup>188</sup> Ibidem. p. 175.

<sup>189</sup> Ibidem.

a água. Os paraguaios, que tinham recuado quando comecei a atirar, agarraram o outro alemão e pularam de volta para a sua lancha. Tornei a disparar e vi o segundo prisioneiro cambalear e agarrar a perna. Ouvi um grito que vinha do outro lado da barça, virei-me e vi um imenso navio patrulha com uma bandeira azul e branca da Argentina hasteada no mastro. Os argentinos gritaram na direção dos paraguaios, que replicaram em língua guarani. Tiros passaram zunindo junto a minha cabeça e, por alguns minutos, houve um tumulto de gritos e disparos. Os paraguaios, vendo que nada podiam fazer contra as armas do barco argentino, deram cobertura a dois dos seus homens que arrancaram Mengele da água enquanto a lancha começava a se afastar. Seu corpo estava inerte e vi que estava morto. Tinha ficado na água durante cinco minutos, no mínimo.(...) Vi diante de mim o corpo de Mengele mergulhado dentro da água. Um nazista morto. Mas que importava isto? Um nazista nunca morre. Aparecerá amanhã, novamente, com um rosto diferente e um nome diverso, talvez falando uma língua diferente, mas com as mesmas antigas ideias. Senti-me, de repente, cansado demais.<sup>190</sup>

### ***2.3 A história da maior caça humana de todos os tempos: A caça a Martin Bormann.***

Martin Bormann, ex-líder da chancelaria do Partido Nazista e secretário do Fuhrer, sobreviveu a

---

<sup>190</sup> ERDSTEIN, Erich. Op. Cit. p. 194-195.

Segunda Guerra Mundial e conseguiu escapar para a Argentina em 1948, com a ajuda do regime de Perón. Quando eu estava em contato com ele em fevereiro de 1973, ele tinha acabado de se mudar do Chile para a Bolívia. Homem muito doente, ele é cuidado em um convento perto de Tupiza, uma remota região da província de Potosí nos Andes, por quatro enfermeiras alemãs da Ordem Redentorista.<sup>191</sup> Recentemente Bormann mudou-se para a Argentina, mais uma vez aproveitando a hospitalidade e proteção do homem que ele chama de “o grande benfeitor”, o último presidente Juan Domingo Perón. Agora ele vive em uma propriedade isolada de amigos ao norte da estrada “General Paz”, com vista para o Rio da Prata. Ele está bem e confortável como um homem da sua idade pode estar – ele celebrou o seu 74th aniversário em 17 de Junho de 1974.<sup>192</sup>

---

<sup>191</sup> Santo Afonso Maria de Ligório fundou em 1732 no sul da Itália a Congregação do Santíssimo Redentor, popularmente chamada Congregação dos Redentoristas. A Congregação teve início como uma resposta às necessidades espirituais dos abandonados, do povo pobre que vivia na zona rural, nas montanhas fora da cidade de Nápoles. Agora presentes em 77 países, os Redentoristas são 5.500 sacerdotes, irmãos e seminaristas que professaram os votos de pobreza, castidade e obediência. Entre outras atividades, os Redentoristas pelo mundo a fora estão envolvidos numa grande variedade de problemas sociais e de questões de justiça, tais como imigração, refugiados, sem-teto, pobreza, desemprego, direitos dos operários, promoção da mulher, exploração do trabalho infantil, racismo, genocídio, povos indígenas, meio-ambiente, guerra e violência, armas e tráfico de pessoas. Informações retiradas do site <http://www.cssr.com/portugues/works/whatwedo.shtml> acessado no dia 30 de março de 2012.

<sup>192</sup> FARAGO, Ladislav. **Aftermath: Martin Bormann and the Fourth Reich.** New York: Simon and Schuster, 1974. p. 9.

Após o encerramento do conflito, tanto os aliados ocidentais quanto os soviéticos se empenharam intensamente na busca por Martin Bormann, detentor de todos os segredos do *III Reich*, que terminou julgado e condenado pelo tribunal de Nuremberg - *in absentia*. Da mesma forma que para Mengele, histórias, versões e teorias das mais absurdas e fantasiosas, ou ao contrário, prováveis, mas sem evidências, passaram a circular sobre o que teria acontecido com esse personagem que parece ser tão esquivo, dissimulado e poderoso. Pesquisadores das mais variadas tendências de diferentes países se dedicaram a essa investigação e, mais de um, chegou a encontrá-lo vivendo tranquilamente em algum recanto agradável da América do Sul, ou até mesmo na China. William Stevenson, por exemplo, autor, jornalista, aviador da Marinha inglesa durante a Segunda Guerra Mundial, relatou em seu livro publicado em 1973 – *The Bormann Brotherhood* (A Irmandade Bormann) – o resultado de sua pesquisa nos quatro cantos do mundo. Segundo Sergio Corrêa da Costa, houve momentos em que Stevenson julgou ter finalmente decifrado o enigma, “*mas o que torna o livro particularmente instrutivo e divertido é o relato das pistas que seguiu, das maquinações e astúcias a que recorreu para induzir testemunhas a contar o que sabiam*”.<sup>193</sup>

“Famosos” caçadores de nazistas afirmaram que Bormann residiu primeiramente no Chile, depois na Argentina e por último no Paraguai. Como o caso de Tadek Friedman que, em 1967, afirmou a um jornalista que sabia o lugar exato onde Bormann se escondia na Argentina.<sup>194</sup> Simon Wiesenthal também dedicou algumas páginas de

---

<sup>193</sup> COSTA, Sergio Corrêa. Op. Cit., p. 485.

<sup>194</sup> BURNSIDE, Patrick. **El escape de Hitler**. Booket: 2004. p. 556.

seu livro – *Os assassinos entre nós* – denunciando a presença do braço direito de Hitler na Argentina e no Chile em 1966.<sup>195</sup>

Mais do que qualquer outro, o desaparecimento de Martin Bormann deu lugar a especulações de toda a sorte, pois para além de um integrante da cúpula do *III Reich*, era líder do movimento nazista e muito mais: detentor dos segredos e planos traçados para o pós-guerra.

Em 1974 foi publicado o livro “*Aftermath. Martin Bormann and the Fourth Reich*” (Consequências. Martin Bormann e o *IV Reich*) de Ladislav Farago, escritor húngaro radicado nos Estados Unidos da América em 1937. Roteirista e jornalista, Farago publicou inúmeros livros de história e espionagem tratando especialmente sobre a Segunda Guerra Mundial. Entre outros escreveu: *Abyssinia On the Eve* (1935), *Burn After Reading* (1961), *The Tenth Fleet* (1962), *War of Wits* (1962), *Patton: Ordeal and Triumph* (1963), *The Broken Seal: "Operation Magic" and The Secret Road to Pearl Harbor* (1967), *Spymaster* (1972), *The Last Days Of Patton* (1981).<sup>196</sup> Com 479 páginas, *Aftermath* alcançou grande vendagem chegando a ser publicado em língua alemã, sob o título de *Scheintot*<sup>197</sup> (Aparentemente Morto), além de, em 1975, ser publicada a segunda edição, sob o título *Aftermath. The Most Daring Manhunt of our Time. The final Search for Martin Bormann*.<sup>198</sup> Cabe ressaltar que não encontramos a obra de

---

<sup>195</sup> Ibidem.

<sup>196</sup> Bibliografia disponível em: [http://www.absoluteastronomy.com/topics/Ladislav\\_Farago](http://www.absoluteastronomy.com/topics/Ladislav_Farago). Acesso em 17 maio 2010.

<sup>197</sup> FARAGO, Ladislav. **Scheintot**. Hamburg: Hoffmann and Kampner Verlag, 1975.

<sup>198</sup> FARAGO, Ladislav. **Aftermath: The Most Daring Manhunt of our Time. The Final Search for Martin Bormann**. 2ª edição. New York: Simon and Schuster, 1975.

Farago na versão em língua portuguesa, sendo analisado totalmente em língua inglesa.

Como Erdstein, Farago também se auto-intitula como “caçador de nazistas”, dedicando-se a procurar alemães acusados de terem cometido crimes durante a Segunda Guerra Mundial. No caso, descreve suas investigações em busca do paradeiro de Martin Bormann pela América do Sul.

Logo nas primeiras páginas, Farago deixa claro que Martin Bormann se torna o centro de suas investigações em sua jornada atrás dos fugitivos nazistas:

No final, Martin Bormann se tornou o centro dos meus estudos. Ele pareceu maior que o resto, pois é afinal o sobrevivente nazista do mais alto escalão e o mais elusivo dos fugitivos.<sup>199</sup>

Farago apresenta uma série de fotos e documentos que comprovariam que Martin Bormann teria entrado na Argentina, assim como documentos que registram as suas atividades em vários países da América Latina. Temos também imagens sobre nazistas fugitivos, locais onde supostamente se esconderam na América do Sul, exames de ossadas e várias fotos dos mais variados integrantes do governo de Hitler. Além disso, no final do livro temos a relação dos nomes das pessoas que contribuíram com informações, entre eles o de Erich Erdstein. A seguir, apresentaremos algumas dessas imagens e documentos.

---

<sup>199</sup> Ibidem. Tradução livre de Marcos Meinerz. Ibidem. p. 14.



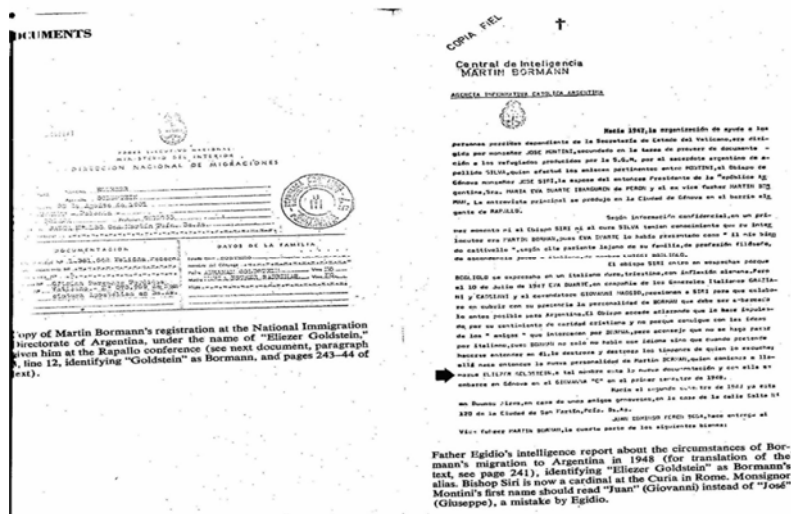
**IMAGEM 03** – Supostos restos mortais de Martin Bormann.

Fonte: FARAGO, Ladislav. Op. Cit. s/p.

Primeiramente, Farago mostra os supostos restos mortais de Bormann achados durante escavações, primeiro em 1965 e depois em 1972 em Berlim, e logo em seguida as compara com a estrutura dental de Bormann, conseguida de seu último dentista, Dr. Hugo Blaschke. Segundo Farago, “*Eles falharam em achar algum sinal de que Bormann havia morrido naquele local há vinte anos atrás*” (1945).<sup>200</sup>

<sup>200</sup> Tradução livre de Marcos Meinerz. Ibidem. p. 276-277.

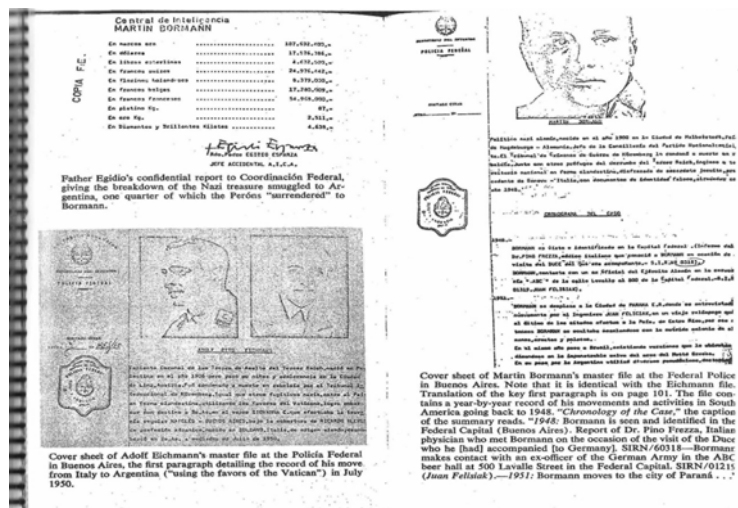




**IMAGEM 04** – Documentos de investigações sobre Martin Bormann.

Fonte: FARAGO, Ladislav. Op. Cit. s/p.

Na sequência, Farago apresenta os documentos que comprovariam a fuga de Bormann para a Argentina. Segundo as legendas que seguem no texto da imagem 04, o documento do lado esquerdo seria uma cópia do registro da entrada de Bormann na Argentina com o nome de Eliezer Goldstein. Já o documento do lado direito reporta as circunstâncias na qual Bormann teria migrado para a América Latina em 1948, com a ajuda de Maria Eva Duarte Iburgurem de Perón - a então esposa do Presidente da Argentina Juan Perón - e do Bispo do Vaticano, Guiseppe Siri. Desse momento em diante, afirma o documento, Bormann assumira a sua nova identidade como Eliezer Goldstein, com a qual embarcou em Genoa – Itália – no vapor “*Giovanna C*” no primeiro semestre de 1948.



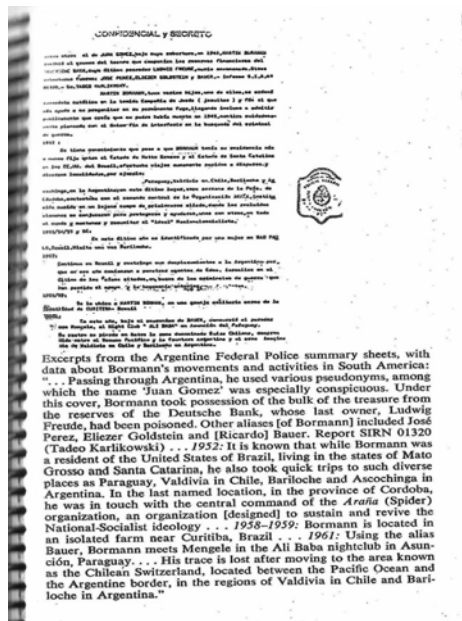
**IMAGEM 05** – Documentos de investigações sobre Martin Bormann.

Fonte: FARAGO, Ladislav. Op. Cit. s/p.

Nessa imagem temos um documento do arquivo da Polícia Federal de Buenos Aires que reporta o movimento de Martin Bormann pela América do Sul. Segundo o documento, ele foi visto em Buenos Aires e logo depois teria seguido para o estado brasileiro do Paraná.

[...] O documento contém registrado ano a ano os movimentos e atividades na América do Sul desde 1948 [...] 1948: Bormann visto e identificado na Capital Federal (Buenos Aires). [...] SIRN/60318 – Bormann fez contato com um ex-oficial do exército alemão no ABC Beer Hall na Lavalle Street nº 500 na Capital Federal. SIRN/01219 (Juan Felisiak). – 1951: Bormann muda-se para uma cidade do Paraná...<sup>201</sup>

<sup>201</sup> Ibidem. Tradução livre de Marcos Meinerz.



**IMAGEM 06** – Documentos de investigações sobre Martin Bormann.

Fonte: FARAGO, Ladislav. Op. Cit. s/p.

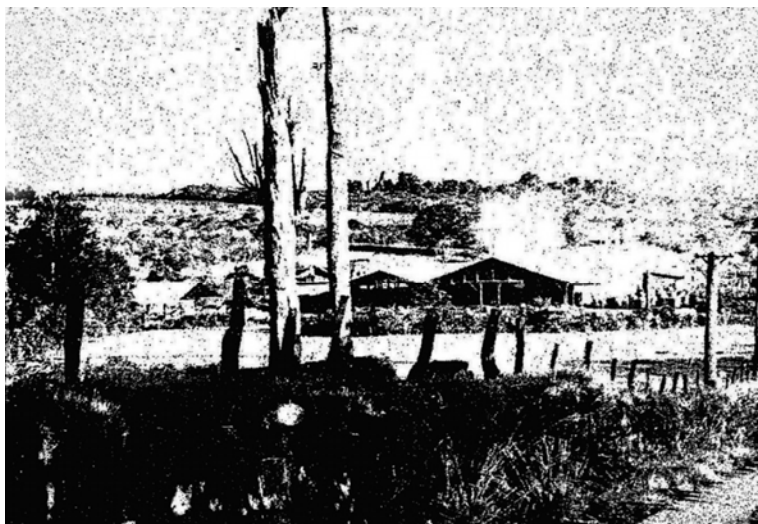
Nestes documentos, temos a descrição da movimentação e das atividades que Martin Bormann realizou na América do Sul. Segundo Farago, o documento foi retirado da Polícia Federal da Argentina. Segue a legenda:

... Passou pela Argentina, usando vários pseudônimos, como o de ‘Juan Gomez’ o seu preferido [...] 1952: Bormann era residente dos Estados Unidos do Brasil, vivia no estado de Mato Grosso e Santa Catarina, ele também fez rápidas viagens para diversos lugares do Paraguai, Valdivia no Chile, Bariloche e Ascochinga na Argentina. Na província de Córdoba, ele esteve em contato com o comando



Figura 6. Documentos de investigação sobre Martin Bormann. Fonte: Farago, Ladislav. Op. Cit. s/p.

central da organização *Araña* (Aranha), uma organização [designada] a sustentar e reviver a ideologia do Nacional-Socialismo... 1958-1959: Bormann localizado em uma isolada fazenda perto de Curitiba, Brasil ... 1961: Bormann se encontra com Mengele no clube noturno Ali Baba em Assunção, Paraguai [...]<sup>202</sup>



Bormann's residence in Paraguay today.

**IMAGEM 07** – A suposta residência de Bormann no Paraguai na década de setenta.

Fonte: FARAGO, Ladislav. Op. Cit. s/p.

Esta seria a suposta residência onde Farago localizou Bormann pela última vez, ao norte da estrada “General Paz”, com vista para o Rio da Prata, no norte da grande capital Buenos Aires, no distrito de San Isidro.

---

<sup>202</sup> Ibidem 292. Tradução livre de Marcos Meinerz.

Podemos interpretar que a intenção de Farago ao utilizar tais documentos em seu livro é a de legitimar a sua busca por Bormann – mostrar que ela era verídica era válida, pois ninguém até então havia conseguido provar que ele estava morto. Além disso, na parte superior de alguns documentos temos a inscrição “*Copia Fiel*” e vários emblemas da Polícia Federal da Argentina que reforça a ideia de documentos verdadeiros, provando aos seus leitores que Martin Bormann continuava vivo.

Na quarta parte do livro – *Trouble in the Fourth Reich* (Problemas no *IV Reich*) – referindo-se a América Latina como lugar onde estaria em formação o novo *Reich* - no décimo oitavo capítulo intitulado *The Search of Dr. Mengele* (A procura do Dr. Mengele), Farago cita como Erich Erdstein matou Mengele, porém duvidando do feito. Segundo ele, Erdstein narrou como teria matado o “Anjo da morte” na tríplice fronteira entre o Brasil, Paraguai e a Argentina no dia 13 de setembro de 1968:

Por toda a fronteira da Argentina até as margens do Alto Paraná, eu tinha todos os meus agentes procurando por Mengele. Eu não precisava esperar muito. Uma professora de Marechal Rondon que estava trabalhando para mim, sinalizou que havia alguma coisa muito estranha estava acontecendo na sua cidade. Tensão. Pessoas estranhas vinham e iam entre Rondon e Porto Mendes, levando partes de um barco para construção. Estava evidente para mim que este barco estava sendo preparado para Mengele, para ele atravessar a fronteira. Eu peguei dois dos meus melhores agentes e meu filho mais novo, Erico Jorge, e armamos uma armadilha para Mengele em Porto Mendes. Ele apareceu como esperado, acompanhado por Walter Bernhardt e Heinrich Muller ex-chefe da Gestapo. Pulamos sobre

os três, algemando-os, e partimos para o meu carro estacionado na estrada. Pegamos um pequeno caminho para o norte, para pegar um barco que eu tinha fretado para levar Mengele para a Argentina. Eram quatro da manhã quando passamos por Foz do Iguaçu. Quando um barco patrulha da Argentina veio ao nosso encontro uma milha rio abaixo para levar todos nós para o Porto Iguaçu, onde o Comandante Figueiredo estava há nossa espera para pegar Mengele e leva-lo para Buenos Aires. Foi quando o tiroteio começou. Um longo, antiquado barco de guerra paraguaio, com 15 soldados a bordo, surgiu da escuridão. Nós havíamos sido traídos! O barco veio para nosso lado, os soldados invadiram o nosso barco tentando levar o Dr. Mengele. Instintivamente eu saquei meu 38. Meu filho Jorge sacou seu 32. Começamos a atirar simultaneamente. Eu acertei Mengele duas vezes no peito e vi-o ir para baixo, primeiro a cabeça, da água. Nós estávamos envolvidos em um grave incidente internacional no rio que marca a fronteira dos três países. Os paraguaios “pescaram” o corpo de Mengele para fora da água, pegaram o ferido Muller a bordo, e partiram em direção ao Porto Presidente Stroessner. Meu filho e eu fomos para o Porto Iguaçu. A manhã estava calma. A caça havia terminado.<sup>203</sup>

Essa foi a história que Erdstein teria contado a Farago sobre como ele havia matado o “anjo da morte” na Tríplice Fronteira. Discurso que, de fato, é o mesmo que Erdstein contou tempos depois em seu livro citado anteriormente, porém com alguns detalhes adicionais, como por exemplo, a participação de seu filho no desfecho do caso.

---

<sup>203</sup> Ibidem.

Segundo Farago - “*it was a good story*” – é uma boa história, que apareceu mais tarde, embelezada por detalhes do caso e da batalha final, em vários jornais e revistas respeitáveis da Europa. Farago assevera que para Erdstein a morte de Mengele era o encerramento da sua carreira como caçador de nazistas. Entretanto, tempos depois,

quando eu segui algumas pistas sobre o paradeiro de Mengele, descobrindo que ele havia sobrevivido milagrosamente ao seu assassinato, confrontei Erdstein e ele apenas encolheu os ombros e disse, talvez em tom de brincadeira, “Eu acho que devo ter matado o homem errado”.<sup>204</sup>

Ainda, Farago afirma que Erdstein ao invés de ter capturado Mengele, teria emboscado um trio de trabalhadores brasileiros, que estavam indo para o Paraguai contrabandear cigarros e uísque para o Brasil. Um foi morto, outro ferido e o terceiro teria conseguido fugir. Este fato teria acabado com sua carreira de policial no país, porém Farago o reconhece por ser um efetivo caçador de nazistas e que ajudou o estado do Paraná a capturar muitos nazistas perigosos.<sup>205</sup>

Outro discurso que encontramos tanto no livro de Farago, como no livro de Botacini, é a suposta morte de Bormann anunciada por jornais da América do Sul. Segundo Farago, no dia 7 de setembro de 1962, vários jornais publicaram a *sensacional história*, emitida de Lima na Bolívia, que anunciava a morte do braço direito de Hitler. De acordo com a notícia:

---

<sup>204</sup> Tradução livre de Marcos Meinerz. Ibidem. p. 291.

<sup>205</sup> Ibidem. p. 291.

Martin Bormann morreu dia 15 de fevereiro de 1959, em Assunção, capital do Paraguai. Ele deu seu último respiro na propriedade particular de Bernard Jung, paraguaio de origem alemã. Um padre local estava no seu leito de morte. Um câncer no estomago foi a causa de sua morte, e a certidão de óbito foi assinado pelo médico de Assunção, Dr. Otto Biss. O enterro se realizou em um pequeno cemitério de Ita perto de Assunção.<sup>206</sup>

No livro de Botacini a data de divulgação da notícia é de julho de 1959 e o nome do médico que assinou o certificado de óbito era “dr. Bliss”. Enquanto que para Farago, a notícia foi divulgada no dia 7 de setembro de 1962 e o nome do médico era “dr. Biss”. Para ambos a notícia não passou de uma farsa. O “dr. Biss” ficou indignado e que negou prontamente que tenha participado do episódio. “*Eu nunca declarei a morte de Bormann, nunca diagnostiquei câncer, e é claro, nunca assinei nenhuma certidão de óbito*”,<sup>207</sup> teria dito o médico. Contudo, afirma Farago, não foi a primeira vez que a morte de Bormann foi anunciada e nem vai ser a última, como em janeiro de 1954, quando o tribunal de Berchtesgaden<sup>208</sup> divulgou que ele teria morrido na meia noite do dia 2 de maio de 1945, porém sem prova alguma sobre o ocorrido.

De fato, várias notícias como essa foram divulgadas durante as décadas que se seguiram ao término da guerra, como nos mostra Charles Whiting em seu livro - *À Caça de Martin Bormann* de 1977.

---

<sup>206</sup> Tradução livre de Marcos Meinerz. Ibidem. p. 302.

<sup>207</sup> Ibidem.

<sup>208</sup> Berchtesgaden é uma cidade alemã situada nos Alpes bávaros, no extremo sul da Alemanha e da Baviera, a 30 km ao sul de Salzburgo (Áustria).



Na obra, Whiting se dedica a investigar o paradeiro do “homem das sombras” pela Europa e Ásia – “*a minha própria caça a Martin Bormann levou-me a dois continentes e seis nações*”<sup>209</sup> - averiguando pistas, entrevistando testemunhas e apresentando os mais diversos homens que se empenharam a procurar Bormann.

Whiting, inglês, foi um escritor de romances e historiador militar, que entre os anos de 1954 e 2007 escreveu cerca de 350 livros, incluindo setenta títulos de “não-ficção” que abordam temas variados, do serviço de inteligência nazista aos regimentos britânicos durante a Segunda Guerra Mundial. Seu primeiro romance – *The Frat Wagon* (O vagão da fraternidade) foi escrito em 1954.<sup>210</sup>

Na obra *À Caça de Martin Bormann*, o autor nos apresenta uma cronologia das notícias sobre o paradeiro de Bormann:

1947: Bormann em Sidnei. 1947: Bormann no Egito. Março de 1947: O Serviço Secreto americano procura Bormann na Espanha. Julho de 1947: Chegam rumores à Europa de que Bormann está vivendo ao pé dos Andes. Novembro de 1949: Bormann “visto” em Munique. Abril de 1950: Um jornal dinamarquês informa que Bormann está na África do Sul. Outubro de 1950: O emigrante alemão Hesslein informa que Bormann está no Chile. 1958: Bormann “visto” no Equador. 1960: Bormann “visto” na Argentina. Abril de 1961: O

---

<sup>209</sup> WHITING, Charles. **À caça de Martin Bormann**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 7.

<sup>210</sup> Podemos observar algumas dessas obras no site: <http://www.fantasticfiction.co.uk/w/charles-whiting>. Acessado no dia 28/08/2012.

Promotor Distrital Fritz Bauer, de Frankfurt, declara: “Bormann ainda está vivo”. Maio de 1961: Bormann vive no Brasil. Novembro de 1961: Bormann agora está no Chile? Junho de 1962: Informa-se que Bormann fugiu da Alemanha num submarino alemão. Foi para a Argentina. Visita a Alemanha uma vez por ano. Março de 1964: Descoberto “túmulo” de Bormann no Paraguai (morto em fevereiro de 1959). Março de 1964: Simon Wiesenthal: “Bormann está vivo na América do Sul”. Abril de 1964: O tcheco Jaroslav Dedic declara: “Enterrei Bormann em Berlim, em 1945”. 1966: Bormann vivendo numa tribo de índios em Mato Grosso, no Brasil. 1967: Correm boatos sobre Bormann em *Kolonie Waldner 555*, na América do Sul. 13 de dezembro de 1971: O governo alemão desiste de procurar Martin Bormann.<sup>211</sup>

Whiting não chega a comentar sobre todos esses rumores, porém demonstra detalhadamente a notícia de que Bormann estaria morando em uma colônia chamada Waldner 555 localizada na América do Sul. Em 1967, um ex-cabo da *Waffen SS* alemã apareceu oferecendo provas “convincentes” de que o *Reichsleiter* estaria vivo. O cabo em questão era Erich Karl Wiedwald, “*um homem de rosto rechonchudo e cabelos escuros*”<sup>212</sup> que contou a sua história para Anthony Terry, que era correspondente do jornal *Sunday Times* de Londres. Segundo a informação de Wiedwald, Martin Bormann estava vivendo na zona mais meridional da fronteira Brasil-Paraguai, um quilômetro à oeste da margem ocidental do rio Paraná e a vinte quatro quilômetros

---

<sup>211</sup> Ibidem. p. 9-10.

<sup>212</sup> Ibidem. p. 173.

da fronteira com o Paraguai – numa colônia criada por ele mesmo, chamada Waldner 555.<sup>213</sup>

Essa colônia, segundo a descrição do cabo era um conjunto de cabanas de sapê,<sup>214</sup> localizadas naquilo que o correspondente do *Sunday Times* denominou de uma das maiores fortalezas naturais do mundo. As dimensões da propriedade eram de aproximadamente quarenta por cem milhas, era protegida de um lado pelo rio Paraná e, por outro, por uma floresta praticamente impenetrável, repleta de índios “ferozes” que faziam parte da folha de pagamentos de Bormann. Além disso, Bormann empregou de quarenta a sessenta europeus centrais como guardas “*que estavam preparados para proteger Waldner 555 de todos os olhos curiosos que se aproximavam*”.<sup>215</sup> As cabanas de sapê, que abrigavam os guardas, estavam dispostas com precisão militar, ao redor de um pátio central, onde se erguia a casa de Bormann – a única construção de pedra no local – afastada para a esquerda, próxima da pista de aterrissagem da colônia e dos dois aviões *Piper Cubs*, que sempre estavam prontos para levantar vôo em caso de perigo.

Segundo Wiedwald, Bormann possuía muito dinheiro, proveniente de duas fontes: fundos do Partido Nazista, num total de trinta e cinco milhões de libras; e os fundos da SS, de cerca de treze milhões. Por isso, Bormann poderia comprar toda a proteção do mundo, desde o mais alto até o mais baixo nível, com a maior facilidade. Whiting assegura que, sobre Bormann, o cabo declarou haver dois fatos cruciais: estava morrendo e irreconhecível. Devido a uma cirurgia plástica

---

<sup>213</sup> Ibidem. p. 174.

<sup>214</sup> O sapê (*Imperata brasiliensis*), também conhecido como sapé, capim-sapé e juçapé, é um capim cujos caules são secados e utilizados para se construir telhados de casas rústicas.

<sup>215</sup> Ibidem.

a que se submeteu em Buenos Aires em 1947, e que fora mal executada, o seu rosto estava inchado, cheio de manchas e com cicatrizes bem feias na testa. Wiedwald explicou ainda que o *Reichsleiter* estava morrendo de um câncer no estômago. Porém, quando o ex-cabo foi intimado a contar a sua história sob juramento, ele simplesmente não pode, por que havia mentido e assim “*outro indício promissor na caçada de vinte e dois anos a Martin Bormann acabava em confusão, perplexidade, duvida e uma decepção amarga*”.<sup>216</sup>

Voltamos agora ao livro de Farago. No vigésimo oitavo e último capítulo de sua “saga” – *Alone in the Bormann Trail* (Sozinho na trilha de Bormann), depois de ter seguido o rastro de Bormann por vários países da América Latina como a Argentina, o Brasil, o Paraguai, a Bolívia e finalmente, depois de ter perdido a chance de prendê-lo no Chile, Farago conseguiu ver Bormann: “*vi é a palavra certa, porque seria de mais dizer que nos conhecemos. Este era o triste final da perseguição*”.<sup>217</sup>

Tudo começou no dia 3 de fevereiro de 1973. Mais de um mês havia se passado desde a última pista de Bormann no Chile. Foi quando ele recebeu telefonemas de Buenos Aires e Lima, avisando que Bormann estaria no sul da Bolívia. Além disso, foi-lhe dito que um encontro estaria sendo preparado entre os dois e que havia certas condições e circunstâncias que precisavam ser discutidas e esclarecidas para que esse evento ocorresse. No entanto, os termos poderiam ser explicados somente a ele, em um “*encontro pessoal com seus representantes de confiança, numa reunião clandestina em um lugar da minha escolha*”.<sup>218</sup>

---

<sup>216</sup> Ibidem. p. 183.

<sup>217</sup> Tradução livre de Marcos Meinerz. FARAGO, Ladislav. Op. Cit. p. 428

<sup>218</sup> Ibidem.

Farago escolheu Lima e chegou lá no dia seguinte. As negociações duraram vários dias, na Granja Azul, um resort onde Bormann normalmente ficava ao visitar seu amigo Schwend em dias festivos. O objetivo era comprar as memórias de Martin Bormann. Durante as negociações, comenta Farago, “*eu estava ladeado por Luis Carnejo, meu advogado [...] Bormann foi representado por dois emissários que tinham voado especialmente para a reunião, um da Bolívia e o outro da Argentina*”.<sup>219</sup> Após uma noite inteira de duras negociações, Farago concordou em pagar \$500,000 dólares para ter os direitos autorais de suas memórias, mas com duas condições:

Primeiro, eu estaria permitido em editar o que me pareceu um manuscrito excepcionalmente monótono [...] Tratava-se principalmente da vida bastante monótona de Bormann no exílio e era inteiramente carente de novas informações [...] Minha segunda condição era que deveria ser dado à permissão, por Bormann pessoalmente, para reescrever todo o manuscrito, se necessário, e adicionar dados originais e outras informações que eu julgue necessário incluir, obtidos através de uma entrevista com ele e seus companheiros, e de milhares de documentos particulares que eu tinha em minha coleção [...]<sup>220</sup>

A segunda condição era uma estratégia para que ele se encontrasse com Bormann pessoalmente. Ele não estava interessado em revender as suas memórias. Os representantes de Martin Bormann então foram consultar o seu “cliente”, retornando dois dias depois, trazendo

---

<sup>219</sup> Tradução livre de Marcos Meinerz. Ibidem. p. 429.

<sup>220</sup> Ibidem. p. 430.

com eles a aceitação de ambas as condições. Assim, Farago foi levado até o último refúgio de Bormann, para autenticar as suas memórias e para provar que era ele de fato.

Não tínhamos tempo a perder. Ele estava vivo, mas muito doente. Como expressou seu representante, “O último esforço para deter sua rápida debilitação, através da terapia celular, falhou. Eu tenho medo, que não há esperanças que ele estará conosco por muito mais tempo”.<sup>221</sup>

Doze dias mais tarde, depois de ter passado por várias fronteiras ilegalmente, violar o espaço aéreo em vôos não autorizados e, “*obviamente, arriscando minha vida em uma aventura tola, eu fui escoltado até seu leito de morte*”.<sup>222</sup> Segundo Farago, Bormann era paciente em uma casa de repouso da Ordem Redentorista em algum lugar no sul da Bolívia, e não lhe restavam muitos dias de vida. O local onde Bormann foi internado, “*um lugar esquecido por Deus*”, só podia ser alcançado por uma velha estrada de ferro internacional, partindo de São Francisco – vale do Humahuaca na Argentina – terminando em Tupiza, cinquenta milhas adentro da Bolívia. Farago afirma que teve que fazer uma “*tortuosa, perigosa e ilícita viagem, parte de avião, parte de carro, e eventualmente a pé para o convento onde Bormann supostamente estaria morrendo*”.<sup>223</sup>

É assim que Farago descreve seu encontro com “a sombra de Hitler”:

---

<sup>221</sup> Ibidem. p. 431.

<sup>222</sup> Ibidem. p. 429.

<sup>223</sup> Ibidem.

Em um pequeno hospital, que tinha apenas uma dúzia de camas e um quarto individual improvisado para ele, em que dispunha de um excelente e dedicado cuidado de quatro irmãs da Ordem Redentorista. Quando fui legado para o seu quarto, para o que nós concordamos em ser uma visita de cinco minutos (sem perguntas feitas e, certamente, sem respostas dadas), eu vi um velhinho em uma cama grande com lençóis recém lavados, com a cabeça apoiada por três grandes almofadas, olhando para mim com os olhos vagos, murmurando palavras para si mesmo, erguendo a voz uma única vez, e disse, não só com alguma ênfase, mas com um vigor que me surpreendeu, “você não vê que eu sou um homem velho? Então por que você não me deixa morrer em paz?”.<sup>224</sup>

Porém, a impressão que Farago teve de Bormann era que ele não estava tão doente quanto o fizeram acreditar. Fato que teria sido confirmado por sua enfermeira pessoal, a Irmã Ursula: “*O fato não é que ele está em estado terminal, porque ele não está. O problema é que ele perdeu a vontade de viver*”.<sup>225</sup>

Contrariando as expectativas de seus representantes, ele não teria morrido naquela remota parte da Bolívia. Uma semana depois do retorno de Perón ao poder na Argentina, Bormann já havia se recuperado fisicamente e mentalmente para voltar ao seu país adotivo. Assim, Bormann voltou para Buenos Aires, “*em um lugar isolado, onde ele ainda vive até o momento, protegido por seus amigos e protegido, agora como antes, pelo seu “Grande Benfeitor”*”.<sup>226</sup>

---

<sup>224</sup> Ibidem. p. 431.

<sup>225</sup> Ibidem.

<sup>226</sup> Ibidem. p. 432.

Farago termina seu livro afirmando que Bormann está vivo e que

está passando seus dias de aposentadoria, seguro e tranquilo [...] por trás das paredes de um casarão em uma província de Buenos Aires. Ao norte da grande capital, no distrito de San Isidro, isolado da confusão e agitação da cidade por altas cercas e densos arbustos, e por seu imenso tamanho. O enclave é dividido em várias propriedades, cada um composto com sua própria piscina, quadras de tênis, jardins bem cuidados e garagens. Situado em terras altas, cerca de 250 pés do rio, a estância é acessível por barco através de um cais privado ou por um portão fortemente vigiado. É patrulhado dia e noite por guardas com cães. Acesso ao local somente com convite.<sup>227</sup>

No final das contas, tanto Farago como Whiting não conseguem prender ou encontrar o paradeiro final de Martin Bormann, que parece ter uma extrema habilidade e destreza para fugir das garras de seus perseguidores, apesar de sua idade avançada – Bormann nasceu em 1900. Parafraseando Whiting: na noite de primeiro para dois de maio de 1945, *“um homem gordo começou a correr. Naquela noite terrível o alemão baixinho, quarenta e cinco anos, ombros e queixo boxeur, começou a maior aventura de sua vida”*.<sup>228</sup> Contra o cenário avermelhado de sangue e chamas da agonizante Berlim nazista, ele se precipitou pelas ruas destroçadas, correndo para salvar a sua vida. Tentava escapar à *“terrível vingança que os vitoriosos tirariam dele se o capturassem”*.<sup>229</sup> Se o III Reich entrava em colapso, a caça a seus líderes havia apenas começado. Um por um eles foram capturados e

---

<sup>227</sup> Ibidem.

<sup>228</sup> WHITING, Charles. Op. Cit. p. 1.

<sup>229</sup> Ibidem.



levados a julgamento. Porém, “*a éminence grise de Hitler, havia simplesmente desaparecido. O homem gordo que começara a correr naquela noite de maio ainda estava em campo. A grande caçada havia começado*”.<sup>230</sup> Os ingleses, os alemães, os israelitas, os americanos, jornalistas, policiais, serviços secretos e mesmo indivíduos isolados – lançaram-se “*à procura do ex-Reichsleiter Martin Bormann, com mais empenho e furor que os espanhóis em busca do Eldorado*”.<sup>231</sup>

Bormann está em algum lugar por ali; o “homem nas sombras” até o fim. Talvez enterrado em algum quintal de Berlim: um punhado de cinzas escuras ou uma pequena caveira branca, sem demonstrar a maneira como morreu [...] Ou talvez um velho desdentado, vivendo de suas lembranças, refastelado sob uma palmeira, saboreando alguma bebida local com coca-cola, divertindo-se com os tolos esforços de todos aqueles homens – ingleses, americanos, russos, israelitas, brasileiros, alemães – que o procuraram, sem sucesso, durante tanto tempo. Quem sabe?<sup>232</sup>

Contudo, as denúncias sobre uma possível conspiração nazista empenhada em construir o *IV Reich* na América Latina, não se restringiram ao campo literário. Várias revistas e jornais publicaram reportagens com as denúncias que, por exemplo, Farago e Erdstein fizeram sobre algumas cidades e pessoas. No próximo capítulo, abordamos algumas dessas reportagens, identificando nelas os elementos discursivos do imaginário conspiratório.

---

<sup>230</sup> Ibidem.

<sup>231</sup> Ibidem.

<sup>232</sup> Ibidem. p. 250.

# CAPÍTULO 3

## MINI-REICH OPERA NO BRASIL:

### A reparação do Fantasma Pardo<sup>233</sup>

As cidades brasileiras de Marechal Cândido Rondon, localizada no extremo oeste do estado do Paraná e a cidade de Rio do Sul, localizada no Vale do Itajaí em Santa Catarina, ganharam destaque na imprensa nacional e internacional quando foram acusadas de abrigar os criminosos de guerra Josef Mengele e Martin Bormann e que nessas cidades existiria uma conspiração por parte de alguns de seus moradores para a formação do *IV Reich* na América. Já a cidade gaúcha de Cândido Godói ganhou destaque na imprensa quando surgiram rumores que o alto índice de gêmeos do município era resultado das experiências praticadas pelo “anjo da morte”.

Alguns dos discursos a seguir sobre Rio do Sul e Marechal Rondon, já foram traçados no capítulo anterior, quando Erdstein narra em sua obra as suas aventuras nas duas cidades. O que vamos observar agora é como esses discursos circularam e foram representados pela imprensa brasileira e estrangeira, cerca de dez anos antes da publicação de seu livro (final da década de 1960), quando Erdstein efetuou

---

<sup>233</sup> Título referente à uma série de matérias publicadas pelo jornal O Paraná em dezembro de 1967.

suas investigações nessas localidades, investido como agente da Polícia Política do Paraná - DOPS.

Portanto, nos próximos tópicos iremos abordar mais detalhadamente os discursos sobre essas cidades que as representaram como reduto de nazistas, os discursos das pessoas que foram envolvidas nas denúncias, assim como a pessoa que possibilitou a maioria desses dizeres, o “caçador de nazistas” Erich Erdstein.

### 3.1 *Mengele e os gêmeos de Cândido Godói.*<sup>234</sup>

Hoje, quarenta e cinco anos depois que o Anjo da Morte chegou a esta região, os testemunhos sobre sua presença continuam inalterados. E como antes, são vagas e difusas as coisas que fazia: tratamentos ambulatorios como dentista ou médico rural, reuniões com agricultores onde se apresentava como veterinário para falar de inseminação artificial, visitas noturnas a casa de uma mulher. Seguiu sendo um personagem esquivo e escorregadio.<sup>235</sup>

Cândido Godói ganhou as páginas dos jornais de todo o mundo em dois momentos particulares. Primeiramente nos anos de 1990, quando geneticistas de Porto Alegre comprovaram que em uma pequena área do município a taxa de nascimento de gêmeos era de 10%, bem acima da média do resto do país que é de 1% dos nascimentos. Posteriormente, no

---

<sup>234</sup> A cidade está localizada no noroeste Rio-Grandense, à 413 quilômetros da capital Porto Alegre. Sua população gira em torno de oito mil pessoas. Dados: [www.candidogodoi.rs.gov.br](http://www.candidogodoi.rs.gov.br).

<sup>235</sup> CAMARASA, Jorge. **Mengele: El Angel de la Muerte en Sudamérica.** Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2008. p. 146.

começo de 2009, quando um livro do jornalista argentino Jorge Camarasa<sup>236</sup> levantou a hipótese, a teoria conspiratória, de que esse fenômeno seria fruto de manipulações genéticas de Josef Mengele, o “anjo da morte”, que teria frequentado a região durante a década de 1960.<sup>237</sup>

Camarasa (1953) nasceu em Buenos Aires, Argentina. É licenciado em Ciências da Informação pela *Universidad Nacional de La Plata* e é assessor do Centro Simon Wiesenthal. Escreveu os romances *La Ola* de 1984 e *La última noche de Jaun Duarte* de 2003. Também escreveu livros sobre a imigração nazifascista para a América Latina: *Los Nazis en la Argentina* de 1992, *Odessa al Sur* de 1995, *Puerto Seguro* de 2006, *Mengele* de 2008 e *América Nazi* de 2011.<sup>238</sup>

No livro *Mengele*, o autor se dedica a traçar o caminho que o “Anjo da Morte” percorreu pela América do Sul, afirmando que os primeiros testemunhos sobre a sua presença em Cândido Godói datam de 1963 e que a “*época coincide com os primeiros relatos de sua entrada no Brasil que conheceríamos mais de quinze anos depois*”.<sup>239</sup> As cidades que ele supostamente frequentava na região compreendiam, além de Cândido Godói, os povoados de Santo Cristo, Cero Largo, linha São Antônio e São Pedro de Butiá.<sup>240</sup>

Camarasa apresenta algumas entrevistas de pessoas que supostamente mantiveram contato com Mengele no período que teria passado pela cidade. Uma delas seria Sigfried Schwertner, que na épo-

---

<sup>236</sup> Ibidem.

<sup>237</sup> Ibidem.

<sup>238</sup> Informações retiradas do site:  
<http://www.librosaguilar.com/ar/autor/jorge-camarasa>. Acessado no dia 03/09/2012.

<sup>239</sup> Ibidem. p. 147.

<sup>240</sup> Ibidem.

ca era proprietário do único armazém da localidade de Cerro Largo. Schwertner teria hospedado por duas noites em 1963, um homem que se apresentou como veterinário:

Chegou a minha casa de Cerro Largo, e me perguntou se podia ficar por duas noites. Disse-me que era veterinário e que estava trabalhando na região. Falava pouco, disse que se chamava Rudolph Wiess e que durante a guerra havia sido oficial aviador no exército nazi.<sup>241</sup>

Outro que teria conversado com Mengele foi Aloisio Finkler. Segundo Caramasa, ele havia participado de uma reunião de fazendeiros organizada por Mengele e ainda recordava alguns detalhes:

Também nos disse que era veterinário, e que estava alojado na casa de Schwertner. Na reunião se falou das enfermidades que tinham nossos animais e nos disse para não nos preocupássemos, que ele poderia curá-los. Parecia um homem culto e muito preparado. Falava de penicilina e de terramicina, que para nós eram coisas quase desconhecidas na época. No final da reunião nos deu umas receitas, mas quando fomos comprar os remédios nos disseram que ele havia comprado todo o estoque, e depois revendeu para nós [...] <sup>242</sup>

---

<sup>241</sup> Ibidem. p. 148.

<sup>242</sup> Ibidem.

Ademais, continua Camarasa, Leonardo Boufler, um amigo de Schwertner, recordava detalhes dos trabalhos do “veterinário” Mengele:

Passava de propriedade em propriedade analisando o gado. Colocava um aparelho para analisar os pulmões dos animais para ver se estavam doentes de tubérculos, e aplicava vacinas aos que supunha infectados. Dizia que podia fazer inseminação artificial em vacas e seres humanos, mas para nós acreditávamos que era impossível porque nessa época era uma técnica desconhecida.<sup>243</sup>

Outra pessoa que havia dado o seu depoimento para Camarasa, era o então prefeito da cidade de Cândido Godói na época de sua visita a cidade em 2006 - Anencir Flores que também se dedicava a pesquisar a origem do fenômeno dos gêmeos da cidade:

Nas histórias que venho escutando de mulheres que foram atendidas por ele, parecia se tratar de uma espécie de médico rural que ia de casa em casa. Atendia as mulheres que tinham varizes, e as aplicava um líquido que levava em uma garrafa, faziam tomar umas pílulas e algumas poções. As vezes também fazia trabalhos de dentista, e o que todas recordam era que ele havia retirado sangue delas.<sup>244</sup>

O autor segue apontando mais algumas entrevistas sobre relatos de Mengele na região. No final, o fato de não conseguirem nenhuma explicação científica para o alto índice de gêmeos na cidade e por

---

<sup>243</sup> Ibidem. p. 149.

<sup>244</sup> Ibidem. p. 151.

Mengele ter supostamente passado por lá e aplicado “pílulas e poções” em algumas de suas mulheres, são fortes indícios para Camarasa de que esse fenômeno poderia ser resultado da passagem do médico de Auschwitz pela região.

Esse discurso sobre a cidade ganhou manchetes em vários países do mundo. No Brasil a revista *Época* publicou no dia 22 de janeiro de 2009 a matéria intitulada “*Nazista Josef Mengele criou ‘cidade dos gêmeos’ no Rio Grande do Sul*”.<sup>245</sup> Segue uma lista de alguns jornais com portais de notícias na internet que representaram esse discurso:<sup>246</sup>

*The Daily Telegraph* – Reino Unido – 21/01/2009.

*The Sun* – Reino Unido – 23/01/2009.

*The Standard* – Hong Kong – 23/01/2009.

*Israel National News* – Israel – 22/01/2009.

*Portal DNA* – Índia – 22/01/2009.

*Fox News* – Estados Unidos – 22/01/2009.

*Estadão* – Brasil – 23/01/2009.

Os moradores de Cândido Godói, contudo, contestam as afirmações de Camarasa. O historiador Paulo Sauthier, organizador do museu da imigração alemã na cidade e ele próprio um dos gêmeos da

---

<sup>245</sup> Segue o link da matéria publicada pela revista *Época*:  
[www.revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI24803-15228,00-NAZISTA+JOSEF+MENGELE+CRIOU+CIDADE+DOS+GEMEOS+BRNO+RIO+GRANDE+DO+SUL+DIZ+LI.HTML](http://www.revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI24803-15228,00-NAZISTA+JOSEF+MENGELE+CRIOU+CIDADE+DOS+GEMEOS+BRNO+RIO+GRANDE+DO+SUL+DIZ+LI.HTML)

<sup>246</sup> Os links das respectivas matérias podem ser visualizados pelo endereço eletrônico: [www.cloacanews.blogspot.com.br/2009/01/exclusivo-fraude-jornalstica-dos-gmeos.html](http://www.cloacanews.blogspot.com.br/2009/01/exclusivo-fraude-jornalstica-dos-gmeos.html). “**Exclusivo: A fraude jornalística dos “Gêmeos de Mengele”**”. Publicada no dia 24 de Janeiro de 2009. Acessado no dia 07/05/2012.

região, afirma, em uma entrevista cedida ao portal G1, que “*É uma total falta de respeito. Nós, gêmeos, jamais admitimos que somos resultado de uma manipulação genética de um criminoso nazista*”. Sauthier ainda afirma que “*nenhuma pessoa da nossa região jamais simpatizou com o nazismo. Nós éramos vitimados por perseguições pós-45 pelo fato de falarmos alemão. Isso é uma total falta de respeito*”.<sup>247</sup> O historiador que estudou as famílias da região não acredita na passagem do alemão pela cidade: “*Não tem ninguém que fale abertamente: ‘eu falei com o Mengele’*”, afirma Sauthier.<sup>248</sup>

O atual prefeito Valdi Goldschmidt concorda: “*É até um pouco pejorativa essa ligação, considerando que temos uma população que é 90% de origem alemã*”. Goldschmidt também explica que a cidade parece ter cada dia menos direito ao apelido que a fez famosa. “*É um resgate do passado que fez o município ter essa denominação de ‘cidade dos gêmeos’*”, explica. “*Hoje em dia, se formos analisar o índice de nascimento de gêmeos, ele não foge mais da média mundial*”, assegura o prefeito.<sup>249</sup> Segundo ele,

Dentre as pessoas de mais idade, dentre as pessoas que tiveram gêmeos, nenhuma, nesses 22 anos que estou aqui, me disse que teve um sujeito que disse que era para tomar isso ou fazer aquilo. Posso te dizer de boca cheia. Acho que em algum momento nesses 22 anos de contato com a população, como a cidade é pequena, eu teria ouvido isso se tivesse acontecido.<sup>250</sup>

---

<sup>247</sup> Reportagem do portal G1 intitulada: **Cidade gaúcha recusa título de ‘terra dos gêmeos de Mengele’**. Publicada em 10/02/2009. Acessada em: 08/05/2012.

<sup>248</sup> Ibidem.

<sup>249</sup> Ibidem.

<sup>250</sup> Ibidem.



O autor já havia levantado a possibilidade de que a existência de uma grande quantidade de gêmeos em Cândia Godói e a passagem do “Anjo da Morte” pela região não eram uma simples coincidência, em outro livro de sua autoria, *“Odessa ao Sul”*, de 1995.<sup>251</sup> Camarasa afirma ter visitado Cândia Godói, onde conversou supostamente com moradores que teriam conhecido Mengele. Mas, tanto Flores quanto Goldschmidt alegaram que não foram procurados por Camarasa em sua passagem pelo município. Flores ainda assegura que as declarações do jornalista argentino de que o médico nazista teria feito experimentos em mulheres, baseada em seus relatos não era verdadeira. *“Eu, Dr, Anencir nunca falei isso. A prova está no livro ‘Meus dois corpos’ lançado em 2007, antes, portanto do lançamento do livro de Camarasa”*.<sup>252</sup>

Flores, o ex-prefeito e médico, ainda declarou que leu a narrativa de Camarasa e resolveu investigar o caso por contra própria. Essa investigação resultou no seu próprio livro, *“Meus dois corpos”*, de 2007,<sup>253</sup> no qual retrata os supostos encontros de Mengele com moradores da região de Godói em uma mistura de “ficção e realidade”, segundo o próprio autor.

Por sua vez, segundo a geneticista Úrsula Matte, que trabalha no Hospital das Clínicas de Porto Alegre e estudou o caso dos gêmeos da cidade, a história das experiências genéticas de Mengele em Cândia Godói tem alguns “furos de roteiro”. O principal, para a geneticista, é o tempo.

---

<sup>251</sup> CAMARASA, Jorge. **Odessa al Sur**: La Argentina como refugio de nazis y criminales de guerra. Argentina: Planeta, 1995.

<sup>252</sup> A entrevista de Flores pode ser visualizada no Site: [www.saladeguerra.blogspot.com.br/2009/03/polemica-sobre-o-caso-dos-de-mengele.html](http://www.saladeguerra.blogspot.com.br/2009/03/polemica-sobre-o-caso-dos-de-mengele.html). Acessado no dia 07/05/2012.

<sup>253</sup> FLORES, Anencir. **Meus dois corpos**. Rio Grande do Sul: Gráfica Coli, 2007.

Se a gente for olhar as idades, temos gêmeos muito antes de ele ter ido e temos gêmeos muito depois de ele ter ido. Eu estudei crianças que nasceram em 1990, 1994. O que ele poderia ter feito em 1960 que fez mulheres em 1994 terem filhos gêmeos? Questiona a geneticista.<sup>254</sup>

E, apesar de Camarasa afirmar que o número de gêmeos aumentou após a suposta passagem de Mengele, afirma Matte, há casos de nascimentos múltiplos em Cândido Godói em 1930, 1940 e 1950. O que ocorre é que os registros de gêmeos ou de qualquer nascimento na área só começaram a ser feitos a partir de 1963 - que é quando a região se torna, oficialmente, um município. Até então as crianças nascidas no município eram registradas ou em Santa Rosa ou em São Luís.

A ciência também desbanca a possibilidade. De acordo com Matte, em 1960 nem a tecnologia mais avançada disponível era capaz de fazer inseminação artificial em humanos. O primeiro bebê de proleta só nasceu em 1979.<sup>255</sup>

Contudo, Mengele não foi supostamente identificado apenas em Cândido Godói. As notícias de que ele também teria passado por Rio do Sul – Santa Catarina e Marechal Cândido Rondon – Paraná, causaram graves celeumas para as pessoas que tiveram seus nomes envolvidos com o “Anjo da Morte”. Portanto, nos próximos tópicos iremos abordar os discursos sobre estas cidades.

---

<sup>254</sup> Reportagem do portal G1 intitulada: **Cidade gaúcha recusa título de ‘terra dos gêmeos de Mengele’**. Publicada em 10/02/2009. Acessada em: 08/05/2012.

<sup>255</sup> Ibidem.

### 3.2 *Seguindo as pegadas de Martin Bormann e Josef Mengele: as investigações do “agente” Erdstein no Paraná e Santa Catarina.*

Joseph Mengele, Martin Bormann e outros criminosos nazistas – em liberdade desde 1945 - estão no Brasil, mais precisamente em Santa Catarina, numa cidadezinha no Vale do Itajaí. Depois de um determinado tempo, se locomovem para Mato Grosso, passando então a percorrer a Argentina, Uruguai e Paraguai. Este círculo de viagem, percorrido há 22 anos, foi descoberto agora, depois de investigações de um agente especial da Diretoria da Polícia Civil do Paraná [...] Graças ao que se denominou “círculo de ferro”, feito por ex-nazistas e refugiados, os criminosos recebem toda a cobertura, sendo quase impossível estabelecer todas as ligações e a extensão da organização protetora, que mantém contato com outras células espalhadas pelo mundo.<sup>256</sup>

É assim que o jornal *O Estado do Paraná* apresenta e passa a publicar, no último mês de 1967, uma série de quatro reportagens intituladas de – *Mini-Reich opera no Brasil* - sobre os “trabalhos policiais”, executados pelo “agente” Erich Erdstein nas cidades de Rio do Sul e Dona Emma, ambas da região do Vale do Itajaí em Santa Catarina.

Erdstein inaugurou sua carreira na polícia paranaense em 1966, ao obter emprego de tradutor na Delegacia de Estrangeiros e logo depois conseguiu uma carteira que o identificava como detetive da Delegacia de Furtos e Roubos. Com isso, passou a atribuir a si próprio o papel de “agente especial” da polícia paranaense e “*nessa condição saiu à cata de criminosos de guerra que estariam refugiados nos*

---

<sup>256</sup> Jornal **O Estado do Paraná**, 13 de dezembro de 1967.

*Estados sulinos*”.<sup>257</sup> A primeira oportunidade surgiu em 1967, quando um cidadão luxemburguês chamado Eugene Parries foi encontrado morto no quarto de um hotel em Curitiba. Parries supostamente era colaborador dos nazistas durante a Segunda Guerra. A polícia concluiu que ele se suicidara, mas o “agente especial” não se deu por satisfeito, “viu no episódio um típica queima de arquivo, que só poderia ter sido encomendada por uma temível organização nazista”.<sup>258</sup> A seguir temos a imagem veiculada na matéria, mostrando Parries morto:



**IMAGEM 08**– “O estranho suicídio no quarto número 30”.

Fonte: Jornal **O Estado do Paraná**, 13 de dezembro de 1967.

<sup>257</sup> Revista **OESTE**. **O IV Reich em Rondon**, outubro de 1991, nº 65, p. 26.

<sup>258</sup> *Ibidem*. p. 26.

A legenda da foto afirma que pela posição do cadáver e pelas mãos, que supostamente demonstram reação, teria sido assassinado pelos nazistas, já que conhecia a organização que operava no Brasil. Quando veio a esse país, Parries teria feito chantagens, extraindo dinheiro dos criminosos de guerra e de pessoas ligadas ao “*circulo de ferro*” em Rio do Sul, até que “*suicidou-se misteriosamente*”.

Com isso, Erdstein teria percorrido o Paraguai, Uruguai e Argentina, reunindo uma série de dados e provas estabelecendo a ligação entre Parries e a organização nazista de proteção denominada “circulo de ferro” que atuava na cidade catarinense. Já no município,

em contato com ex-nazistas, o agente comprovou tudo. Velhos nazis, a maioria gente de importância social, estavam por detrás do manto que encobre, há muitos anos as atividades nazistas no Brasil. Willie Wiess, ex-nazista e oficial da “SS”, ajudou muito nos trabalhos policiais. Conhecedor da vida e atividades dos ex-companheiros, forneceu informações importantes [...] Confirmou a situação de chantagista de Eugene Parries e deu mais detalhes [...] Suas informações apenas atestaram a veracidade da existência do “circulo de ferro”, composto de “grandes homens da cidade”.<sup>259</sup>

Esse trecho faz parte da segunda matéria da série sobre a cidade, que segue apontando o fato da região do Vale do Itajaí ter sido colonizada por alemães como um forte indicativo de que ali poderia ser um reduto de nazistas, pois era “*um país dentro do país*” onde o português só é falado quando chega um “*estrangeiro, uma pessoa de*

---

<sup>259</sup> Jornal **O Estado do Paraná**, 14 de dezembro de 1967.

fora, e o conservadorismo chega até a fazer com que certos pais não ensinem nossa língua a seus filhos”,<sup>260</sup> e o fato é que “a situação de certos alemães do Vale do Itajaí, levanta suspeitas”.<sup>261</sup> A matéria termina informando que todas as pistas indicavam um local, retirado da cidade de Dona Emma, onde Mengele estaria escondido. Com isso a “Operação Caça a Mengele” teve seu início.

A penúltima matéria – sub-intitulada de “Mengele escapou por muito pouco” – de 15 de dezembro de 1967, fala como Mengele,

em suas viagens entre o Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina, utiliza um carro Simca, dois Fuques, ou um Jipe. Quando aparece em Santa Catarina, tudo indica que se homizia numa casa retirada de Dona Emma. Esta casa, de um estranho médico, que diz não ser médico, embora faça operações e tratamentos. Pelo ciclo de suas viagens, está atualmente em Santa Catarina, não sendo preso pelo alarme dado a tempo pelo “círculo de ferro” que lhe dá cobertura no Brasil. Os informantes que colaboram nas investigações, confirmaram a época de sua aparição: “O carro usado por Mengele já chegou com quatro ocupantes”. Em contato com as autoridades do Rio do Sul e Dona Emma, o agente especial deu início a “caça”.<sup>262</sup>

Assim, com seis soldados da Polícia Militar catarinense, o cerco a casa onde Mengele estaria hospedado teria começado (não é informado o dia da “operação”) às 20 horas:

---

<sup>260</sup> Ibidem.

<sup>261</sup> Ibidem.

<sup>262</sup> Jornal **O Estado do Paraná**. 15 de dezembro de 1967.

O escuro, apesar da noite estrelada, fazia com que tudo tomasse forma fantástica, quase sobrenatural. A casa, localizada na elevação de uma montanha, estava com as luzes apagadas. O silêncio era cortado apenas pelos grilos e alguns cachorros, de casas próximas. Como existem duas estradas nas proximidades, foi necessário dividir o número de policiais, para que todas as saídas ficassem bloqueadas [...] O cerco começou a ser fechado, até a casa. O carro não estava lá, nem havia pessoas dentro da casa. Mengele havia recebido o aviso e, de alguma maneira, conseguiu escapar [...] As marcas do Simca, no entanto, foram encontradas nas proximidades do local.<sup>263</sup>

Dentro da casa, segundo o agente, além de um grande quadro de Bach, foram encontrados diversos livros e discos de música clássica, além de um piano, de marca alemã. Já no porão, numa das salas divididas os policiais acharam um fichário médico, uma mesa rústica para operações, milhares de remédios, drogas e entorpecentes, bem como instrumentais cirúrgicos e uma maca. Erdstein recolheu algumas fotos e objetos que posteriormente apresentaria como provas da passagem de Mengele pelo interior de Santa Catarina.<sup>264</sup>

A última matéria do dia 16 de dezembro de 1967, subintitulada: “*A reaparição do Fantasma Pardo*”, termina por denunciar a passagem do ex-médico do campo de concentração de Auschwitz pelas terras brasileiras:

---

<sup>263</sup> Ibidem.

<sup>264</sup> Ibidem.

A esta hora, em algum ponto de Santa Catarina – ou talvez já de Mato Grosso – um homem de quase setenta anos, usando nome e documentação falsos, estava tentando deixar o País. Não será difícil conseguir seu intento, pois com a “cobertura” que possui e a farta documentação forjada que carrega, ninguém, certamente, o deterá para averiguações [...] Este homem é Joseph Mengele, o criminoso nazista mais procurado no mundo atualmente, junto com Martin Bormann, os monstros fabricados pela mente doentia de Adolf Hitler. Mesmo que alguém possua uma foto de Mengele, dificilmente conseguiria identificá-lo: os 22 anos desde o fim da II Guerra Mundial, transformou sua face, que conserva tenuamente o sadismo, a bestialidade que recaiu sobre milhares de vítimas do Reich.<sup>265</sup>

Voltamos agora para a matéria do dia 15 de dezembro de 1967. Nela temos também uma parte dedicada ao dono da casa onde Mengele supostamente se hospedava frequentemente. A casa pertencia ao “*misterioso médico dr. L*” – Alexander Lenard –, assim denominado devido as suas contantes viagens e seu isolamento. No entanto, no decorrer das investigações de Erdstein, chegou-se a conclusão de que o “dr. L” seria um alto funcionário da Alemanha nazista ou mesmo Josef Mengele, ou ainda Martin Bormann.

---

<sup>265</sup> Jornal **O ESTADO DO PARANÁ**, 16 de dezembro de 1967.





**IMAGEM 09** – A casa onde supostamente Mengele se “hospedava”. Na foto o proprietário Alexander Lenard. Ou Josef Mengele? Ou Martin Bormann?

Fonte: BADEL, Keuly. **A escrita de si e do outro: Uma biografia de Alexander Lenard (1951 - 1972)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH São Paulo, julho 2011

Alexander Lenard nasceu na Hungria, em 09 de março de 1910; e morreu em Dona Emma, no dia 13 de abril de 1972. Foi médico, filósofo, poeta, desenhista, romancista, conhecedor de mais de doze línguas, e estudioso da obra de Johann Sebastian Bach. Teve que se mudar, ainda criança, para a Áustria, como fugitivo da Primeira Guerra Mundial e, quando esta terminou deslocou-se para *Klosterneuburg*. Durante este período estudou medicina e viajou pela Europa, conhecendo países e línguas. Porém, com o início da Segunda Guerra

Mundial, Lenard foi para Roma, onde realizou estudos sobre a medicina no mundo antigo, tornando-se um historiador da medicina.<sup>266</sup> E nesse período também prestava auxílio aos aliados em Roma.

Segundo Keuly Badel, o medo de uma possível Terceira Guerra Mundial, e as ameaças de explosões nucleares, fez Lenard vir para o Brasil através da Organização de Refugiados. Com o dinheiro que conseguiu prestando serviços em São Paulo, comprou um terreno no município de Dona Emma (SC), na estrada geral, rumo à Nova Esperança, onde foi sepultado. Esta propriedade continua com sua família até os dias atuais. Durante o período que residiu na cidade catarinense produziu várias obras entre elas: *Ein Tag im unsichtbaren Haus* (1970), *The Valley of the Latin Bear* (1965), *Die Kuh auf dem Bast* (1963).<sup>267</sup>

Erdstein não vendeu a sua história apenas ao jornal “Estado do Paraná”. Em fevereiro de 1968, vendeu também a revista “*Neue Revue*”, da Alemanha, um relato das suas incríveis peripécias no “submundo da suástica”. O “agente especial” relatou a história que começava com a morte de Parries, em Curitiba, passando pelo Vale do Itajaí. A

---

<sup>266</sup> BADEL, Keuly. **A escrita de si e do outro**: Uma biografia de Alexander Lenard (1951 – 1972). Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH São Paulo, julho 2011.

<sup>267</sup> Ibidem. O município de Dona Emma está situado no Vale do Itajaí do Norte, pertence à microrregião do Alto Vale do Itajaí. Possui uma extensão territorial de 181, 018km<sup>2</sup>, e 3.441 habitantes, de acordo com a contagem do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística realizada no ano de 2007. Pertence à Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí - AMAVI. A distância entre a cidade de Dona Emma e a capital Florianópolis é de 237 km via BR 282 e 257 km via BR 101. Limita-se ao Norte com Witmarsum e José Boiteux; ao Sul com Presidente Getúlio e Rio do Oeste; a Leste com Presidente Getúlio e a Oeste com Taió e Witmarsum. PREFEITURA MUNICIPAL DE DONA EMMA. **Município**: aspectos gerais. Disponível em: <http://www.donaemma.sc.gov.br/conteudo/?item=23417&fa=3260>. Acesso em: 02 de maio de 2012.

revista fez desse material uma reportagem seriada e ilustrou um dos capítulos com uma foto que Erdstein trouxera de Dona Ema, na qual afirmava ser Mengele, mas que na verdade se tratava de Lenard.<sup>268</sup>

Quando Lenard tomou conhecimento do que estava acontecendo – nesse período estava lecionando línguas clássicas em Charleston, nos Estados Unidos – não se calou. A matéria da revista “*Neue Revue*” levou Lenard a publicar um artigo para o jornal alemão “*Stuttgarter Zeitung*”, em 9 de abril de 1968 sob o título “Como cheguei a ser Bormann e Mengele: um relatório da floresta virgem”. Segue o prefácio da redação:

Dr. Alexander Lenard não é desconhecido aos leitores do “*Stuttgard Zeitung*”. Alguns anos atrás publicamos um artigo sobre sua vida como médico na “floresta virgem” sob o título “*Arzt am Rande der Welt* (médico a margem da floresta) [...] Agora há poucas semanas passadas surgiu uma notícia nos jornais internacionais pelas quais Dr. Lenard está sendo identificado pelo tão procurado Martin Bormann ou o médico dos campos de concentração Dr. Mengele. Extraímos o artigo abaixo de uma carta endereçada ao redator deste jornal, descrevendo as consequências desta confusão de identidade.<sup>269</sup>

Nesse referido artigo, Lenard afirma que o caso foi iniciado por um jovem que se apresentava por vários nomes, mas seu nome verdadeiro era Erich Erdstein. Esse veio do Uruguai e fazia traduções

---

<sup>268</sup> Revista **OESTE**. Op. Cit.

<sup>269</sup> Artigo de Alexander Lenard publicado no jornal “*Stuttgarter Zeitung*” nº. 84, de 9 de abril de 1968, p. 3. Tradução: EIMER, Edith Sophia. Junho/1986.

para a polícia em Curitiba. Esse jovem, “*do qual se diz agora que é um agente secreto de Israel, eu no entanto creio que é um leitor de James Bond*”,<sup>270</sup> passava suas férias nas imediações do lugar onde ele morava e ali ele teria ouvido falar de um velho alemão riquíssimo que construiu uma vila luxuosa na região de Dona Emma, onde vivia escondido e alegre.

Em dezembro de 1967, continua Lenard, Erdstein foi até sua casa, mas só encontrou sua empregada, a senhora Klein. Ele apresentou-se como Dr. Meier e colega de estudos de seu patrão. A senhora Klein serviu um café para o “agente” e teria contado-lhe algumas passagens da sua vida. Porém, Erdstein não ficou contente com a sua primeira visita e tempos depois voltou a casa, mas dessa vez, assevera Lenard,

foi organizada uma expedição. O Sr. Meier-Erdstein, passou a ser “presidente da polícia Martin”. Convenceu o delegado de Ibirama e Rio do Sul de que minha casa estava cheia de ouro, brilhantes e notas de libras falsas – além de armas, prometeu participação no que encontrariam – No dia 6 de dezembro apareceram 13 homens em carros e armados de metralhadoras. Cercaram minha casa de madrugada e queriam me prender ao amanhecer. Também o teriam feito se eu não estivesse realmente em Charleston [...] Vasculharam a casa, encontraram 8 volumes de Goethe (ele é um alemão), um quadro de Bach (Hitler disfarçado), e um cartão postal que dizia “Vou conseguir as sementes que pediu” (considerado código secreto), ouro e brilhantes procuraram em vão. Até o galinheiro e os pés de eucalipto não foram poupados com a

---

<sup>270</sup> Ibidem.

procura [...] Tudo que a força policial achou foi um jornal com o título em primeira página: O criminoso conseguiu fugir na última hora, antes da chegada da polícia. Até havia algumas pessoas que mediante dinheiro, afirmaram terem me visto fugir num carro amarelo.<sup>271</sup>

Lenard afirma que esta “*estória sensacional*” apareceu alguns dias mais tarde, num “*jornaleco em Curitiba*” sob o título: “O agente secreto Erdstein descobre o criminoso de guerra Dr. Mengele – O criminoso, avisado, consegue fugir a tempo – Sra. Doméstica é a construtora das bombas atômicas VI e VII – A polícia trabalha para decifrar o código encontrado”.<sup>272</sup> No artigo não há nenhuma referência ao nome do tal “jornaleco” de Curitiba.

Lenard termina seu artigo afirmando que Erdstein apresentou novamente essa história ao jornal *Estado de São Paulo*, publicando-a em quatro sequências:

Ali, portanto, se podia ler que o Dr. Mengele, desde 1952 vivia sob o nome Dr. Alexandre Lenard. Em 1956, venceu o teste “O céu é o limite” sobre Bach. 10 milhões de pessoas viram-no, mas nem mesmo um ex-prisioneiro do campo de concentração o reconheceu. O criminoso escreveu um livro infantil em latim [...] A continuação nº 4 revelava que toda a SS no Brasil costumava se reunir diante do busto de Hitler, escondido no porão de minha casa.<sup>273</sup>

---

<sup>271</sup> Ibidem.

<sup>272</sup> Ibidem.

<sup>273</sup> Ibidem.

Os fatos apresentados por Erdstein, também são contestados por Valberto Dirksen. Segundo este autor, naquele momento Lenard se encontrava lecionando na Universidade de Charleston, Estados Unidos, e Natalie Klein era apenas sua empregada doméstica e, principalmente, não tinham relação nenhuma com “atividades nazistas”.<sup>274</sup> Após esse artigo, a revista “*Neue Revue*” interrompeu a série e submeteu Erdstein a uma inquirição juramentada. O austríaco insistiu na veracidade de sua história, mas a revista achou melhor colocar um ponto final nela.<sup>275</sup>

As suas investigações geraram tamanha celeuma, que as autoridades de Santa Catarina foram obrigadas a intervir, proibindo-lhe de continuar com a farsa em jurisdição que não era de sua alçada e sugeriram que retornasse ao Paraná. A Secretaria de Segurança do estado determinou ainda a abertura de inquérito policial ante os problemas causados pelas atividades de Erdstein na região de Dona Emma e outras cidades de origem e descendência alemã.<sup>276</sup>

Depois de ser praticamente expulso das terras catarinenses, Erdstein continuou sua caça nos limetes do Paraná. No início de 1968, ele “descobriu” que uma pequena cidade localizada no interior do Estado, não muito distante da fronteira com o Paraguai, fora “*tomada por um grupo de nazistas que estaria intimidando a população*”.<sup>277</sup> Esta cidade era Marechal Cândido Rondon.

---

<sup>274</sup> DIRKSEN, Valberto. **Dona Emma: História do Município**. Florianópolis. 1996. p.167-177.

<sup>275</sup> Revista **OESTE**. Op. Cit. p. 27.

<sup>276</sup> Jornal **O Estado do Paraná**, Curitiba, Quarta-feira 26/02/1969, p. 8.

<sup>277</sup> Revista **OESTE**. Op. Cit. p. 27.

### **3.2.1 O IV Reich em Marechal Cândido Rondon.**

Os discursos que apresentavam Marechal Cândido Rondon como um “reduto nazista” e que nela estaria nascendo o *IV Reich* se baseiam principalmente em um relatório elaborado por Erdstein no início dos anos de 1968, quando este veio a cidade a fins de investigá-la, ainda investido como “agente especial” da DOPS do Paraná.

O fato do município ser formado na sua maioria por descendentes de imigrantes alemães e de pessoas que migraram da Alemanha para o Brasil, se mostrava como um forte indício para Erdstein, da presença de criminosos nazistas na cidade e região. Fatores semelhantes levaram o agente ao Vale do Itajaí.

Segundo o relatório de Erdstein:

Existe, situada no município de Marechal Cândido Rondon e se estendendo pelas localidades vizinhas, próximo e na faixa de fronteira com o Paraguai, extensa área de terras que é ocupada por um núcleo de colonização alemã. Seus ocupantes, colonos e comerciantes mostraram-se revoltados com a existência de certos grupos de alemães com eles, que proíbem a seus filhos de aprenderem nosso hino nacional, enfim, exigem uma segregação severa, esforçando-se por manter intactas as tradições, filosofia e cultura da terra de origem. Mantêm correspondência com revistas e entidades culturais e assistenciais alemãs, reivindicando auxílio financeiro para a continuidade da *cultura germânica*.<sup>278</sup>

---

<sup>278</sup> ERDSTEIN, Erich. **Criminosos de Guerra no Brasil: sua localização e atividades no Estado do Paraná**. Curitiba, dossiê nº 062-DOPS. Arquivo

As investigações de Erdstein possibilitaram que vários órgãos de imprensa publicassem reportagens sobre a cidade, pois um investigador da DOPS se mostrava naquele período como uma fonte incontestável, segura, principalmente quando falamos em um órgão governamental da época da Ditadura Militar. Como exemplo temos: *O Jornal da Tarde*, *O Estado de São Paulo*, *Folha de Londrina*, *Revista Realidade*, *Rondon Hoje*, *O Estado do Paraná*, *O Paraná* e a *Revista Manchete*. Inicialmente, temos publicações de matérias jornalísticas, principalmente de cunho sensacionalista, denunciando o envolvimento de alguns de seus moradores com o movimento nazista na região e o suposto nascimento do *IV Reich* na cidade. Posteriormente, temos os jornais, principalmente locais e regionais, contestando a veracidade das informações contidas em tais reportagens. Também há reportagens com entrevistas dos acusados de serem os “cabeças” da suposta organização nazista da cidade, respondendo às acusações sofridas, do mesmo modo que Alexander Lenard.

No dia 18 de maio de 1968, o *Jornal da Tarde*, publicou a matéria intitulada “Onde está nascendo o *IV Reich*”, baseada nas investigações de Erdstein:

A nove mil quilômetros de Berlim, no Brasil, no interior do Paraná, em Marechal Cândido Rondon, a polícia descobriu uma nova Alemanha. Num relatório oficial, já entregue ao governador Paulo Pimentel, um investigador garante: “É uma Alemanha nazista. Seus cidadãos mais importantes e protegidos são Martin Bormann e Joseph



Mengelle”. A nova Alemanha, há 23 anos do fim da guerra contra Hitler, é presidida por seis nazistas, segundo a polícia. E é também o *IV Reich* em instalação no Brasil.<sup>279</sup>

Na capa da matéria temos uma referência a Erdstein: “*O agente especial da Polícia do Paraná, Erich Erdstein, fez um relatório ao governador Paulo Pimentel dizendo que em Rondon há racismo e segregação*”.<sup>280</sup> Segue a matéria:

Marechal Cândido Rondon fica no Noroeste do Paraná, a 590 quilômetros de Curitiba e 998 de São Paulo. O município tem 65 mil habitantes, a cidade só 7 mil. A maioria é de alemães. Nesta terra há um resto de sonho nazista. Marechal Cândido Rondon foi colonizada só por alemães. Os primeiros brasileiros que apareceram por lá foram sendo mal vistos e chamados de negros. O líder nazista de Marechal Rondon é vereador, dono de um hospital. Chama-se dr. Friederich Rupprecht Seyboth. Na cidade de Rondon, uma cidade com duas avenidas largas e vermelhas de pó, há sete mil pessoas, a maioria alemã, a minoria eleitora. E quase só se fala alemão, nos anúncios da rádio, nos bares, principalmente nos cumprimentos comuns, *Wie geht's?* (ou como vai?), *Guten Tag* (ou bom dia), *Guten Abend* (ou boa tarde). Até as lápides dos cemitérios estão escritas em alemão nessa cidade. É uma região que começou a ser colonizada há menos de dez anos, por uma

---

<sup>279</sup> **JORNAL DA TARDE**. Onde está nascendo o *IV Reich*. 18/05/1968, p. 10.

<sup>280</sup> *Ibidem*.

empresa que só vendia terras a alemães, ou a seus descendentes.<sup>281</sup>

Esse trecho termina com uma afirmação do “*agente especial da Polícia do Paraná, o vienense Erich Erdstein. E ele afirma, com certeza, com raiva, com tristeza, como um profeta: - Aqui está nascendo o IV Reich*”.<sup>282</sup> A matéria segue apontando o descontentamento de várias pessoas da cidade com o grupo nazista que ali agia, como o prefeito Werner Wanderer, o médico Aylson Confuncio Lima, o capitão Eduardo Machado Lima, o advogado Josué do Amaral Campos, o vereador Antonio Ceretta e o delegado de polícia Marcio Sarraceno Lemos Pinto. Percebe-se, que esse “descontentamento” apresentado pelo jornal se dá a partir de uma organização hierárquica, do mais “importante” ao menos “importante” e todos os citados possuem uma posição “elevada” na sociedade. A representação desses personagens (o político, o médico, o delegado) no discurso, tenta mostrar a “seriedade” do que supostamente está acontecendo na cidade e para isso até a “autoridade maior”, o prefeito, é citado para dar um tom mais alarmante para o fato.

Outro aspecto apontado no discurso do *Jornal da Tarde*, acima transcrito, é o fato do “distanciamento” da cidade dos “centros” urbanos nacionais e do caráter segregacionista presente nela, “*a cidade não gosta de brasileiros*” ou, “*os brasileiros que apareceram por lá foram sendo mal vistos e chamados de negros*”. Sobre esses aspectos, Marcos Nestor Stein afirma que:

---

<sup>281</sup> Ibidem.

<sup>282</sup> Ibidem.

[...] A ideia da distância é várias vezes recorrente, sugerindo que uma das causas da “não integração” seria o seu “isolamento” geográfico, ou seja, o fato da cidade estar situada numa região distante dos centros urbanos do país era mais um fator que contribuía para a ocorrência do fato narrado. A adoção de mecanismos para a “integração” dessa população, segundo o jornal, já estaria sendo feita através de projetos de federalização.<sup>283</sup>

Por sua vez, na matéria publicada pelo jornal *O PARANÁ*, de 1976, temos a descrição dos “herdeiros do *III Reich* em ação” na cidade de Marechal Cândido Rondon.

1. Friedrich Rupprecht Seyboth – foi oficial medico da SS e é o homem que naturalizou Adolf Hitler, austríaco, como cidadão alemão. Depois da guerra, um tribunal o condenou a doze anos de cadeia. Ele se casou com a filha do ex-ministro presidente de Braunschweig, sra Ingrun Klagges. Montou um hospital em Rondon, é um de seus melhores médicos. Afirma que nunca dirá onde se encontram Martin Bormann e Joseph Mengele. Atualmente, está com a esposa em Hamburgo, Alemanha, a passeio;
2. Ingrun Klagess Seyboth – a mulher de Friedrich, amiga pessoal de Hitler, Goebbles e Himmler. Declara-se francamente Nacional Socialista, menospreza o Brasil. Os seus filhos, nascidos aqui, são registrados no Consulado Alemão. Ela se naturalizou, foi diretora de uma escola em Marechal Cândido Rondon;

---

<sup>283</sup> STEIN, Marcos Nestor. Op. Cit. p. 37.

3. Ernest August Von Bluchner, dono de terras, vive afastado e isolado do mundo. Ele é parente do Marechal - de - Campo Von Bluchner, do antigo exército alemão do III Reich;
4. Heriberto Von Gasa, estabelecido em Rondon com uma ótica. Chegou ao Brasil regularmente, usando um contrato frio feito por Seyboth, para trabalhar como técnico em seu hospital. Receita e dá consultas como oculista, ilegalmente. Com um irmão de Ingrun Klagges, logo depois da guerra, fundou um partido político ultranazista, na Alemanha. Foi amigo particular do general Brehner, que capturou e executou os oficiais que tentaram matar Hitler, em 25 de julho de 1944;
5. Joseph Wenzeler, que trabalha como torneiro mecânico. Num de seus braços está tatuado ainda o número de identificação da SS. É ultranazista e foi um dos “führer” austríacos;
6. Reschke (o primeiro nome não consta no relatório) atualmente vive como carpinteiro. Foi membro da SS austríaca e continua nazista.<sup>284</sup>

Erdstein não foi o único a representar este discurso sobre a cidade. Ladislav Farago também dedica um capítulo do seu livro<sup>285</sup> para falar sobre Marechal Cândido Rondon e sobre os suspeitos apontados acima – principalmente com base nos escritos do “agente secreto” Erdstein. No capítulo intitulado *The Pursuit of a Shadow* (A Perseguição de uma Sombra) o autor narra suas investigações na cidade, afirmando que ela era, o “centro do neonazismo” da região,

---

<sup>284</sup> Jornal **O PARANÁ**. Cascavel, sexta feira, 1º de outubro de 1976. p. 5.

<sup>285</sup> FARAGO, Ladislav. Op. Cit.

local de refúgio de criminosos de guerra nazistas e local onde estaria nascendo o *IV Reich*.

O centro do neonazismo era a cidade de Marechal Cândido Rondon, nome de um herói militar brasileiro, agora infestada por alguns dos mais viciosos e velhacos espécimes de uma era que nós pensávamos ter passado e um regime que nós gostaríamos de acreditar termos erradicado.<sup>286</sup>

Farago prossegue:

Eu achei a cidade, no extremo oeste do estado do Paraná, um verdadeiro microorganismo Nazista. O prefeito na época da minha visita era um jovem brasileiro de origem alemã, Werner Wanderer. Um implacável anti-nazista, ele fez o que podia para inibir as atividades desses “alemães” que escolheram essa cidade como abrigo, provavelmente porque ela forneceu o refúgio para pessoas que cuja sobrevivência depende de sua ocultação.<sup>287</sup>

Entre os alemães citados como os líderes nazistas da cidade, Farago descreve que encontrou um indivíduo que desempenhou na Alemanha a função de médico da Luftwaffe – Força Aérea Alemã – tendo participado das experiências médicas, (...) *em que os internos dos campos de concentração foram usados como cobaias*<sup>288</sup>. Esse seria Heribert Gasa.

---

<sup>286</sup> Tradução livre de Marcos Nestor Stein. In: STEIN, Marcos Nestor. Op. Cit. Ibidem. p. 78.

<sup>287</sup> Tradução livre de Marcos Meinerz. Ibidem. p. 79.

<sup>288</sup> Ibidem.

Também temos o nome do Dr. Friedrich Rupprecht Seyboth e sua esposa Ingrun Klagges. Como Gasa, estariam em Rondon se refugiando. Farago apresenta Ingrun como sendo “*a Primeira Dama do Nazismo da América do Sul*”,<sup>289</sup> e filha de Dietrich Klagges, “*o primeiro nazista a apossar-se do poder em um Estado, Braunschweig*”,<sup>290</sup> e que possibilitou Hitler, um cidadão austríaco, a participar da política alemã e concorrer para a presidência contra Hindenburg, no Parlamento alemão.

O autor também cita um fragmento da conversa que teve com Ingrun Klagges:

[...] conhecida como a Primeira Dama do Nazismo da América do Sul. Ela, ao lembrar de Hitler afirmou que: Ele amava crianças, ela conta, ‘e eu, uma pequena garota, era sua favorita. Meu Deus’, ela acrescenta, seus olhos brilhavam como que acalentando as memórias, ‘como era maravilhoso quando me pegava no colo e me acariciava afetuosamente, nosso Führer, o grande homem da história.’<sup>291</sup>

Além do casal, Farago acha outras pessoas iguais a eles:

---

<sup>289</sup> Ibidem. p. 79.

<sup>290</sup> [...] The first Nazi to seize Power in a state, Braunschweig. Tradução livre de Marcos Meinerz. Ibidem. p. 79.

<sup>291</sup> ‘He loved children’, she told me, ‘and I, a little girl then, was his favorite. My God’, she added, her eyes brightening with cherished memories, ‘how wonderful it was when he had me on his knees and petted me fondly, our Führer, the greatest man in all history’ Tradução livre de Marcos Nestor Stein. In: STEIN, Marcos Nestor. Op. Cit. p. 70. Ibidem. p. 79.

Todos eles colhidos por um homem estranhamente arrojado perto dos cinquenta anos, com paixão pelo anonimato. Ele era (e ainda pode ser) um dos Nazistas mais perigosos em atividade, apesar de nenhuma lista de criminosos de guerra citá-lo e ele não ser procurado em nenhum lugar por algum crime conhecido.<sup>292</sup>

O homem acima citado como “nazista mais perigoso em atividade” é “Herbert von Gaza”, que *“embora sua reputação seja de um excepcional físico nuclear, vive uma monótona vida de oculista [...] e não podia explicar a sua capacidade de morar em uma grande fortaleza, que construiu com fundos de origem obscura”*.<sup>293</sup>

Gaza seria o “cérebro”, o chefe de um movimento neonazista denominado “Ultras”. *Herbert von Gaza é ambos, o ideólogo e o testa de ferro do nazismo nesta parte da América do Sul.*<sup>294</sup> Da mesma forma que Ingrun, “Gaza”, também concedeu uma entrevista para Farago.

[...] Ele falou livremente e sinceramente, admitindo a existência dos Ultras, e admitindo que ainda possui em bom estado o uniforme da SS usado na

---

<sup>292</sup> [...] all of them gathered about a strangely dashing man in his early fifties, with a passion for anonymity. He was (and may still be) one of the most dangerous Nazis on the run, although no roster of war criminals lists him and he is not wanted anywhere for any know crimes. Tradução livre de Marcos Meinerz. Ibidem. p. 79.

<sup>293</sup> He goes by the name of Heribert von Gaza, and though He is reputed to be an exceptionally competent nuclear physicists, He is satisfied with living the humdrum life of an oculist [...] It does explain his ability to live in the big, fortresslike house, which He built from founds of obscure origin. Tradução livre de Marcos Meinerz. Ibidem. p. 80.

<sup>294</sup> Ibidem. p. 80.

guerra pela Alemanha Nazista. Eu o convidei para posar para uma fotografia, mas ele recusou com um perplexo sorriso. “É cedo demais”, ele disse em voz baixa, deixando-me com uma dúvida, se ele estava se referindo ao tempo daquele dia – era dez horas da manhã – ou se para a fase da evolução do seu movimento.<sup>295</sup>

Depois de três viagens pelo oeste brasileiro e uma “clandestina” jornada pelo sul do Paraguai, Farago supostamente “*encontrou vários nazistas, mas somente traços de Martin Bormann*”.<sup>296</sup>

Convém citar nesse momento uma breve biografia dos nomes mais citados entre os supostos participantes do grupo nazista de Marechal Cândido Rondon, os “cabeças” Gasa e o casal Seyboth. Marcos Nestor Stein apresenta a biografia dos acusados retirada de entrevistas cedidas ao jornal *Rondon Hoje*, de junho de 1978, relatando as suas versões sobre o assunto.

Filho de imigrantes alemães, Friedrich Rupprecht Seyboth nasceu em 13 de junho de 1919 no

---

<sup>295</sup> (...) He spoke freely and candidly, admitting the existence of his Ultras, even conceding that he still had in fairly good repair the SS uniform he used to wear back in Nazi Germany. I asked him to pose for a picture wearing it, but he declined with a bemused smile. ‘It’s too early,’ he said in a low voice, leaving me to wonder whether he was referring to the time of day – it was ten o’clock in the morning – or to the stage in the evolution of his movement. Ibidem. Tradução livre de Marcos Stein. In: STEIN, Marcos Nestor. Op. Cit. p. 70. FARAGO, Ladislav. Op. Cit. p. 80.

<sup>296</sup> After three trips to western Brazil and a clandestine journey to southern Paraguay – finding a number of Nazis, to be sure, but only traces of Martin Bormann. Tradução livre de Marcos Meinerz. Ibidem. p. 81. Outros aspectos da obra de Erdstein já foram citados anteriormente.



município de Estrela, Rio Grande do Sul. Aos 6 anos de idade foi para a Alemanha. Em 1939 ingressou na faculdade de Medicina em Berlim, onde conheceu sua futura esposa Ingrun, sendo que, em 1940, entrou na Academia Médica da aeronáutica. Com a eclosão da guerra, foi enviado para o Norte da África, destacado para o corpo médico, sob o comando do marechal Rommel. De volta para a Alemanha, serviu como médico na região de Hamburgo, onde ao final da guerra foi aprisionado pelas forças aliadas, sendo posteriormente libertado.<sup>297</sup>

Stein apresenta também a entrevista da mulher de Seyboth, Ingrun, cedida à revista Oeste, que narra como ela, o seu marido e seus dois filhos vieram para o Brasil, em maio de 1949.

Eu fiquei em Estrela e meu marido foi trabalhar como assistente do Dr. Wolfram Metzler em Novo Hamburgo (RS). Mas existia um problema: seu diploma não tinha validade no Brasil. Depois nos mudamos para Piratuba (SC) e em 1953 viemos para Marechal Cândido Rondon. Nesses primeiros anos de Brasil meu marido sofreu perseguições sob a acusação de exercício ilegal da medicina. Finalmente ele fez exames em Porto Alegre e conseguiu a validação do diploma que trouxera da Alemanha. Em Rondon conhecemos Willy Barth e Ondy Niederauer, que eram da colonizadora Maripá, e eles nos ajudaram a construir um pequeno hospital.<sup>298</sup>

---

<sup>297</sup> STEIN, Marcos Nestor. Op. Cit.

<sup>298</sup> Ibidem.

Seyboth foi frequentemente acusado de ser Bormann pela sua “*incrível semelhança física*”<sup>299</sup> com o braço direito de Hitler, fato que com frequência foi mote para várias matérias jornalísticas nacionais e internacionais. “*Confundido várias vezes com o criminoso nazista, o médico Friedrich Seyboth já foi manchete até em revistas estrangeiras*”.<sup>300</sup>



**IMAGEM 10** – Ao lado esquerdo temos a foto de Martin Bormann. Ao lado direito temos a foto de Friedrich Seyboth.

Fonte: FARAGO, Ladislav. Op. Cit.

O jornal *Rondon Hoje* publicou em junho de 1978 a seguinte matéria intitulada: *BORMANN MORA EM RONDON?*:

Um jornal da Capital Paulista publicou, tempos atrás, longa reportagem afirmando que aqui em

---

<sup>299</sup> **RONDON HOJE.** Marechal Cândido Rondon, de 10 a 17 de junho de 1978. p. 13.

<sup>300</sup> Ibidem.

Rondon estaria se formando o *IV Reich* além de muitas outras asneiras que, ao ver do médico Friedreich Rupprecht Seyboth, não passam de sensacionalismo. O fato é que as insistentes campanhas em cima deste assunto tem causado sérios transtornos para Seyboth, afirmando inclusive que ele e Martin Bormann (um dos maiores criminosos nazistas) eram a mesma pessoa. Certa vez, logo após a divulgação de uma reportagem num jornal, esteve aqui em Rondon um agente da Polícia Federal que trouxe consigo, inclusive, algemas para prender Seyboth.<sup>301</sup>

A matéria segue com a entrevista cedida ao jornal por Seyboth, desmentindo as acusações sofridas de que ele era Martin Bormann: “*Nasci em 1919 e tenho 55 anos. O Bormann deve estar com 80 anos. Não posso ser o Bormann...*”.<sup>302</sup>

Tais discursos ganharam mais algumas páginas nos jornais em 1976. “*Nazismo – do III Reich a Marechal Cândido Rondon: Este ano, um sequestro estava no programa*”,<sup>303</sup> foi o título da matéria do jornal O PARANÁ que aborda a tentativa de sequestro a Friederich Seyboth. Segundo o acusado da tentativa de sequestro, Alcione Martins, autoridades estrangeiras ofereceram-lhe recompensa para efetuar o sequestro devido aos rumores surgidos de que Seyboth era Bormann, o que acabou não ocorrendo devido a confissão do plano de sequestro feita pelo próprio Alcione às autoridades locais.

---

<sup>301</sup> **RONDON HOJE**. Op. Cit.

<sup>302</sup> *Ibidem*.

<sup>303</sup> **O PARANÁ**. Cascavel, domingo, 03 de outubro de 1976. p. 5.

Como afirma Patrick Burnside, vários investigadores já chegaram identificar Martin Bormann e há uma lista de quase sessenta detectações oficiais do braço direito de Hitler em várias localidades do mundo, sendo cinquenta delas provenientes da América do Sul. Nesse continente foram-lhe atribuídas várias atividades como: empresário madeireiro, dono de uma fábrica de geladeiras industriais, e por último como um pastor protestante na floresta colombiana. E no período de 1950 a 1973 somasse um total de sete mortes de Bormann desde Berlim, Roma e América do Sul.<sup>304</sup>

E segundo Wiesenthal, esses constantes “enganos” a respeito de Martin Bormann se fundamentam devido à aparência física de muitos imigrantes alemães serem semelhantes à sua. O caçador de nazistas o resume dessa forma:

Um homem grande, com um pescoço robusto e uma cara indiferente, que não tem nada de especial, pode-se encontrar gente como Bormann em todos os povos alemães e austriacos, aonde um em cada cinquenta homens se parecem com Bormann [...] Bormann é um típico – *Bierkopf* - bebedor que tinha uma – *Deutzendgesichter* – cara comum, que se pode encontrar em qualquer – *braustuben* – cervejaria Bavara.<sup>305</sup>

Seguimos agora com a breve biografia de Heribert Hans Joaquin Gasa. Do mesmo modo da apresentação biográfica de Seyboth, Marcos Stein apresenta a biografia de Gasa, retirada dos órgãos de imprensa regional:

---

<sup>304</sup> BURNSIDE, Patrick. Op. Cit., p. 560-561.

<sup>305</sup> Ibidem. p. 560.

Apesar de desenvolver pesquisas na área da Física, e pelas quais desejar ter seu nome relacionado, Heribert Hans Joachim Gasa foi o imigrante que, aparentemente, mais despertou a atenção dos “caçadores de nazistas”. Nascido em 14 de março de 1920, em Dambritsch, Schlesien (região que atualmente pertence a Polônia), Gasa veio para o Brasil em 1961 a convite do Dr. Friedrich R. Seyboth. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi motorista de caminhão de abastecimento da Força Aérea Alemã. Nesta função chegou a estar na frente oriental, na Ucrânia. Depois ingressou no grupo de pára-quedistas, sendo então enviado para a França e em seguida para a cidade holandesa de Nijmegen, onde, no final da guerra, foi feito prisioneiro. Após alguns meses retornou para a Alemanha onde se dedicou ao ramo óptico. (...) No final da década de 50, pensava em emigrar para a Austrália, mas acabou vindo para Rondon: ‘Eu era amigo do irmão da esposa do Dr. Seyboth. Nessa época ela esteve na Alemanha, e quando soube que eu pretendia ir para a Austrália, sugeriu que viesse para o Brasil’.<sup>306</sup>

Gasa foi frequentemente representado como o “testa de ferro”, o “cabeça” da organização nazista na cidade, principalmente pela estrutura de sua casa. Esse fato também é apontado por Ladislav Farago, que afirma que Gasa, não podia explicar a sua “capacidade” de morar em uma grande fortaleza, que teria construído com fundos de origem obscura.<sup>307</sup>

---

<sup>306</sup> IN: STEIN, Marcos Nestor. Op. Cit. GASA, Heribert H. J. Entrevista: Enfrentou os Russos e Filou Cigarros dos Ingleses. Jornal **RONDON HOJE**. Marechal Cândido Rondon: n.º 38. 13 a 20 de maio de 1978. p. 03.

<sup>307</sup> FARAGO, Ladislav. Op. Cit. p. 80.



**IMAGEM 11** – Fachada da casa de Heribert Gasa.

Foto: Acervo Pessoal.



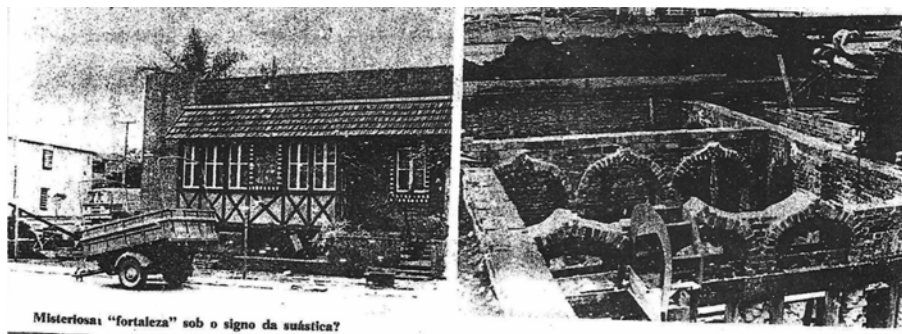
**IMAGEM 12** – Parte subterrânea da casa de Heribert Gasa.

Foto: Acervo pessoal.

Em 1976 o jornal O PARANÁ menciona a relação de Heribert Gasa e sua casa com o suposto movimento nazista:

Heribert Gasa, menos expansivo do que Seyboth, foi sempre maior alvo da curiosidade geral. Sua casa, construída em estilo europeu e assemelhando-se ao que, com um pouco de fantasia, se poderia chamar de fortaleza (residência ocupa todo o terreno, e o que não é vedado pelas paredes um alto muro encarrega-se de manter afastado de olhares indiscretos). A existência de estranhos subterrâneos sempre foi tema para comentários, e nunca foi difícil para os mais imaginativos relacioná-los com reuniões ultra-secretas sob o símbolo da suástica ou sob os raios prateados que ornavam as golas dos integrantes da SS.<sup>308</sup>

A seguir temos a imagem da casa de Heribert Gasa vinculada à matéria do jornal O PARANÁ transcrita acima. Na legenda: “Misteriosa ‘fortaleza’ sob o signo da suástica?”



**IMAGEM 13** – Misteriosa “fortaleza” sob o signo da suástica.

Fonte: **O PARANÁ**. Cascavel, domingo, 03 de outubro de 1976. Em entrevista a revista *CIRCUS* de 1995, Gasa fala sobre a construção e estrutura de sua casa:

---

<sup>308</sup> **O PARANÁ**. Cascavel, domingo, 03 de outubro de 1976. p. 6.

Eu comecei a construí-la em 1965. Ela foi feita no eixo leste-oeste justamente porque aqui é muito quente no verão, e deste jeito, o sol esquenta mais o teto e não só uma das paredes, como a maioria das casas aqui (...) Pode-se dizer que minha casa é uma miscelânea de culturas. Há traços gregos, germânicos, italianos, astecas, entre outros. Inclusive ha algum tempo atrás a interpretação errônea de algumas figuras de minha casa trouxeram-me incômodo. Uma jornalista do Zero Hora (Glorinha Glock) cismou que a figura da águia que está em cima da lareira na sala onde era o café colonial era um símbolo nazista (na verdade é um símbolo asteca e nada tem a ver com a águia-símbolo do nazismo). Outro fato curioso com a mesma jornalista aconteceu quando ela avistou uma fotografia do Mal. Cândido Mariano da Silva Rondon que tenho pendurada em uma das paredes, ela pensou que fosse algum general nazista.<sup>309</sup>

A casa de Gasa, por causa de seu estilo, foi denominada por Erdstein e Farago como um esconderijo para os fugitivos nazistas e o lugar onde ocorriam as reuniões da organização neonazista da cidade. Principalmente, porque a casa, vista pelo lado de fora, é parecida com uma espécie de *bunker*, um refúgio ou esconderijo.

Esta não foi a única casa a ser relacionada como reduto nazista após a Segunda Guerra Mundial no Brasil, vide, como já vimos, a casa de Alexander Lenard localizada na cidade de Dona Emma, que também foi declarada por Erdstein como um lugar onde se refugiavam criminosos de guerra. Além dessas duas casas citadas pelo “agente

---

<sup>309</sup> GASA, Heribert Hans-Joaquin. Entrevista. In: Revista CIRCUS (1995).



secreto”, temos mais duas no Brasil que escaparam aos “seus olhos” que também fazem parte desse imaginário. Uma localizada no norte do Paraná, em Marilândia do Sul, e outra em Balneário de Carapebus, no Espírito Santo.

O alemão João Henrique Stalk veio para o norte do Paraná em 1938. Conta-se que Stalk, em sua juventude, após uma visita, teria se encantado com o Castelo de Wartburg, localizado no estado alemão da Turíngia.<sup>310</sup> Isso o levou a querer construir uma réplica do castelo alemão, com milhares de detalhes arquitetônicos, torres, sacadas e jardim suspenso. Assim, entre os anos de 1942 a 1947, Stalk construiu o seu castelo, que na verdade é uma luxuosa construção edificada, localizada em um vale no início da Serra do Cadeado (Norte do Paraná), na cidade de Marilândia do Sul. Em posição dominante sobre um lago e um grande bosque, o edifício foi construído em estilo alemão-medieval.

Na época, seus quatro pavimentos com paredes de 70 cm de espessura abrigavam inúmeros aposentos, que foram construídos e decorados com todo luxo e conforto: escadarias, elevador, banheiro em mármore de Carrara, vidros franceses, lustres tchecos e cortinas da Síria. Seus vários salões em estilo neoclássico são decorados com diversos trabalhos em estuque. No local funcionava a República de Eldorado, uma cidade com mil e duzentas casas, cinco mil pessoas e a maior serraria da América Latina, que produzia 400 metros cúbicos de madeira por dia. A cidade tinha até moeda própria – o Boró – usada pelos moradores. A família Stalk tinha seu negócio calcado na

---

<sup>310</sup> O Castelo Wartburg foi fundado em 1067 na Alemanha Medieval, por Ludwig der Springer. Mais detalhes sobre o castelo acessar: [www.germany.travel/pt/cidades-e-cultura/patrimonio-mundial-da-unesco/castelo-wartburg-em-eisenach.html](http://www.germany.travel/pt/cidades-e-cultura/patrimonio-mundial-da-unesco/castelo-wartburg-em-eisenach.html). Acessado em 03/05/2012.

exploração da imensa floresta de araucária. Com o fim do chamado “ciclo da madeira” o sonho acabou.<sup>311</sup>



**IMAGEM 14** – O Castelo de Eldorado. Vista aérea.

Fonte: [www.marilandiosul.pr.gov.br/modules/mastop\\_publish/?tac=77](http://www.marilandiosul.pr.gov.br/modules/mastop_publish/?tac=77).  
Acessado em 03/05/2012.

---

<sup>311</sup> Sobre o Castelo de Eldorado ver:  
[www.marilandiosul.pr.gov.br/modules/mastop\\_publish/?tac=77](http://www.marilandiosul.pr.gov.br/modules/mastop_publish/?tac=77). A-  
cessado em 03/05/2012.



**IMAGEM 15** – Castelo Eldorado. Fachada central.

Fonte: [www.marilandiosul.pr.gov.br/modules/mastop\\_publish/?tac=77](http://www.marilandiosul.pr.gov.br/modules/mastop_publish/?tac=77).

Acessado em 03/05/2012.

Toda essa estrutura e “requite” construídos em um lugar quase inacessível na época geraram inúmeras hipóteses e lendas. Uma dessas diz que o castelo serviu como fortaleza de luxo para os nazistas fugidos da Alemanha durante e após a guerra e que Mengele teria se hospedado por lá. Como nos mostra a matéria do jornal *Folha de Londrina*, do dia 20 de abril de 1989:

No Paraná, é famoso o “Castelo Eldorado” (Marilândia do Sul), que teria servido de refúgio a nazistas fugidos no fim da guerra. Construído num lugar afastado dos grandes centros, possuía instalações

pouco comuns para a região. Os antigos moradores da região lembram-se de estranhas movimentações no local, cujo acesso era proibido.<sup>312</sup>

Já no Espírito Santo, o “casarão” fica no litoral do município da Serra, a uns vinte quilômetros, da capital Vitória. A casa foi construída durante a Segunda Guerra Mundial e teria sido planejada para esconder e abrigar nazistas. Sua arquitetura é alemã e possui características particulares que a tornam única no mundo, da mesma forma que a casa de Gasa e de Stalk. Possui mais de 54 cômodos, estrategicamente interligados entre si e distribuídos em seus 4 pavimentos. O elevador, com duplo acesso, liga os pavimentos e permite o desembarque simultâneo em dois ambientes distintos.

Sua estrutura é toda em alvenaria e madeiras nobres, protegidos por técnica alemã contra invasão de cupins. Possui pisos falsos, que podem ser utilizados como esconderijo. Uma passagem secreta dentro de um guarda-roupa, dá acesso a outros cômodos e a um túnel, que liga o interior do casarão as margens de uma lagoa. Esse túnel inclusive possui armadilhas: um poço de água cristalina e falsos túneis.

São mais de 17 banheiros. Alguns com dois chuveiros e dois acessos, outros somente com mictório e pia e outros com acesso do lado interno e externo do casarão. A garagem permite o desembarque reservado e direto ao interior da casa e outra, em sentido contrário, permite esconder o veículo. Além do casarão em si, o sítio possui três chalés e uma capela escondidos na mata. Uma edificação estratégica com “passagens secretas, armadilhas e muito mistério”.

---

<sup>312</sup> Jornal **FOLHA DE LONDRINA**, 20 de abril de 1989. p. 26.



**IMAGEM 16** – O casarão da Serra. Panorâmica frontal.

Fonte: [www.sitiocasarao.blogspot.com.br](http://www.sitiocasarao.blogspot.com.br). Acessado em 04/05/2012



**IMAGEM 17** – O casarão da Serra. Túnel que dá acesso à praia.

Fonte: [www.sitiocasarao.blogspot.com.br](http://www.sitiocasarao.blogspot.com.br). Acessado em 04/05/2012

Na casa, que possui um total de 54 cômodos, moravam apenas um casal sem filhos – José Olympio Gomes e sua esposa. Segundo reportagem do jornal *A Tribuna* de Vitória, José Gomes, que planejou a casa, teria ligações com o nazismo e era um milionário com uma vida repleta de enigmas:

Um milionário obcecado por sua segurança ou um nazista? O tempo passa, mas os mistérios em torno de José Olympio Gomes, um mineiro de Juiz de Fora, e o casarão que construiu na praia de Carabeus, na Serra, não se desfazem. Pelo contrário, só aumentam [...] Reza a lenda que José Olympio Gomes tinha afinidade com o nazismo e que queria receber refugiados alemães da Segunda Guerra Mundial. Segundo o empresário Jan Spierski, que comprou a casa de José Olympio, a biblioteca tinha, de fato, livros nazistas. O casarão foi construído por apenas três operários e, segundo um deles, de 83 anos, Olympio não dava explicações: “Mandava a gente construir, mas nunca dizia o porquê. A gente perguntava, mas ele não respondia e mudava de assunto” [...] José Olympio morreu há 25 anos e sua mulher nega que o marido fosse nazista [...] A viúva teria dito que o marido era apenas muito preocupado com a segurança. Quanto ao tamanho do casarão, o motivo seria “uma certa mania de grandeza”.<sup>313</sup>

Podemos observar alguns traços em comum nessas casas para que elas fossem assim representadas. Lembrando que o imaginário

---

<sup>313</sup> Jornal **A TRIBUNA**, Vitória, ES, domingo, 04 de dezembro de 2011. Sobre o casarão ver: [www.youtube.com/watch?v=0VD6aWlBJ7g](http://www.youtube.com/watch?v=0VD6aWlBJ7g).

político-social conspiratório possui todo um jogo simbólico que podemos identificar, ou seja: o subterrâneo ou seu equivalente – cripta, jazigo, quarto fechado; reúne tudo que rasteja, se esconde; medo dos porões tenebrosos, das paredes sem saída que se fecham, das fossas escuras de onde não se sobem de novo; medo de ser entregue a mãos desconhecidas e de ser roubado; medo do desconhecido e do misterioso que provoca e incita a imaginação, pois o desconhecido atrai e instiga o medo e a insegurança.<sup>314</sup>

Nas quatro casas apresentadas aqui que foram consideradas como reduto de nazistas fugitivos, apenas a última de José Olympio não pertencia a um alemão – Gasa e Stalk – ou a alguém que foi considerado um – que é o caso de Lenard, que era húngaro de origem, mas foi “confundido” como um. Ainda, o fato de essas casas serem ligadas a pessoas consideradas misteriosas e desconhecidas pela população, com possíveis ligações com o nazismo; de essas casas carregarem consigo todo um fluxo de imagens, de fantasmas, de histórias e representações simbólicas – ou seja: porões, passagens falsas, túneis, excentricidades das mais variadas, “afastadas” ou escondidas – e que muitas vezes se confundem com a trajetória de vida de seus donos; permitem, pelo menos no imaginário conspiratório nazista, que elas sejam representadas como reduto de criminosos de guerra que hospedavam Mengele, Bormann e até mesmo Hitler.

Voltando à cidade de Marechal Cândido Rondon, Gasa e Seyboth também foram protagonistas de uma foto que se tornou famosa em vários lugares do mundo. Isso porque a foto em questão foi publicada, primeiramente, no livro de Ladislav Farago, *Aftermath* de 1974, afirmando que Seyboth e Gasa seriam respectivamente, Martin

---

<sup>314</sup> GIRARDET, Raoul. Op. Cit.

Bormann e Adolf Hundhammer numa festa na cidade de Apolo (Bolívia) em 1958.<sup>315</sup> Depois da aparição da foto no livro, ela ganhou projeção nacional e internacional.



**IMAGEM 18** – Bormann na Bolívia: com o seu amigo Adolf Hundhammer.  
Fonte: FARAGO, Ladislav. Op. Cit. s/p.

---

<sup>315</sup> Bormann in Bolivia: with his friend Adolf Hundhammer (the man with the camera) at a county fair in Apolo in 1958 (from the Bormann File of the Bolivian Ministry of the interior). Tradução livre de Marcos Meinerz. Op. Cit. FARAGO, Ladislav. p. 228.



Em 9 de agosto de 1975, a revista *Manchete* reproduziu essa mesma fotografia, afirmando que se tratava de Martin Bormann e um amigo em La Paz, na Bolívia. Diante disso, Gasa e Seyboth enviaram uma carta ao diretor da revista *Manchete* solicitando a retificação da matéria, pois as pessoas da foto seriam Seyboth (com a câmera fotográfica) e Gasa, segundo os mesmos:

Senhor Diretor: Ocorre que a fotografia publicada por 'Manchete' como sendo Bormann e um amigo seu, na verdade retrata os signatários, Seyboth e Gasa, que há muitos anos vivem pacificamente na tranquila cidade de Mal.Cdo.Rondon, no oeste paranaense, conhecidos de toda a população. A foto em questão foi tomada durante uma festa cívica, no ano de 1970, e os moradores dessa cidade reconheceram de imediato a foto e os seus retratados, tão logo a mesma saiu em 'Manchete'. É lamentável que a prestigiosa revista 'Manchete', cuja seriedade e amor à verdade são por de mais conhecidos, da mesma forma como Ladislav Farago, tenham sido vítima das tiradas sensacionalistas de ERICH ERDSTEIN, um misto de escroque e 007, hoje, segundo informações de Farago, vivendo no Canadá, o qual, faz alguns anos, andou pela cidade de Mal.Cdo.Rondon, onde sua vocação para a fantasia rendosa e para a emissão de cheques sem fundo se tornou por demais conhecida. Pois foi Erdstein o primeiro que divulgou a malsinada e tão repetida fotografia acima referida. Aliás, é o próprio Farago que dá a ficha de Erdstein, o qual no Brasil se fez conhecido pelo apelido de 'Doutor Erico', expulso da casa paterna em Viena como 'ovelha negra da família', em virtude de suas inúmeras bandalheiras, correu o mundo em busca de sensações fortes, prestando serviços nem sempre bem caracterizado

as polícias de diversos países, e foi nas solitárias margens do Rio Paraná, durante uma vigília noturna, que sentiu despertar em si a vocação de caçanazistas, sendo que a partir daí, Erdstein se autoinvestiu das funções de agente secreto, estilo James Bond (Vd. Faremath, ed. Alemã pg. 336).<sup>316</sup>

Gasa e Seyboth afirmam que Erdstein é um tipo de James Bond, um personagem de uma série de filmes no estilo ficção-policial que leva o mesmo nome do personagem. No dicionário,<sup>317</sup> o termo ficção significa: fingimento, invenção, fábula, suposição (do orador para abrilhantar o seu discurso). Portanto, Erdstein seria uma farsa, uma “ficção”. Toda a história de Erdstein seria essa aventura, essa ficção, como nos filmes de 007 e o protagonista do filme, ao invés de ser James Bond, agora seria Erich Erdstein. Além disso, podemos observar toda a indignação dos acusados perante todas as acusações que relacionaram seus nomes.

Esta mesma fotografia apareceu tempos depois na matéria intitulada “*O IV REICH: Bormann foi fotografado na Bolívia. Mengele ainda está vivo e em liberdade. Como eles, milhares de nazistas fugiram das ruínas do III Reich e formaram um novo Estado invisível, enganando a polícia de vários países*”; da revista “Realidade” de fevereiro de 1976.<sup>318</sup>

---

<sup>316</sup> Trecho retirado da carta mandada por Gasa e Seyboth ao editor da revista Manchete. Mal.Cdo.Rondon, PR., 8 de setembro de 1975. **A DI-REÇÃO DA REVISTA MANCHETE – RIO DE JANEIRO.**

<sup>317</sup> Dicionário online Priberam. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo>. Acessado dia 29 de setembro de 2010.

<sup>318</sup> Revista **Realidade**, São Paulo, nº 119 ano X. Fevereiro 1976. Ed. Abril. Esse fato também levou Gasa e Seyboth a mandarem uma carta pedindo retratação pelas inverdades escritas pela revista sobre a fotografia.

A foto aparece também na matéria publicada pela revista italiana *L'Espresso*, intitulada: *L'uomo che parlò com Bormann* (O homem que falou com Bormann),<sup>319</sup> matéria baseada no livro de Farago e numa entrevista cedida por ele à revista. Outro órgão de imprensa internacional que apresentou a fotografia e também se baseou no livro para produzir a matéria intitulada "*Bormann vive na Argentina*", foi a revista alemã *Quick*, de 24/30 de abril de 1975.

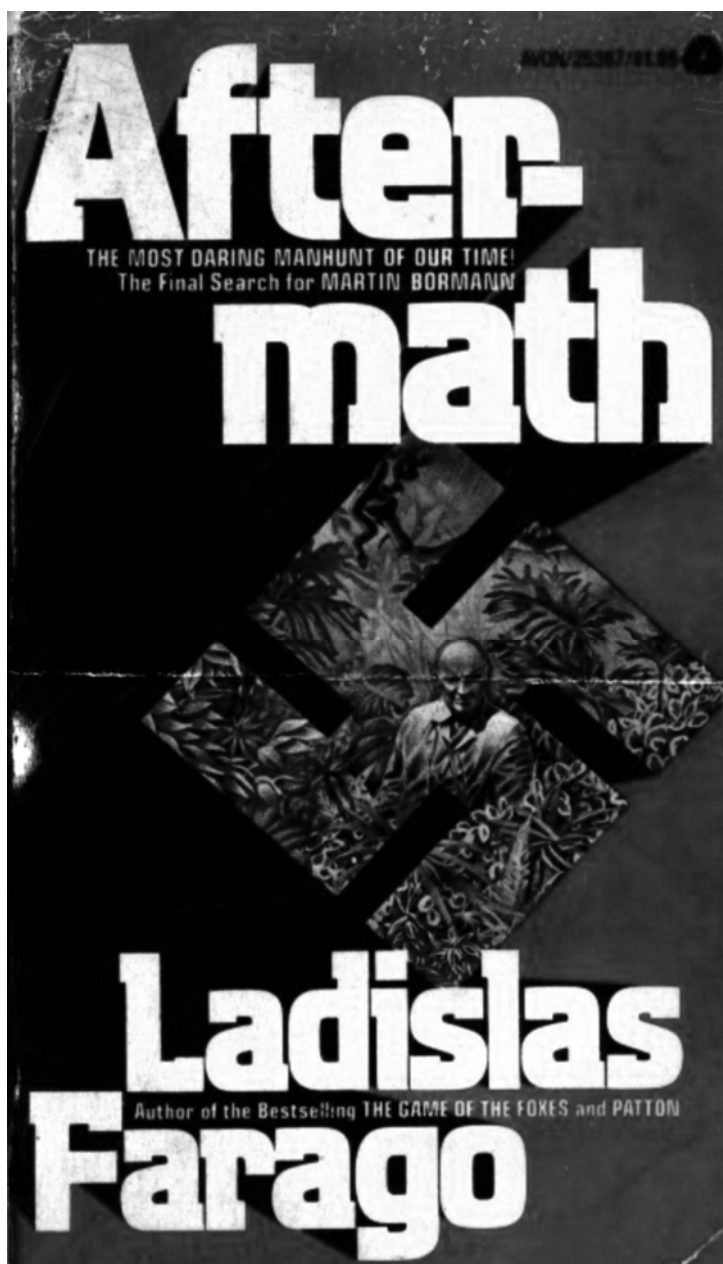
Essa fotografia também serviu de referência para a capa da segunda edição do livro de Farago publicada em 1975 sob o título: *Aftermath. The Most Daring Manhunt of our Time. The final Search for Martin Bormann* (Consequências: A mais ousada caçada humana do nosso tempo. A procura final por Martin Bormann).<sup>320</sup> Essa edição se diferenciava por ser em formato menor e por levar na capa a foto que sugere Gasa ser Martin Bormann escondido nas florestas da América Latina:

---

Fato que não pode ser atendido devido à falência da mesma tempos depois.

<sup>319</sup> Revista **L'Espresso**, s/d.

<sup>320</sup> FARAGO, Ladislav. **Aftermath: The Most Daring Manhunt of our Time. The Final Search for Martin Bormann**. 2ª edição. New York: Simon and Schuster, 1975.



**IMAGEM 19** – Segunda edição do livro de Ladislav Farago.  
Fonte: FARAGO, Ladislav. **Aftermath**. Op. Cit. 1975.

Porém, como vimos na carta, segundo o próprio Gasa, a foto em questão foi tirada por dois jornalistas argentinos que certa vez estiveram em Marechal Rondon durante um desfile de 7 de setembro, no início dos anos de 1970. Podemos observar que os discursos formados por Erdstein sobre as cidades de Marechal Rondon e Rio do Sul (Dona Emma) encontram sustentação, ou condições de produção através de leituras sobre o contexto histórico dos municípios, em deduções baseadas principalmente pelo fato delas serem formadas basicamente por descendentes e imigrantes alemães que mantiveram certas tradições germânicas como a língua, a arquitetura e os costumes.<sup>321</sup> Também a partir da leitura do perfil de alguns de seus moradores como Seyboth e Gasa que participaram da Segunda Guerra Mundial, pelas tropas nazistas, e conseqüentemente foram tachados como os líderes de uma conspiração para reerguer o *Reich* na América. E de fato não foi difícil para Erdstein os relacionarem desse modo. Somando-se a isso, Erdstein lançou mão de sua condição de “agente” da DOPS para legitimar suas histórias e relatórios.

Contudo, havia algum tempo as histórias de Erdstein já estavam sendo contestadas (como já vimos pelo caso Lenard) e vários jornais começaram a apresentar o lado “vigarista” de sua pessoa. Como exemplo, temos o jornal *O Estado do Paraná*, que apresenta uma matéria onde aparecem as falcatruas efetuadas por Erdstein:

O comprometimento alegado das autoridades brasileiras fazem destacar a necessidade de que a opinião pública nacional e internacional, venha efetivamente tomar conhecimento da figura inescrupulosa, profissional e aventureira de Erich Erdstein. Austríaco de nascimento, à época da

---

<sup>321</sup> STEIN, Marcos Nestor. **A construção do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon (1946-1996)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis: 2000.

segunda guerra surgiu na América do Sul. Em 43 foi preso pelas autoridades argentinas, em Tucumán, sob suspeita de ser agente de potência estrangeira. Acionada a Interpol em Paris, foram apurados os seguintes registros policiais: 28-2-40, apropriação indébita; 13-1-44, informações requeridas por juiz de instrução, ignora-se a solução; 18-8-46, jogos de azar; 8-10-45, imputado em crime de fraude; 10-9-57, investigações pelo juiz do 1º turno; 30-12-57, requerida a investigação pelo juiz de 4º turno; 1-8-60, investigação pelo juiz de 1º turno. Em 59 a sua presença foi revelada em Porto Alegre, foragido de uma ordem de prisão pendente no Uruguai, pela prática de estelionato [...] Dívida de 2 mil cruzeiros novos para com o sr. Ghunter Solzemberg (refeições e dinheiro emprestado) proprietário do restaurante Canequinho em Foz do Iguaçu; dívida de 2 mil e 500 cruzeiros novos, Hotel Cassino Acaray, no Paraguai; parte da dívida de 2,500 cruzeiros novos (1546,00) foi pago em cheque sem fundos ao Palace Hotel, em Foz do Iguaçu [...]<sup>322</sup>

Depois das celeumas levantadas por Erdstein em várias cidades, a cúpula da Polícia Civil do Paraná “*achou melhor colocar o 007 trapalhão na geladeira*”,<sup>323</sup> transferindo-o para Foz do Iguaçu. Sua permanência na cidade se tornou insustentável após algum tempo de visto, como visto acima, aos seus “calotes”. Assim, no final de setembro de 1968, o “*agente especial jogou fora a estrela de xerife e atravessou a fronteira com o Paraguai, deixando para trás uma pilha de cheques frios e de contas a pagar*”<sup>324</sup> e do Paraguai foi para Londres.

---

<sup>322</sup> Jornal **O ESTADO DO PARANÁ**. Curitiba, Quarta Feira, 26/02/1969. p. 8.

<sup>323</sup> Revista **Oeste**. 1991, nº 67 p. 32.

<sup>324</sup> *Ibidem*.

As notícias sobre o paradeiro de Erdstein se tornam escassas após ele ter ido para a Inglaterra. De acordo com Ladislav Farago, na época que escreveu o seu livro – 1974 – Erdstein estaria morando nos Estados Unidos e depois disso não temos mais nenhuma informação sobre ele.

O interessante é perceber como Erdstein acreditava na história que estava contando, mesmo depois de se constatar que elas não eram verdadeiras e meras invenções de sua mente. Pois, como já vimos, um mito, um imaginário, antes mesmo de ser coletivo é individual. Como afirma Wolfgang Heuer,<sup>325</sup> a tentação de inventar uma história que se pretende real, costuma ser potencializada pelo fato de que a mentira, ao contrário da verdade, possui uma força criativa. Sobre esse assunto, Heuer cita Hannah Arendt, que por ocasião das discussões em torno do seu livro *Eichmann em Jerusalém* e as controvérsias em torno dele, descreveu o que efetivamente é a verdade, e quais são as vantagens da mentira sobre a verdade.

Segundo Heuer, ela distingue entre três tipos de discurso: mentir, dizer a verdade, e dar destaque a determinadas realidades em favor do interesse de um grupo:

No primeiro caso, segundo Arendt, o mentir sempre constitui “em primeiro lugar, uma ação”, enquanto o dizer a verdade não o é. O dizer a verdade é algo totalmente independente, e por isso sua posição dentro da discussão pública e da política é complicada. Pois, “na vida política praticamente não existe um tipo de humano que desencadeie dúvidas tão fortes sobre sua veracidade quanto aquele que deve dizer a verdade

---

<sup>325</sup> HEUER, Wolfgang. **A Síndrome Wilmorski**. In: Estudos Iber-Americanos, Edição Especial, n. 2, p. 35-47, 2006.

por razões profissionais, que sugere representar uma harmonia preestabelecida entre interesses e verdade. Em contrapartida, aquele que mente não precisa recorrer a meios tão duvidosos para atingir seus fins políticos. Ele tem a vantagem de estar sempre em meio à política. Seja lá o que ele disser, não se trata apenas de algo dito, mas de uma ação. Ele diz o que não é, porque deseja modificar aquilo que é. Ele é o grande beneficiário do inegável parentesco entre a capacidade humana de modificar as coisas e a misteriosa capacidade de dizer ‘o sol brilha’, enquanto lá fora está chovendo aos cântaros”. Não se acredita naquele que diz a “verdade por profissão”, porque tanto a verdade quanto o dizer a verdade correm perigo tão logo interesses entram em jogo [...]<sup>326</sup>

Fato é que o mentiroso se transforma tanto mais fácil em vítima de suas próprias mentiras quão mais bem sucedido ele se mostra na sua difusão pelo mundo, mas também que o ludibriador, exatamente por acreditar nas suas próprias mentiras, parece merecer muito mais crédito do que aquele que afirma uma inverdade, de forma consciente e soberana, e com isso arma sua própria “arapuca”.<sup>327</sup>

Erich Erdstein foi, sem dúvida, muito bem-sucedido com as histórias que contou, vide a enorme repercussão que elas tiveram na imprensa nacional e internacional. Parece-nos que se entregou de forma total ao papel que se auto-atribuíra – de caçador de nazistas – e, por outro lado, o público e principalmente a imprensa, por algum tempo, estavam dispostos a acreditar no seu mundo e na sua realidade.

---

<sup>326</sup> Ibidem. p. 46.

<sup>327</sup> Ibidem.



## Considerações finais

Não importa se são famosos, ou apenas abomináveis, os homens que o público “adora” não morrem simplesmente. Eles parecem não serem transportados num caixão, enterrados e esquecidos com o devido passar do tempo, como é o destino da maioria de nós. Eles continuam a viver na mente das pessoas e muitas vezes até mesmo sob a forma física. Algumas pessoas simplesmente não acreditam que estejam mortas. John F. Kennedy, por exemplo, que foi presidente dos Estados Unidos, foi assassinado diante de um público enorme. Mesmo assim, dois anos após a sua morte, surgiram rumores de que ele ainda estava vivo, mas paralítico, num hospital em Dallas.

Desde que passou a existir uma imprensa popular, ou seja, os meios de comunicação de massa, aqueles homens que se tornaram os mais conhecidos da história, parecem que não possuem o direito de morrer. Ainda mais quando a morte dessas pessoas acontece sob circunstâncias misteriosas e por motivos ou razões desconhecidas do grande público: Hitler, Elvis Presley, Kurt Cobain – e não é de se espantar se daqui algum tempo, notícias sobre o paradeiro de Osama Bin Laden surgirem em várias regiões do mundo – sobre todos esses foram vinculadas notícias afirmando como conseguiram escapar da morte “por um milagre”, pois estariam vivos em alguma parte remota do globo terrestre. E foram as “desconhecidas e duvidosas” circunstâncias da morte de Hitler e Bormann que possibilitaram, pelo menos na mente das pessoas, que eles continuassem vivos, assim como o *IV Reich*.

O discurso oficial, ou seja, a versão mais aceita após o término da Segunda Guerra Mundial, afirma que Hitler e Eva Braun, sua esposa, se suicidaram em Berlim no dia 30 de abril de 1945, dois dias antes do Exército Vermelho ocupar a capital alemã. Verificamos esse discurso, por exemplo, em livros didáticos que tratam sobre a questão da Segunda Guerra Mundial.<sup>328</sup> Esse é o discurso oficial acadêmico e não queremos e nem pretendemos aqui deslegitimá-lo, mas sim mostrar que pelo menos no imaginário que se formou após o encerramento do conflito, esse discurso foi resignificado por um grande número de escritores que publicaram várias obras literárias sobre a fuga de Hitler da Alemanha culminando na reestruturação do nazismo em algum lugar da América do Sul.

Ladislav Farago não crê na versão de que Bormann morreu em Berlim no ano de 1945 e que a ossada encontrada nas proximidades de uma estação ferroviária em 1972, na antiga capital do *Reich* alemão, sejam os restos mortais do homem que teve decisiva influência na implantação dos campos de concentração e dos genocídios praticados contra milhões de judeus. Todavia, em abril de 1998 foi realizado um teste de DNA na ossada que confirmou serem de Bormann, que morreu no final da Segunda Guerra Mundial.<sup>329</sup>

Ainda, em abril de 1992 o argentino Juan José Velasco, que vendeu em 1972 os documentos sobre Bormann que Farago utilizou em seu livro – alguns deles apresentados anteriormente – contou como havia enganando-o, vendendo-lhe documentos falsos:

---

<sup>328</sup> Por exemplo, o livro didático de: FIGUEIRA, Divalte Garcia. **História**. São Paulo: Ática, 2005.

<sup>329</sup> Revista **VEJA**. São Paulo: 11 de novembro de 1998. p. 138.

“Eu havia estado com ele duas vezes em setembro e no princípio de dezembro de 1972 eu sabia que ele estava interessado em conseguir materiais sobre Bormann. Foi muito fácil fazer porque eu tinha papel timbrado. Só foi questão de inventar informes e colocar neles selos e códigos para que parecessem autênticos. Ele comprou todo o material. Na realidade, tudo parecia muito confiável [...]”<sup>330</sup>

Em 1977 Wiesenthal admitiu ter errado em sustentar que Bormann havia se refugiado na América Latina e que considerava os restos mortais encontrados em 1972 em Berlim como uma prova irrefutável da morte de Bormann no dia 2 de maio de 1945 – provas que Farago desqualificou em seu livro.<sup>331</sup>

Já Erich Erdstein afirma ter matado Josef Mengele na Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina. Contudo, na década de 1980, após a exumação de um cadáver no cemitério do Embu, São Paulo, constatou-se que se tratava de Mengele, que havia morrido em 1979 por afogamento em Bertioga, litoral paulista.<sup>332</sup>

É interessante perceber que essas “incríveis aventuras” pretendem-se reais. Ou seja, os autores realmente acreditam na história que estão narrando. Podemos perceber isso nas quatro obras narradas nesse capítulo. Por exemplo, o livro de Charles Whiting:

Minha caça particular a Martin Bormann levou-me a dois continentes e seis países. É uma história

---

<sup>330</sup> BURNSIDE, Patrick. Op. Cit., p. 563.

<sup>331</sup> Ibidem. p. 558.

<sup>332</sup> Jornal **O ESTADO DO PARANÁ**. Curitiba: 6 de Agosto de 1991. p. 02.

composta de enganos e traições, pulos de um ponto a outro do globo, sexo *à la nazi*, pinceladas de sor-didez e *high-society*, personagens extraordinários envolvidos, e todos os toques excêntricos obrigató-rios nas histórias de detetives desde a invenção de Sherlock Holmes. No entanto, não se trata aqui de ficção. Tudo são fatos. E sempre muito reais. Eis a história da maior caçada humana de todos os tempos e do maior enredo detetivesco que o mundo já co-nheceu: a caça a Martin Bormann.<sup>333</sup>

Também podemos observar esse fato no livro de Ladislav Farago:

Baseado em entrevistas (algumas das quais fizeram parte de manchetes em todo o mundo), documentos e arquivos secretos, **Aftermath** é o primeiro regis-tro real de uma notável e bem sucedida conspiração mundial, que teve início nas ruínas flamejantes da derrotada Alemanha nazista e terminou em um ou-tro continente em uma nova hierarquia nazista, com o evasivo **gran fugitivo**, Martin Bormann, na sua liderança.<sup>334</sup>

Botacini, Abel Basti, Gerrard Williams e Simon Dunstan não acreditam que Hitler tenha se suicidado no seu *bunker* em Berlim. Como afirma Girardet, isso se explica por que, de fato, não há nenhum

---

<sup>333</sup> WHITING, Charles. Op. Cit. p. 7.

<sup>334</sup> Based upon interviews (some which will make headlines throughout the world), documents and secret files, **Aftermath**, is the first real record of a remarkable and successful world-wide conspiracy, one which began in the flaming ruins of a defeated Nazi Germany and ended on another continent in a new Nazi hierarchy, with the elusive **gran fugitivo**, Martin Bormann, at its head. Tradução livre de Marcos Meinerz. Ibidem. p. 1.

dos apelos dos mitos políticos de nosso tempo, em sua multiplicidade e em suas contradições, que não possa recolher em nós mesmos virtualidades de resposta, já que foi em nós mesmos, por nós mesmos, na banalidade de nosso inconsciente, que encontraram sua primeira expressão, manifestaram suas primeiras exigências. Portanto, um mito, um imaginário, antes mesmo de ser coletivo é individual.

E quaisquer que sejam a natureza e a aparente motivação da conspiração, trata-se sempre de corresponder a uma inestinguível vontade de poder e de retornar o sonho eterno da edificação de um Império em escala universal, da unificação do globo sob uma única e total autoridade. Ou seja, Hitler e o *IV Reich*.

Nas obras aqui abordadas, que representam os discursos do imaginário político da conspiração nazista, temos a exacerbação de um fato ocorrido após o término da guerra, ou seja: ao denunciar que essas pessoas, que foram consideradas criminosas de guerra nazista, estão vivendo impunemente nas terras latino-americanas, como muitos viveram, os autores retratam uma realidade, porém a ficionam para tal objetivo. Usam de personagens reais como Mengele, Bormann e Hitler como mote de incríveis aventuras.

Como afirma David Lowenthal, a diferença entre história e ficção reside no fato de que o escritor de ficção é “*forçado a inventar personagens e acontecimentos, ou pensamentos e ações imaginárias para pessoas reais do passado*”.<sup>335</sup> Enquanto para o historiador,

---

<sup>335</sup> LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**. São Paulo: EDUC, nº 17, Novembro 1998. p. 134.

“o seu ofício proíbem-no sabidamente de inventar ou de excluir algo que afete suas conclusões”,<sup>336</sup> ou seja:

Ao se denominar um historiador e a seu trabalho a história, ele escolhe que ela seja julgada pela exatidão, consistência interna e congruência com os registros remanescentes. E ele não se atreve a inventar um personagem, atribuir características desconhecidas ou incidentais aos personagens verdadeiros, ou ignorar características incompatíveis de modo a tornar sua narrativa mais inteligível, porque não poderia esconder tais invenções daqueles que têm acesso aos registros públicos nem justificá-las quando descobertas.<sup>337</sup>

As narrativas presentes nos livros de Erdstein e Farago, por exemplo, encaixam-se no estilo ficção-policia, em que os autores utilizam a fuga de nazistas para a América Latina como mote para livros ficcionais com personagens reais. Romantizam os fatos, interpretando-os de acordo com a história que querem contar.

Quando muitas pessoas que estão fora da academia se deparam com histórias como as que acabamos de analisar, que tentam se fundamentar em documentos, provas, imagens e num texto, na maioria das vezes, muito bem escrito e argumentado (ou em um texto de cunho sensacionalista), não é difícil acreditarem nesse “mundo” conspiratório onde Hitler estaria vivo e o *IV Reich* prestes a surgir do meio da “selva” latino-americana. Muitas destas pessoas não têm o preparo,

---

<sup>336</sup> Ibidem. p. 134.

<sup>337</sup> Ibidem.

não possuem instrumentos necessários em sua “caixa de ferramenta” para poder analisar mais profundamente essas histórias que se apresentam tão fantásticas e fascinantes. Ainda mais quando o assunto é complexo e polêmico como o nazismo.

Há tempos atrás cheguei a escutar de um amigo a seguinte frase: “me desculpe, mas tudo o que você aprende no curso de História, você pode aprender assistindo o *History Channel*”. Isso demonstra que a “História” que aprendemos na academia, com várias metodologias e teorias, muitas vezes, não é a mesma para a grande maioria das pessoas. E não é de se espantar que livros, filmes, programas de televisão, matérias de jornais e revistas que abordam esse tema tenham vendagem garantida nas livrarias e bancas de todo o mundo e que exista um público predisposto a acreditar nesses discursos, nessa versão da história.

E no meio acadêmico esses discursos que acabamos de analisar podem parecer sem crédito, não passando de meras fantasias. Não possuem respaldo devido à falta de provas que confirmariam que, por exemplo, Hitler teria conseguido fugir da Alemanha e vivido o resto da sua vida na Argentina e/ou alguma prova concreta que confirmaria a existência de um *IV Reich* em formação na América Latina após a Segunda Guerra Mundial. Porém, esse discurso teve grande circulação nas décadas que se seguiram ao término da guerra e ainda é mantido em circulação vide a constante produção de livros sobre o tema.

Devemos, então, analisar esse imaginário, traduzido em um discurso, como derivado de um complexo conjunto de práticas que os mantêm em circulação e que não são imagináveis sem um contexto receptivo, ou até uma procura ansiosa por histórias desse tipo. Inclui-se nesse contexto todo o aparato cultural e científico que se dedica ao tema: os leitores, as editoras, os autores, os meios de comunicação e os historiadores. Como afirma João Fábio Bertonha, na sociedade

contemporânea tudo o que se refere a conspirações tem garantia de venda. Livros sobre a *Opus Dei* ou o assassinato de Kennedy, por exemplo, têm público garantido e representam parte importante do movimento das livrarias. Dessa maneira, tudo que é relacionado ao nazismo também atrai a atenção. “*Não espanta, assim, como livros e revistas sobre conspirações nazistas, sobre o relacionamento do nazismo com o oculto e temas correlatos tenham tanto público no mundo todo e há muito tempo*”.<sup>338</sup> Podemos falar da existência de uma “indústria” voltada ao tema.

E essa “indústria” se aproveita da existência de um fascínio pelo oculto, de uma curiosidade mórbida e do medo daquilo que parece insidioso e incontrolável, para, desde a década de 1940, lançarem produtos e mais produtos que encontram compradores em vários locais do mundo movidos por tais sentimentos. E no contexto do pós-guerra, certamente existiram muitas pessoas interessadas em ganhar algum dinheiro escrevendo tais histórias, pois até pagavam recompensas para quem soubesse de pistas sobre o paradeiro de nazistas fugitivos como Eichmann, Mengele e Klaus Barbie. Uma das instituições que pagavam por tais informações era o serviço secreto do governo de Israel, a Mossad - *Instituto para Inteligência e Operações Especiais*. Uma das suas principais operações realizadas, foi o sequestro, com a colaboração do caçador de nazistas Simon Wiesenthal, do criminoso de guerra nazista Adolf Eichmann, sequestrado na Argentina e levado secretamente para Israel, onde foi sentenciado a morte por enforcamento em 1962.

---

<sup>338</sup> BERTONHA, João Fábio. **Nazismo, ocultismo e conspirações**. Disponível em: [www.unisinos.br/publicacoes\\_cientificas/images/stories/Publicacoes/histv11n3/381a384\\_rs\\_bertonhal%5Brev%5D.pdf](http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/Publicacoes/histv11n3/381a384_rs_bertonhal%5Brev%5D.pdf). Acesso em 10.01.2011.



A existência dessa “indústria” comprova que, pelo menos na mente das pessoas e na linguagem, o *III* ou o *IV Reich*, Hitler e Bormann continuam ou continuaram vivos por muito tempo. Mas não podemos entender o imaginário da formação do *IV Reich* na América Latina como mera criação da indústria cultural imposta à sociedade ou vendida com o objetivo de enganar o público. Como vimos ao longo deste trabalho, os significados atribuídos a esse imaginário foram elaborados a partir da interação entre a imprensa e vários atores – uns que realmente acreditavam que o *IV Reich* poderia se erguer e outros que simplesmente queriam vender uma boa história a fim de conseguirem algum dinheiro – de uma sociedade fortemente marcada pelos temores e medos relacionados ao contexto da Guerra Fria. Ou seja, o *IV Reich* foi uma representação inventada coletivamente.

Outro fator importante para a compreensão desse imaginário foi o estigma que os alemães adquiriram após o período em que o nazismo dominou a Alemanha. Ao terminar a guerra os alemães - simplesmente por o serem - podiam ser vistos como nazistas que iriam levar adiante os ideais do nazismo e de Hitler. Como observamos o nazismo não “morreu” com o final da guerra, mas continuou “vivo” por muito tempo representado não somente pelos mais diferentes meios de comunicações, mas também pelos próprios alemães que podiam ser vistos como uma ameaça à população mundial. Assim, as acusações sobre vários imigrantes e descendentes de alemães do Brasil e da América Latina se fundamentaram principalmente nesse estigma. Já que eram alemães, logo eram nazistas, logo ajudariam os “discípulos” de Hitler a levantar o *IV Reich* no continente. Ainda mais quando essas pessoas eram consideradas misteriosas por parte da sociedade local. E outro fato fundamental para a formação desse imaginário – que já foi frisado nos capítulos anteriores – foi a fuga desses “discípulos” para a América do Sul.

Portanto, podemos explicar esse imaginário pela combinação de três importantes fatores históricos: a constante produção da indústria cultural, o contexto do pós-guerra e da Guerra Fria e a riqueza imaginativa da representação do nazismo, que podia ser visto como sinônimo de medo e insegurança, durante e após a Segunda Guerra Mundial.

E percebemos que o imaginário da formação do *IV Reich* na América Latina se consolida ou cria suas “raízes” na mente das pessoas, justamente pela reprodução em quantidades razoáveis da mesma ideia, ao mesmo tempo em que está contribuindo para formá-la. E todos os meios de comunicação citados aqui têm o seu percentual de importância na sua formação.

Estes fatores comprovam que desde o término da guerra o nazismo continua a nos provocar curiosidade, fascínio e medo. Seus personagens continuam a inspirar obras historiográficas ou ficcionais, mais de 60 anos depois de encerrada a Segunda Guerra Mundial. E da mesma forma que “*Elvis não morreu*”, Hitler e o nazismo também não, senão formalmente, pelo menos na mente das pessoas.

# Fontes

## Literatura:

BASTI, Abel. **El exílio de Hitler**. Argentina: Sudamericana, 2010.

BOTACINI, Roberto. **Nazistas na América**. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1964.

\_\_\_\_\_. **Onde estará Hitler**. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1964.

\_\_\_\_\_. **A fuga de Hitler**. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1965.

\_\_\_\_\_. **O nazismo sobrevive ao Terceiro Reich**. São Paulo: Combrig, 1977.

BURNSIDE, Patrick. **El escape de Hitler**. Buenos Aires: Planeta, 2000.

CAMARASA, Jorge. **Mengele: El Angel de la Muerte en Sudamérica**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2008.

\_\_\_\_\_. **Odessa al Sur: La Argentina como refugio de nazis y criminales de guerra**. Argentina: Planeta, 1995.

COOPER, Harry. **Escape from the Bunker**. Createspace, 2006.

DE NAPOLI, Carlos, SALINA, Juan. **Ultramar Sul - A última operação secreta do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

ERDSTEIN, Erich e Bean, Bárbara. **Renascimento da Suástica no Brasil**. São Paulo: Circulo do Livro S.A., 1977.

FARAGO, Ladislav. **Aftermath: The Most Daring Manhunt of our Time. The Final Search for Martin Bormann**. 2º edição. New York: Simon and Schuster, 1975.

\_\_\_\_\_. **Aftermath: Martin Bormann and the Fourth Reich**. New York: Simon and Schuster, 1974.

\_\_\_\_\_. **Scheintot**. Hamburg: Hoffmann and Kampner Verlag, 1975.

FLORES, Anencir. **Meus dois corpos**. Rio Grande do Sul: Gráfica Coli, 2007.

- FORSYTH, Frederick. **O Dossiê Odessa**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- LEVIN, Ira. **Os meninos do Brasil**. São Paulo: Circulo do Livro, 1976.
- LUDLUM, Robert. **The Holcroft Covenant**. United Kingdom: Harper-Collins, 1978.
- MANNING, Paul. **Martin Bormann – Nazi in Exile**. Somerville: Lyle Stuart, 1981.
- SINCLAIR, Michael. **A long time sleeping**. New York: Norton, 1975.
- STEVENSON, William. **The Bormann Brotherhood**. Harcourt: Brace, Jovanovich, 1973.
- SZABO, Lasdílao. **Hitler esta Vivo**. Argentina: Tabano, 1947.
- WHITING, Charles. **À caça de Martin Bormann**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- WILLIAMS, G. DUNSTAN, S. **The Grey Wolf – The Escape of Adolf Hitler**. United Kingdom: Sterling, 2011.

## Jornais e Revistas

- Jornal **A TRIBUNA**, Vitória, 04 de dezembro de 2011.
- JORNAL DA TARDE**, São Paulo, 18 de maio de 1968.
- Jornal **FOLHA DE LONDRINA**, Londrina, 20 de abril de 1989.
- Jornal **O ESTADO DO PARANÁ**, Curitiba, 13 de dezembro de 1967.
- Jornal **O ESTADO DO PARANÁ**, Curitiba, 14 de dezembro de 1967.
- Jornal **O ESTADO DO PARANÁ**, Curitiba, 15 de dezembro de 1967.
- Jornal **O ESTADO DO PARANÁ**, Curitiba, 16 de dezembro de 1967.
- Jornal **O ESTADO DO PARANÁ**, Curitiba, 26 de fevereiro de 1969.
- Jornal **O ESTADO DO PARANÁ**, Curitiba, 06 de Agosto de 1991.
- Jornal **O PARANÁ**, Cascavel, 1º de outubro de 1976.

Jornal **O PARANÁ**, Cascavel, 03 de outubro de 1976.

Jornal **RONDON HOJE**, Marechal Cândido Rondon: n.º 38. 13 a 20 de maio de 1978.

Jornal **RONDON HOJE**, Marechal Cândido Rondon, de 10 a 17 de junho de 1978.

Revista **OESTE**, Outubro de 1991, n.º 65.

Revista **OESTE**, Dezembro de 1991, n.º 67.

Revista **REALIDADE**, São Paulo, n.º 119 ano X. Fevereiro 1976.

Revista **VEJA**. São Paulo: 11 de novembro de 1998.

### **Filmes:**

**O Dossiê de Odessa.** Título original: *The Odessa File*. Direção: Ronald Neame. Duração: 128 minutos, 1974.

**Os Meninos do Brasil.** Título original: *The Boys From Brazil*. Direção: Franklin J. Schaffner. Duração: 123 minutos, 1978.

## Referências bibliográficas

ATHAIDES, Rafael. **O Partido Nazista no Paraná 1933-1942**. Maringá: Eduem, 2011.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BACZKO, Bronislaw. **A imaginação social**. In: Leach, Edmund et Al. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BADEL, Keuly. **A escrita de si e do outro**: Uma biografia de Alexander Lenard (1951 – 1972). Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2006.

BREPOHL DE MAGALHAES, Marionilde D. **Pangermanismo e Nazismo**: A Trajetória Alemã Rumo Ao Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

\_\_\_\_\_. **Imaginação literária e política**: os alemães e o imperialismo 1880/1945. Uberlândia: EDUFU, 2010.

\_\_\_\_\_. **Presença alemã no Brasil**. São Paulo: Editora UNB, 2004.

CEANA. **Comisión para el Esclarecimiento de las Actividades del Nazismo en Argentina**. *Primer informe de avance*. Argentina, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

COSTA, M. R. C. **Carecas do Subúrbio**: Caminhos para o nomadismo moderno. São Paulo: Musa, 2000.

COSTA, Sérgio Corrêa. **Crônicas de uma guerra secreta**: nazismo na América: a conexão argentina. Rio de Janeiro: Record, 2004.

DIRKSEN, Valberto. **Dona Emma**: História do Município. Florianópolis. 1996.

DELUMEAU, Jean. **A história do medo no ocidente**: 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**: Uma introdução. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

ELIADE, Mircea. **Aspectos do Mito**. Lisboa: Edições 70, 1988.

FEBVRE, Lucian. **O problema da incredulidade no século XVI**: a religião de Rabelais. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FINKELSTEIN, Norman. **A indústria do Holocausto**. São Paulo: Record, 2001.

GERTZ, René. **O Perigo Alemão**. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1991.

**O fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1987.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOÑI, Uki. **A Verdadeira Odessa**. Rio de Janeiro. Editora: Record, 2004.

GOODRICK-CLARKE, N. **Sol Negro**: Cultos Arianos, Nazismo Esotérico e Políticas de Identidade. São Paulo: Madras, 2004.

\_\_\_\_\_. **The Occult Roots of Nazism: Secret Aryan Cults and Their Influence on Nazi Ideology.** New York: New York University Press, 1992.

HEUER, Wolfgang. **A Síndrome Wilmorski.** In: Estudos Iber-Americanos, Edição Especial, n. 2, p. 35-47, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOCKENOS, Paul. **Livres para odiar.** Neonazistas: ameaça e poder. São Paulo: Scritta, 1995.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

\_\_\_\_\_. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

\_\_\_\_\_. **A tabela periódica.** Rio de Janeiro: Relume-dumará, 1994.

LOPES, Luiz Roberto. **Do Terceiro Reich ao novo nazismo.** Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1992.

LOSSO, Tiago. **Traços do Brasil.** In: Revista de Sociologia e Política n° 13: Curitiba, Novembro 1999.

LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country.** Cambridge: Cambridge University Press, 1995. In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.** São Paulo: EDUC, n° 17, Novembro 1998.

MAUCH, Cláudia. **Os alemães no sul do Brasil.** Canoas: Ed. ULBRA, 1994.



MELEIRO, Maria Lucília F. **A Mitologia dos povos germânicos**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

MEDING, M. Holger. **Cuantificacion de criminales de guerra segun fuentes alemanas y austríacas**. In: CEANA. Comisión para el Esclarecimiento de las Actividades del Nazismo en Argentina. Primer informe de avance. Argentina, 1998.

MILLS, Sara. **Michel Foucault**. London and New York: Routledge, 2003.

NETO, Odilon Caldeira. **Intolerância e Negacionismo**: Sérgio Oliveira e Revisão Editora. In: Revista História e-história, maio de 2009.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**. Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Editora brasiliense, 1983.

PROST, A; VINCENT, G. **História da vida Privada**. Da 1ª Guerra a nossos dias. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

REICH, William. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, s.d.

SANTOS, Elza H. L. G. **Negacionismo no Brasil**: As obras de S. E. Castan. In: Anais XIII Encontro de História Anpuh-Rio. Rio de Janeiro, 2008.

SEIXAS, Jacy, BRESCIANI, Maria, BREPOHL, Marion. **Razão e paixão na política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: FCC, 1981.

SILVA, Kalina Vanderlei Silva, SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 3ª edição, 2010.

STEIN, Marcos Nestor. **A construção do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon (1946-1996)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2000.